

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM BIOÉTICA**

SANDRA DE ALMEIDA

**BIOÉTICA, TECNOLOGIA E MEDO: UMA LEITURA A PARTIR DE
ZYGMENT BAUMAN**

POUSO ALEGRE

2020

Sandra de Almeida

**BIOÉTICA, TECNOLOGIA E MEDO: UMA LEITURA A PARTIR DE
ZYGMENT BAUMAN**

Dissertação apresentada para o programa de
Pós-Graduação em Bioética da Universidade
do Vale do Sapucaí, para obtenção do título de
mestre em Bioética.

Área de concentração: Bioética, Ethos e Meio Ambiente

Orientador: Prof. Dr. Rafael Lazzarotto Simioni

Pouso Alegre - MG

2020

Almeida, Sandra.

Bioética, tecnologia e medo: uma leitura a partir de Zygmunt Bauman /
Sandra de Almeida. – Pouso Alegre: UNIVÁS, 2020.
127f.

Trabalho Final do Mestrado em Bioética, Universidade do Vale do
Sapucai, 2020.

Título em inglês: *Bioethics, technology and fear: a reading from Zygmunt
Bauman.*

Orientador: Prof. Dr. Rafael Lazzarotto Simioni.

1. Bioética. 2. Modernidade. 3. Globalização. 4. Medo da morte.
I. Título.

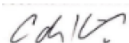
CDD: 179

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada “BIOÉTICA, TECNOLOGIA E MEDO: UMA LEITURA A PARTIR DE ZYGMUNT BAUMAN” foi defendida, em 13 de julho de 2020, por SANDRA DE ALMEIDA, aluna regularmente matriculada no Mestrado em Bioética, sob o Registro Acadêmico nº 98014426, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Prof. Dr. Rafael Lazzarotto Simioni
Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS
Orientador



Prof. Dr. Edson Vieira da Silva Filho
Faculdade de Direito do Sul de Minas – FDSM
Examinador



Prof. Dr. Virgínio Cândido Tosta de Souza
Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação, aos meus professores do Mestrado em Bioética, que sempre estiveram presentes na minha jornada e que me ajudaram transformando-me diariamente em uma pessoa melhor.

Dedico aos meus colegas de trabalho, em especial à Josiane da Silva Ferreira Diniz, que sempre me apoiou e me ajudou em todos os momentos, com um sorriso de alegria a cada vitória; e também ao Adriano Capozoli que sempre acreditou em minha potencialidade e vontade de fazer cada vez o melhor.

Dedico à minha mãe, Irene Viana Almeida. Recordo-me criança de seus esforços para que eu e minhas irmãs pudéssemos estudar, poupando-nos de quaisquer outras atividades para que nada prejudicasse o mais precioso tempo de estudo. Ela queria para nós as oportunidades de estudo que ela não teve. A ela, todo meu esforço para me tornar quem sou.

Dedico à Academia Pouso-alegrense de Letras, em especial à Maristela Saponara Corrêa e ao Mayke Riceli, que acreditaram no meu trabalho e na minha paixão pelas letras, pela arte e pela poesia, permitindo-me a honrada ocupação da cadeira de nº 27 da Academia – Patrono Sebastião Ferraz de Barros.

Dedico em especial também a Paulo Cesar Coelho, um grande pintor apaixonado pela arte, pela cultura e pela música. Um grande crítico da política e da estrutura social, cujo pensamento me instigou à descoberta do tema a explorar.

Dedico ainda, à memória do meu pai, Darcy de Almeida, responsável pelo meu caráter e ética. Quantos finais de tarde, ao nascer da lua, sentávamos em alguma área da casa, a conversar sobre a vida, sobre Deus e o amor incondicional à família. Ele tinha uma proteção exagerada, mas desobedeci a suas palavras que diziam não vá, fique em casa que é mais seguro, mas eu ousei e fui. O que ele diria hoje se visse quem eu me tornei?

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Dr. Marcelo Couto Luna de Almeida – Diretor Presidente da Unimed Sul Mineira e à Norma Moreira de Paiva Carvalho – Gerente Administrativa, que permitiram minhas ausências ao trabalho, para cursar as disciplinas. Sem o apoio deles este trabalho não seria possível. Para eles, o desenvolvimento e o crescimento devem ser apoiados. Relembrando uma frase de Albert Einstein, sempre usada pelo Dr. Marcelo: “Loucura é querer resultados diferentes fazendo tudo exatamente igual.”

Agradeço às minhas irmãs que me apoiaram em minhas ausências por diversas vezes que não pude estar junto à família, e que me incentivaram a continuar e nunca desistir.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rafael Lazzarotto Simioni, por me acompanhar e orientar. Sua perspicácia, inteligência e experiência me permitiram chegar ao final com grande êxito e confiança.

Ao Prof. Dr. Virgínio Cândido Tosta de Souza, cujos ensinamentos foram essenciais para vencer esta etapa; pelas diversas vezes que me incentivou a continuar escrevendo e externar todo o desejo de transformar os sentimentos e conhecimentos em palavras.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas,
mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”

(Carl Gustav Jung)

“Somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de ferro.”

“Um dia quando olhares para trás, verás que os dias mais belos
foram aqueles em que lutaste.”

(Sigmund Freud)

“Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar pode esperar encontrar respostas
para os problemas que a afligem.”

“A única coisa que podemos ter certeza é a incerteza.”

(Zygmunt Bauman)

“O medo tem muitos olhos e enxerga coisas no subterrâneo.”

(Miguel de Cervantes Saavedra)

RESUMO

Este estudo propõe analisar uma das obras de Zygmunt Bauman, Medo Líquido. Nesta obra literária o autor faz uma crítica sobre a maneira como a cultura atual explora as defesas contra o medo e a “liquidez” das relações, termo que o autor definiu para caracterizar a inconstância e a insegurança que as fazem alterar muito rapidamente no mundo moderno. A questão central desta pesquisa é entender, a partir do pensamento do autor, a relação entre a construção social dos medos que afetam os seres humanos e as transformações ocorridas no início do século 21, impulsionadas pelas novas tecnologias. O que estas transformações provocam na vida humana e as preocupações bioéticas em relação a estas mudanças. Analisar o conceito de medo líquido conforme a crítica de Bauman e as consequências dele no mundo moderno que afeta a vida dos seres humanos, assim como a sua relação com a questão dos avanços tecnológicos e a bioética. Para serem alcançados estes resultados, esta pesquisa utiliza uma metodologia analítica, baseada na revisão literária sobre a relação entre bioética, tecnologia e medo, tendo como referencial teórico o pensamento de Zygmunt Bauman. Para tanto, a pesquisa parte da tipologia do medo na modernidade proposta por Bauman e relaciona a bioética e a problemática da tecnologia como um mecanismo social ambivalente, que produz, ao mesmo tempo, novos níveis de segurança e autossuficiência, mas também novos riscos, perigos e medos. Como hipótese, espera-se concluir que a crítica feita por Zygmunt Bauman é um importante alerta para entendermos a liquidez da modernidade como um processo de construção de vidas descartáveis. A globalização negativa tornou as pessoas cada vez mais individualistas, porém dependentes de recursos criados pelas mãos humanas, tornando-se pessoas submissas ao medo.

Palavras-chave: Bioética; Modernidade; Globalização; Medo da morte.

ABSTRACT

This study proposes to analyze one of the works of Zygmunt Bauman, *Liquid Fear*. In this literary work, the author criticizes the way in which current culture explores defenses against fear and the "liquidity" of relationships, a term that the author defined to characterize the inconstancy and insecurity that make them change very quickly in the modern world. . The central question of this research is to understand, from the author's thinking, the relationship between the social construction of fears that affect human beings and the transformations that occurred in the beginning of the 21st century, driven by new technologies. What these changes do to human life and bioethical concerns about these changes. Analyze the concept of liquid fear according to Bauman's criticism and its consequences in the modern world that affects the lives of human beings, as well as its relationship with the issue of technological advances and bioethics. In order to achieve these results, this research uses an analytical methodology, based on the literary review on the relationship between bioethics, technology and fear, having Zygmunt Bauman's thought as a theoretical reference. Therefore, the research starts from the typology of fear in modernity proposed by Bauman and relates bioethics and the problematics of technology as an ambivalent social mechanism, which produces, at the same time, new levels of security and self-sufficiency, but also new risks, dangers and fears. As a hypothesis, it is expected to conclude that the criticism made by Zygmunt Bauman is an important alert to understand the liquidity of modernity as a process of building disposable lives. Negative globalization has made people increasingly individualistic, yet dependent on resources created by human hands, becoming people subject to fear.

Keywords: Bioethics; Modernity; Globalization; Fear of death.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O MEDO NA PÓS-MODERNIDADE.....	14
2.1 Transformação – O Mundo Pós Moderno.....	16
2.2 A Dinâmica dos Medos, Origem e Conceito	17
2.3 Mitigando e explorando os medos	20
2.4 Prazeres Antecipados pelo Medo	26
2.5 Medo da Rejeição, a Vida a Crédito e o Desafio da Bioética	32
3 A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DO MEDO: O MEDO DA MORTE	35
3.1 A Morte como um acontecimento inevitável	36
3.2 O Desejo da Imortalidade.....	38
3.3 A Fragilidade das Relações, as Perdas e o Sentimento de Morte	42
3.4 A Busca da Sobrevivência e da Felicidade	45
4 BIOÉTICA E O MEDO DO MAL	49
4.1 A Culpa é dos Humanos ou de Deus?.....	51
4.2 A Banalidade do Mal	53
4.3 A Esperança na Razão e na Moral	56
4.4 Tempos Líquidos Modernos	59
5 O MEDO DO INCONTROLÁVEL	62
5.1 Seletividade, os Mais Vulneráveis às Catástrofes.....	63
5.2 Desastres Naturais, Falhas Morais	66
5.3 Burocracia e a Defasagem Moral	69
5.4 Individualismo, Ambição, Fracasso do Ser Humano.....	72
6 A GLOBALIZAÇÃO DO MEDO	75
6.1 A Responsabilidade na Sociedade Líquida Moderna.....	77
6.2 A Riqueza e as Crenças Influenciando a Liberdade e a Felicidade	79
6.3 A Sociedade Moderna e o Crescimento da Globalização Negativa.....	81
6.4 A Insegurança e o Medo, a Ética e a Moral	83
7 OS PRINCÍPIOS ÉTICOS E A PREOCUPAÇÃO BIOÉTICA	86
7.1 A Busca Incessante e Individualizada por Segurança.....	88
7.2 A Liberdade Sem Segurança e os Medos Contemporâneos.....	91
7.3 A Indústria do Medo e a Necessidade de Proteção Social	94

7.4 A Necessidade de Proteção e a Perda da Liberdade	97
7.5 Bioética de Intervenção e Proteção	100
8 O DESEJO DE NÃO SENTIR MEDO.....	105
8.1 As Estruturas Econômicas e o Papel dos Intelectuais	106
8.2 A Esperança de um Mundo Melhor	109
8.3 Refletindo Sobre Possíveis Ações Para a Felicidade	111
8.4 Preocupação Bioética, o Mal do Século – A Pandemia.....	113
8.5 O Medo da Pandemia e Suas Consequências.....	117
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	124

1 INTRODUÇÃO

Medo é um sentimento inerente à vida humana que é provocado pelos perigos que nos cercam e ameaçam os nossos corpos e as suas propriedades. Seu estudo mostra como a vulnerabilidade que emerge a partir de nossas reações emocionais nos tornam vítimas fáceis em vários contextos dos riscos que nos afligem, em quaisquer esferas de nossas vidas. Entende-se que há uma aproximação da análise de Zygmunt Bauman com a maneira com que a sociedade explora o medo e vulnera o ser humano, provocando a perda da liberdade. As pessoas se submetem às formas de vida impostas, desde que haja a promessa de segurança, como exemplo, viver em condomínios fechados e rodeados de cercas elétricas, consomem cada vez mais produtos ou serviços que lhes dão a sensação de segurança e de aceitação na sociedade.

A tecnologia influenciou diretamente no desenvolvimento do ser humano, permitindo-lhe facilidades que juntamente com a ciência prometeu à humanidade um mundo melhor, sem riscos e sem medos. Para Zygmunt Bauman, as mudanças rápidas da humanidade são responsáveis pelo medo líquido; nada mais é feito para durar, quando tentamos nos proteger de algum risco, outro poderá emergir a qualquer momento. Além disso, a tecnologia provocou-nos o isolamento pelo uso das redes sociais e fez com que as relações também se tornassem líquidas e fáceis de serem substituídas.

A busca pela liberdade no mundo líquido moderno tornou o ser humano egoísta, isolado e com o desejo de autossuficiência que não foi conquistada. Tornam-se infelizes, não somente pela dificuldade das conquistas mas pela rapidez das perdas. Assim, entende-se a necessidade da Bioética da Proteção e da Intervenção quando o ser humano se torna vulnerado às situações que o medo provoca, e a Bioética da Responsabilidade diante do sofrimento em razão do medo e da insegurança.

Zygmunt Bauman relata em sua obra que devemos manter sempre a esperança de que uma vida melhor pode prosperar, pois somos seres mutáveis e adaptáveis às imposições do mundo líquido moderno. A esperança é o que move as ideias e ações e que deve ser aliada ao conhecimento dos fatos, para então criarmos as defesas e estarmos sempre agindo na busca do tão sonhado mundo melhor.

Muitos fatores são responsáveis por violar a vida dos seres humanos, a tranquilidade e a dignidade de uma vida mais confiável; principalmente no pós-modernismo, época em que foi cultivada a esperança de um mundo mais favorável à

sobrevivência humana e às formas de sustentar um mundo melhor que nunca antes teria existido. Neste contexto, entende-se que fazem parte de uma vida saudável, a satisfação das necessidades humanas sob os aspectos de trabalho, moradia, convívio social e segurança. A percepção da existência de ameaças que podem afetar tais necessidades nos aflige, porque são capazes de perturbar a tão desejada vida melhor e mais confiável. Trata-se de uma percepção que surge no final do século XX e que continua no início do século XXI.

Conhecedoras ou nem sempre conscientes das ameaças que lhes podem tirar a tranquilidade, as pessoas involuntariamente alimentam o sentimento de medo. E quanto mais o medo se instala nos seres humanos, mais provoca neles o sentimento e a vontade de ações que possam pôr fim ou aniquilar as ameaças de maneira a provocar uma sensação melhor de segurança, para se ter uma vida mais feliz e mais saudável.

Porém, sendo a humanidade vulnerável a muitos fatores que a amedronta, considerando que as defesas quando possíveis precisam ser conquistadas e, considerando ainda, que existem ameaças às quais são imprevisíveis, torna-se um fator bioético esta inquietude da vida humana. Tendo em vista que a bioética é uma área de estudo interdisciplinar, pois além de estudar a vida em todas as suas dimensões relacionadas aos problemas éticos que envolvem o direito, a biologia enquanto ciência e as formas e condições de vida dos seres humanos em relação a outros seres humanos; tem-se, portanto, o medo como elemento importante de estudo. Suas causas, e o que este sentimento provoca de forma a tirar a tranquilidade das pessoas, afeta o cotidiano, fazendo-se parceiro constante nas relações que definem as formas de viver.

A busca da confiança, da paz e mesmo da harmonia entre as pessoas, é uma procura a fim de encontrar a felicidade. Porém, essa busca constante e muitas vezes não encontrada na intensidade satisfatória, torna-se um provocador incalculável de sofrimento e perda da liberdade. Na obra de Zygmunt Bauman, “Medo Líquido”, o autor faz uma crítica aos vários tipos de ameaças e o que elas provocam nos seres humanos. Bauman foi um sociólogo que viveu até o início de janeiro de 2017, foi um grande estudioso e crítico das questões sociais, da pós-modernidade e das transformações sofridas pelos seres humanos em função da ciência e da tecnologia, assim como da busca pela liberdade que confronta com o medo. Autor de muitas outras obras, usou o termo líquido em várias. Nada mais é feito para durar, a liquidez das coisas trouxe incerteza, instabilidade, insegurança e instigou mais ainda o medo nas pessoas.

Viver com medo torna o ser humano escravo de necessidades inventadas pelo próprio ser humano com intuito de gerar proteção. Uma vez que pode existir uma forma de se proteger, ele torna-se dependente e escraviza-se em função dela. O estudo desta obra de Zygmunt pretende despertar o conhecimento da sociedade pelo quanto ela se submete ao medo e o quanto cada um faz de si uma pessoa insegura e submissa aos vários fatores impostos pela incerteza e pavor que a liquidez do mundo pós-moderno se tornou.

É possível encontrar vários estudiosos das obras de Zygmunt Bauman que é extensa. Porém, o presente estudo traz como estado da arte o foco na obra do autor de “Medo Líquido”. Pretende-se promover uma leitura reflexiva quanto ao medo no mundo moderno e provocar uma crítica ao mundo contemporâneo, trazendo à tona a preocupação bioética com o sofrimento que este sentimento causa no ser humano.

Nessa perspectiva, esta pesquisa objetiva analisar o conceito de medo líquido no pensamento de Zygmunt Bauman e as consequências dele no mundo moderno que afeta a vida dos seres humanos e a relação dele com a questão dos avanços tecnológicos e a bioética. Analisar o medo da morte e a sua relação com algumas problemáticas sociais contemporâneas; explicitar a relação entre a experiência do medo e a ideia do mal; analisar a relação entre o medo e as estruturas de organização que propõem tendências ao mundo moderno. Identificar as transformações na tipologia dos medos provocadas pelo processo de globalização, evolução científica e ainda, analisar as consequências do medo na vida humana, que transforma cada ser individualizado e egoísta em função das suas defesas e ambições. Identificar as fragilidades dos seres humanos que os tornam vulneráveis às diversas fragilidades às quais seu corpo pode não encontrar defesas.

A presente pesquisa trata-se de uma Revisão literária que utiliza uma metodologia analítica, baseada na revisão literária sobre a relação entre bioética, tecnologia e medo, tendo como referencial teórico o pensamento de Zygmunt Bauman. Para serem alcançados estes resultados, inicialmente pretende-se analisar o medo na Pós-Modernidade.

Para tanto, a pesquisa parte da tipologia do medo na pós-modernidade proposta por Bauman e relaciona a bioética e a problemática da tecnologia como um mecanismo social ambivalente, que produz ao mesmo tempo, novos níveis de segurança e autossuficiência, mas ao mesmo tempo provoca novos riscos, perigos e medos.

2 O MEDO NA PÓS-MODERNIDADE

Zygmunt Bauman foi um sociólogo polonês, autor de muitas obras sobre a “pós-modernidade”. O autor relata em sua obra a experiência de viver em risco, que a pós-modernidade ligada a um período pós 1973, e relata dentre muitos fatos, as novas tecnologias e a instabilidade econômica mundial associada ao neoliberalismo, em um quadro em que a globalização se torna perversa e que marcou a pós-modernidade ou modernidade líquida, por uma desmontagem de padrões de sociabilidade. Igor Zanoni menciona Maria Laurinda Ribeiro Souza, “Tudo é temporário, a modernidade é fluída – tal como os líquidos – e caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma (...)”.

Na obra *Medo Líquido*, Bauman relata e analisa o medo como uma ansiedade das pessoas em tempos pós-modernos relacionados à violência, perda do emprego, perda do amor do parceiro, medo de algum evento natural que possa atingir de alguma forma, o medo da exclusão de quaisquer posição ocupadas pela pessoa na sociedade, no mundo que ela vive. E vai além, Bauman tenta desmistificar suas origens e a forma com que os medos afetam os seres humanos na atualidade (LEÃO e CASTRO, 2009).

Em *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*, o autor cita que o longo do período moderno, houve a tendência de exclusão social como algo temporário e cita que os desempregados sem rendas eram encarados como o “exército de reserva da mão-de-obra” – e isso significava que logo seriam sem dúvida convocados para o serviço ativo e conseqüentemente se juntariam aos demais trabalhadores. Porém, agora falamos de desemprego estrutural e de pessoas que ficam sem trabalho, pois o progresso da economia não é mais um significativo de procura de mão-de-obra. O investimento atual não significa mais emprego e a “racionalização” significa a redução de postos de trabalho. Portanto, o avanço científico e tecnológico torna pessoas redundantes. Elas reivindicam seu direito à sobrevivência, e isso pode mesmo tornar-se um aborrecimento para o restante de nós, pois pensamos de maneira individualista (BAUMAN, 1998e, p.196).

Bauman relata que se esperava da modernidade um caminhar rumo a um mundo livre de temores e que chegaria o tempo do fim das surpresas como as catástrofes e calamidades. Tempo este que teria como fim toda a matéria de que os medos são feitos, porém, vivemos ainda em uma era de temores. Sendo assim, descreve o medo como um nome dado à nossa incerteza, àquilo que não sabemos o que fazer para não sermos

afetados de forma indesejada, o que está além do nosso poder e alcance. (BAUMAN, 2008a, p. 8).

Em sua obra *Modernidade Líquida*, relata ainda que “os sólidos suprimem o tempo” e para o líquido é o contrário, o importante é o tempo. Pois, ao falar em sólido, podemos ignorar o tempo, mas ao dizer fluídos, o tempo está muito presente. Os fluídos fluem, escorrem, esvaem-se e respingam, podem ainda transbordar, vazar ou serem filtrados ou destilados. Os fluídos contornam obstáculo e podem dissolver outros, e ainda contornar caminhos. Os sólidos permanecem sólidos, e à mobilidade dos fluídos dá-se uma ideia de leveza. O autor relembra que a famosa frase sobre “derreter sólidos” foi cunhada há um século e meio pelos autores do Manifesto comunista (BAUMAN, 2001f, p. 4).

Essa revolução contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de ideias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas (MARX e ENGELS, 2005, p.12).

O “espírito” moderno o era, na medida em que a realidade deveria ser emancipada, liberta de sua própria história, o que só poderia ser feito derretendo os sólidos, ou seja, desfazendo aquilo que persiste no tempo. Era essa a intenção que clamava pela “profanação do sagrado”: era o repúdio e perda do seu lugar desde o passado, ocorrendo no presente. Mesmo que presas às crenças e muitas vezes também lealdades, as quais permitiam os sólidos resistirem à liquefação. Derreter os sólidos era a intenção de livrar-se de obrigações “irrelevantes”. Esse desvio da “racionalidade instrumental” - como dizia Weber - ou na formulação de Karl Marx, que a base da vida social permitia outros domínios em que o derretimento dos sólidos permitiu a progressiva libertação da economia, criando uma nova ordem nas relações também sociais (BAUMAN, 2001f, p.5).

2.1 Transformação – O Mundo Pós Moderno

Assim, a Modernidade (1900-1950) finda-se sem que o ser humano tenha encontrado alento para os seus medos. A era pós-moderna é marcada pela ciência e pela arte, que provocou nas pessoas, a esperança de que todos os medos pudessem ser destituídos pelo que a ciência pode oferecer. O pós-modernismo nasceu também com a arquitetura e a computação, tomando força nos anos 60 com a arte, nos anos 70 com a filosofia e a crítica ao ocidente. A ciência e a tecnologia invadiram a vida das pessoas que se apropriaram delas em um ritmo que não teve mais volta (SANTOS, 2004, p. 8-9).

A pós-modernidade criou meios tecnológicos e de comunicação e os colocou entre o ser humano e o mundo em que ele vive, dando formas a este mundo, através da semiurgia. Através da linguística, a antropologia e também a psicanálise, se descobriu que nada existe para o ser humano, nem mesmo ele, se não houver nenhuma representação. Dessa forma, os símbolos inseridos nos meios de comunicação, influenciam tanto no objeto quanto no sujeito (SANTOS, 2004, p. 8-9).

A intensificação das representações é chamada pelos filósofos de desreferencialização do real e a dessubstancialização do sujeito, fazendo-o perder sua substância interior. O mercado do consumo aproveita-se disso. Exemplificando, compra-se um objeto mais pela sua aparência e referência na sociedade do que mesmo pela sua utilidade. Compra-se um carro, pelo discurso sobre ele, pelo status que ele representa. A preocupação com o que se vê e o que isso representa é monitorado pelo mundo da moda. A aparência narcísica que encontra o gosto pelas extravagâncias e o desejo de se mostrar melhor e mais belo que o outro (SANTOS, 2004, p. 16).

O pós-modernismo iniciou simbolicamente em 06/08/1945, quando explodiu a bomba atômica em Hiroxima, triste marco para a história da humanidade. Historicamente, iniciou em torno de 1955 e mais definido na década de 1960, com marcos na arte e na ciência, que afetaram intensamente a sociedade (SANTOS, 2004, p. 20).

Muitas descobertas influenciaram a nova época, o DNA, em 1953 que impulsionou a biologia molecular. Os imensos computadores começaram a diminuir de tamanho com a invenção dos chips. O comportamento humano mudava pelo desejo de liberdade, com papel importante das mulheres com a pílula anticoncepcional que gerou outras mudanças de comportamento e tradição (SANTOS, 2004, p.21).

Os desenvolvimentos da indústria e da ciência nos séculos XIX e XX, deram origem à sociedade industrial, que trouxe o crescimento das nações capitalistas, quando os consumidores das classes médias já estavam em busca de moda e lazer. A razão tecnocientífica, também contribuiu para o início do pós-modernismo, que teve como base as inspirações do Iluminismo, com a introdução de novos valores na sociedade (SANTOS, 2004, p. 22).

A humanidade passou do pré-industrial, da mineração e extração de bens de consumo da terra, para o Industrial, gerando operários e engenheiros a fim de trabalho e materiais de consumo para atender a humanidade que crescia em grande velocidade com a composição da família nuclear. O pós-industrial veio revolucionar a era do trabalho mecanizado para o trabalho da ciência e da tecnologia. Uma revolução da informação, ameaçando não só a força de trabalho, mas o trabalho em si (SANTOS, 2004, p. 23-24).

A sociedade industrial produz bens materiais enquanto a sociedade pós-industrial consome serviços. Os signos são processados por uma lógica que não provém das linhas de produção. O mundo consumista, assim como as finanças, o lazer e ainda a ciência, pedem um sistema informatizado (SANTOS, 2004, p. 25). Na pós-modernidade, a tecnociência traz ao cotidiano o consumismo que questiona valores morais e o hedonismo consumista. As sociedades criaram seus medos alarmantes, como as ameaças nucleares, herdadas da bomba atômica, medos de desastres ecológicos, crises econômicas cada vez mais possíveis pela corrupção política, que traduzem em uma insegurança psicológica criadas nas mentes humanas com objetivos de lucro e poder.

2.2 A Dinâmica dos Medos, Origem e Conceito

A suposta promessa de acabar com os medos, em função da ciência e da tecnologia, não foi cumprida e o medo continuou existindo e ainda existe para a espécie humana.

A modernidade oscilando de um ideal de “vida boa”, prometido pelas ciências e seus fracassos, acabou por constituir-se em um período transitório no qual uma fértil produção científica e uma vasta gama de decepções coexistiram, até que fortemente vinculada aos sistemas de produção sobre fortes influxos do capitalismo e do socialismo, e, ao mesmo tempo passa por duas grandes guerras que colocam questões ligadas ao fracasso do projeto de “vida boa” e a importância da evolução científica que se mostrava tão generosa quanto perigosa (DA SILVA FILHO; KALLAS FILHO, 2014, p. 5).

Nota-se que a espécie humana possui também uma outra maneira de sentir medo e que orienta o comportamento humano de acordo com a percepção do mundo que o cerca, podendo afetar o convívio social. Tem a ver com suas experiências passadas e, mesmo que não haja mais ameaças, estão em suas lembranças, como uma espécie de “medo secundário”. Zygmunt Bauman classificou como “medo derivado” a insegurança sentida e criada na mente dos humanos, fazendo-os acreditarem nos perigos que possam detê-los. É como se a pessoa desenvolvesse uma certa sensibilidade a fenômenos que geram medos futuros ou mesmo uma expectativa de que tais fenômenos possam acontecer. Tornam as pessoas vulneradas ao perigo, algo que possa realmente acontecer, concretizar, sem a chance de fugir para não permitir que ocorra, assim como uma falta de confiança na sua defesa. A pessoa cria em sua mente uma visão de mundo baseada em suas experiências que a deixa em situação de medo (BAUMAN, 2008a, p. 9).

A ausência do hábito, ou a perda dele, pode se tornar um grande causador do medo. Segue como exemplo, as pessoas que pouco saem de suas casas à noite, porque elas têm em sua mente a ideia de que sair à noite as deixam expostas aos perigos. As ruas escuras e desertas oferecem riscos. Dessa forma, não ter o hábito de sair de casa à noite, ou a perda deste hábito, provoca a perda da capacidade de enfrentar estes medos, devido aos perigos que nas ruas escuras possam existir (BAUMAN, 2008a, p. 10).

Bauman relata ainda, três tipos de perigos, pelos quais os medos derivados são responsáveis. Eles são os que ameaçam o corpo e suas propriedades; os que ameaçam a ordem social, a confiança de que conseguirá garantir o sustento próprio e da família, ter um trabalho, um emprego que permita se sentir seguro, como também com a sua durabilidade. Há ainda os perigos que ameaçam a posição que a pessoa tem na sociedade, ou mesmo no mundo, a hierarquia, a posição social e a sua identidade, de gênero, crença religiosa, a etnia. O medo desses perigos está ligado ao medo da exclusão social, pela perda do poder de consumo que são recursos que garantem tanto a subsistência como também a moradia. Provoca a exclusão da pessoa da sociedade de consumo, que deixa de se interessar por ela, são exemplos, os moradores de rua. Os medos derivados podem provocar reações defensivas e até mesmo agressivas na intenção de afastá-los e assim se protegerem (BAUMAN, 2008a, p. 10).

O medo é ubíquo e isso é o que mais amedronta; é possível senti-lo em quaisquer situações do dia-a-dia, não somente nas ruas escuras à noite. Encontra-se nas casas, nos lares, basta uma fresta da janela mal trancada para ir fechá-la imediatamente no momento que se dá conta que está aberta, é necessário prevenir. Até mesmo as

informações vindas dos televisores, embora se saiba que alguém as promoveu na sua total verdade ou não, informações de catástrofes – justificadas pelas mudanças climáticas ao longo dos anos – ou quaisquer outros perigos que ameaçam a tranquilidade. Afinal, o perigo da natureza invadir os lares com inundações, excesso de água, ou mesmo a falta dela, provocando secas, não é algo impossível. É tão fácil amedrontar as pessoas quando são divulgadas em redes de acesso público, jornais e diversas mídias, fazendo com que a notícia se alastre. Esse temor existe em uma notícia que se não for investigada através de fontes de informações científicas confiáveis, podem afetar a existência humana, em um grau maior ou menor.

Outro perigo que nos provoca grande medo é a instabilidade do mercado de trabalho, afetado por fatores políticos e econômicos, faz com que os sobreviventes dessa era, a qualquer momento percam seus empregos, demorando a recuperar sua capacidade de produzir recursos para se manterem engajados no plano social que por ora conquistaram. É uma ameaça ao seu padrão de vida, ao poder de aquisição já conquistados, ou ainda a conquistar; pois seus planos futuros para uma vida melhor, incluem maior capacidade de aquisição de bens de consumo, o que lhes garante poderes os quais querem manter ou passar a ter. Em um âmbito geral, as pessoas almejam conquistas, que muitas vezes significam adquirir bens e valores. A não possibilidade de tais conquistas, amedronta e apavora as pessoas, elas querem sempre mais e mais, e para elas isto significa melhoria da qualidade de vida (BAUMAN, 2008, p. 11).

A sociedade moderna é caracterizada pela certeza de que todas as pessoas, de quaisquer classes sociais estão vulneráveis aos perigos, caracterizando-as por “sociedade de risco”. Beck caracteriza como sociedade de risco global, pois à medida que os riscos são produzidos, eles não têm limites, nem no espaço e nem no tempo (BECK, 1999, p.29).

Os avanços de produção e tecnologia, assim como as políticas que foram desenvolvidas pelo Estado social, capaz de diminuir a miséria, favoreceram a mudança de “sociedade de classes” para a “sociedade de riscos”. As forças humanas produtivas e tecnológicas reforça esta mudança, sendo que o ser humano se preocupou em desenvolver técnicas para se proteger das ameaças da natureza e consegue gerenciá-las de forma a obter benefícios. Porém, por outro lado, o ser humano está exposto às ameaças originárias de uma parte da natureza que foi absorvida pela indústria (SIMIONI; FERREIRA, 2019, p. 113).

Não obstante esses exemplos temidos pelos seres humanos, há ainda outras formas de assombrá-los. São possibilidades de acontecimentos não tão presumíveis. Estão mais distantes das previsibilidades e que podem surpreender-nos a qualquer momento, sem aviso prévio, fogem ao controle de defesa e não resolvem as reações defensivas ou agressivas para se proteger. São, além das catástrofes, ameaças ao que a globalização prometeu nos dar uma vida melhor, mas que pode desmoronar, sem controle. Quedas nas bolsas de valores, empresas que pareciam sólidas, de repente desaparecem levando muitos empregos e deixando as consequências afetarem diretamente o mercado de consumo e a produção, afetando diretamente no poder de consumo das pessoas. Existem ainda outras formas de medo não previsíveis, como exemplo, queda ou desaparecimento de aviões e tantos outros tipos de ameaças que estão distantes do alcance humano de encontrar proteção. A cada dia novos perigos são identificados, à medida que as mudanças constantes em nossas vidas se tornam realidade, elas vêm acopladas de algum medo (BAUMAN, 2008a, p. 12).

2.3 Mitigando e explorando os medos

Tantos medos e suas diversificadas formas, dão vazão à indústria e ao mercado de serviços, criarem muitos recursos para oferecerem proteção, e elas estão à venda. O mercado do consumo quer desvencilhar o medo das pessoas, e com isso sobrevive prometendo coisas para aniquilar os terrores que as perseguem, comuns neste mundo líquido moderno. São exemplos, os seguros que garantem seu reembolso caso seu carro seja roubado, cercas elétricas que dificultam a entrada de ladrões nas residências. Até mesmo, a compra da última geração do Iphone, que promete recursos tecnológicos, como também promove um status desejado; o intuito é fugir do medo da exclusão, caso não possua um (BAUMAN, 2008a, p. 12).

A sociedade, portanto, vive em busca de melhores condições de vida e para isso busca formas de fazer com que os medos sejam amenizados. Portanto, fazer com que a vida se torne mais segura, é um objetivo implícito no conceito de melhorá-la. Preocupar-se menos com as ameaças, é um desejo almejado pela sociedade em todos os tempos. Uma das frases mais famosas de Bauman: “Vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar”, é uma comparação com a água, que muda rapidamente, e na sociedade

contemporânea, nada é feito para durar e tudo se transforma rapidamente. As relações humanas também se transformam rapidamente na sociedade líquido-moderna, tudo é líquido, nada é criado para ser sólido, nada é feito para durar. É possível fazer muitas amizades no Facebook em um dia, mas não é possível ter tantos amigos frequentando as casas, ou amigos que possamos contar quando precisamos; a solidão pode estar mais perto que se imagina, mesmo com tantos contatos nas redes sociais.

Zygmunt Bauman, em entrevista concedida em 2011 durante sua participação na conferência “Fronteiras do Pensamento”, no Brasil, relatou:

Um viciado em Facebook se gabou para mim de que havia feito 500 amigos em um dia. Minha resposta foi de que eu vivi 86 anos e não tenho 500 amigos. Então, provavelmente, quando ele diz amigo e eu digo amigo, nós não queremos dizer a mesma coisa. É um tipo diferente de amigo (...) qual é a diferença entre rede e comunidade? A comunidade te precede. Você nasce em uma comunidade. Ao contrário da comunidade, a rede é mantida por duas atividades principais: uma é se conectar e a outra é se desconectar. E acho que a atratividade da amizade “tipo Facebook” é de que é tão fácil se desconectar [dos amigos].

Medo líquido: “Significa o medo fluído, não ficando no mesmo lugar, mas difuso. E o problema com o medo líquido é que, ao contrário do medo concreto e específico, que você conhece e com o qual está familiarizado, é que você não sabe de onde ele virá. (...) não há estruturas sólidas ao nosso redor nas quais possamos confiar e nas quais investir nossas esperanças e expectativas. Até mesmo os governos mais poderosos, frequentemente, não podem entregar o que prometem. Eles não têm poder para tanto (FÁBIO, 2017).

A nossa sociedade líquido-moderna vive, tentando ocultar ou mitigar os medos. Do Estado é esperada proteção, que em contrapartida estimula a cobrança de obediência dos cidadãos, porém, não é capaz de cumprir a promessa de proteção e de defesa dos acontecimentos que ameaçam a existência (BAUMAN, 2008a, p.10).

A esperança seria que o Estado, por sua vez, fornecesse proteção aos cidadãos, “segurança social”, a proteção contra os riscos de situações que produzem os medos, passa a ter uma ênfase na “segurança pessoal”. O Estado é incapaz de criar uma política de proteção, e não dá voz a ela, criando, portanto, uma “política de vida”, voltada para a pessoa, o que vem reforçar a individualidade do cidadão, dificultando as necessidades coletivas (BAUMAN, 2008a, p.11).

Com as modificações da sociedade moderna encontram-se outros tipos de necessidades a serem resguardadas pelo Estado, como a dignidade da pessoa humana, questão importante após a Segunda Guerra Mundial. Uma vez que o foco de anseios se modifica, é dever do Estado proteger os novos direitos requeridos pela sociedade que está em constante transformação (COSTA; SILVA, 2020, p. 125).

Uma situação considerada em grau de hiper vulnerabilidade de idosos, ocorreu a partir de 2003, por meio da Lei nº 10.820, em que a própria legislação permitiu que os idosos se tornassem vulneráveis à sua situação financeira. A lei disponibilizou o crédito consignado aos aposentados e pensionistas e os pagamentos são descontados no próprio holerite. Supostamente a legislação pretende facilitar a vida dos aposentados, pelo próprio governo. Porém, coloca o aposentado em uma armadilha, percebe-se que a maioria destes, quando recorre a esta oferta, não tem o mínimo conhecimento sobre as obrigações e deveres das instituições financeiras nas relações de consumo que são instauradas neste ato. Identifica-se também o fato de que os aposentados e pensionistas quando usam o empréstimo consignado, na maior parte das vezes é para suprir dívidas de familiares ou gastos supérfluos dos mesmos. O desconto compromete sua renda mensal em 30% e ocasiona muitas vezes, dívidas perpétuas, insolúveis, o que prejudica sua renda mensal e sua subsistência. A ausência de proteção do Estado, também criou uma condição de risco e perigo a esta população, de aposentados e pensionistas (CORDEIRO, 2015, p. 15).

Bauman criou a expressão Medo Líquido, o seu conceito diz que o medo flui e não fica no mesmo lugar e não sabemos de onde ele poderá vir. Se o mesmo emerge a qualquer momento, é porque existem mecanismos destinados a deixá-lo fluir desta forma, promovendo o pânico e o pavor entre as pessoas. Assim como a lei criada em 2003 gerou uma situação de vulnerabilidade aos idosos aposentados, outras situações podem surgir a qualquer momento causando riscos e medos aos cidadãos. Não sabemos de onde vem, podem ser criados até mesmo pelos que irão trazer a solução, as condições de defesa.

Na transição do século XX para o século XXI, quem viveu essa época, pode ter sabido o que foi o perigo do *bug* do milênio ou, ao menos se lembra dos riscos que foram divulgados pela mídia. Naquela época, já vivíamos um tempo em que os resultados da revolução científica, já tinham feito com que o mundo se tornasse um grande dependente das soluções tecnológicas para o seu funcionamento. Portanto, uma suposta desconfiguração de datas poderia fazer o mundo parar na “virada” do século. Foi estabelecido o medo de perdas das referências de datas quando os calendários acusassem que o novo século teria chegado. Diziam que as programações, até então criadas para os calendários eletrônicos não teriam sido preparados para tal mudança e todas as referências poderiam se perder. As pessoas que tiveram o privilégio de estourar os espumantes à tão esperada meia-noite, esperavam que após as comemorações tais desconfigurações não iriam acontecer. Preveniram para isso, pois as mesmas pessoas que propagaram os riscos,

venderam as soluções, eles teriam feito a valiosa descoberta do risco e criaram formas de prevenção. Foram as mesmas empresas que alertavam do perigo, que forneciam a imunização dos computadores. Somente na aproximação da tão esperada data, é que perceberam que tais equipamentos dominantes podiam trazer tantos riscos por jamais terem sido programados para a mudança dos números que representavam as datas. Quem se arriscava a não proteger os seus sistemas, ou mesmo se subordinar à sorte imposta? Os que não tinham tanto poder de proteção, tentaram a imunização da melhor maneira encontrada, gerando documentos que poderiam resguardá-los como provas do século passado, como imprimir e guardar muito bem seus extratos bancários, ou talvez, sacar todo o dinheiro antes da virada do século.

Esse não foi o único terror espalhado entre as pessoas. Recordemos ainda, a doença da vaca louca, ou mesmo dos ácaros existentes nos tapetes, sofás e outros lugares da casa favoráveis à sobrevivência deles, o terror espalhado pelos males que podiam trazer às nossas vidas, à nossa saúde. Fomos vítimas deles? Dessa forma, a vida líquida transcorre com medos que nos desafiam e se transformam cada vez que buscamos proteção de uns, surgem outros e continuam incessantemente impedindo-nos de vivermos uma vida mais tranquila e com segurança. A economia de consumo depende de consumidores, assim como os consumidores dependem dos bens e produtos que lhes são oferecidos e que prometam segurança e proteção contra algum tipo de medo que assombra.

Dos vários medos existentes, o medo de envelhecer, faz com que pessoas adquiram produtos ou dietas promissoras do retardamento do envelhecimento. Envelhecer causa pavor não somente pelo medo de faltar saúde, mas por uma cultura de exclusão. Confronta o desejo de não morrer e o medo de envelhecer (BAUMAN, 2008a, p.14-15).

Um dos enfoques que define a pós-modernidade ou a contemporaneidade é a cultura midiática e o apelo ao consumo, estimulados pelos meios de comunicação que estão cada vez mais eficientes e contribuem para tornar a imagem da pessoa em evidência, e que se tornou de grande importância, marcando a sociedade pela “estetização da vida cotidiana” (FEATHERSTONE, 1995). O envelhecimento segue de maneira contrária aos padrões exigidos pela estética, muitas vezes visto como um defeito e por isso impõe certos desejos de técnicas de rejuvenescimento. O medo do envelhecimento, o medo de ficar velho e se tornar indesejado, excluído, estimula o desejo da juventude prolongada. O culto à juventude e à beleza gerou um fenômeno na contemporaneidade

ocidental que estimulou a criação de um padrão estético chamado de ideal, que se tornou almejado por todos e que fez do processo de envelhecimento, indesejável e temido, uma batalha constante para a aceitação de si. Ao mesmo tempo que as pessoas temem a morte, temem o envelhecimento, sendo que envelhecer e morrer é um fenômeno biológico e inevitável. Mas, a vontade de fugir de ambos, fazer o tempo biológico parar, é um desejo impossível. Este desejo faz com que quaisquer promessas de juventude prolongada, através de recursos e soluções para o problema em clínicas estéticas, abra um mercado para o consumo, bastante atrativo. Tornaram-se mercadorias ou bens de consumo, a felicidade e a juventude juntamente com a beleza. Criou-se um cenário social do desejo do corpo perfeito e, até mesmo, o sucesso pessoal como necessidades, como se pudessem ser encontradas em prateleiras.

Convém destacar que a população idosa está aumentando. Em 2000, segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS, www.who.int/hpr/ageing), o planeta tinha 600 milhões de idosos com 60 anos de idade ou mais. Em 2025, estima-se que serão 1,2 bilhão de idosos, sendo que dois terços estarão vivendo em países em desenvolvimento (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008, p.22)

Assim como o medo de envelhecer, existem muitos outros terrores que assombram e perturbam a paz. A proteção é oferecida pelo mercado de consumo, pois ele necessita de consumidores para sua existência. Detentores do poder de gerar produtos ou serviços, focam suas expectativas de vendas e de mercado em gerar proteção às pessoas que se sentem vulneráveis a alguma coisa, ou algum motivo, na esperança de nunca se tornarem vulnerados a ela.

Esse ambiente líquido-moderno é bem diferente do que foi idealizado pelo movimento intelectual Iluminista, em que se aspirava uma vida com mais segurança, com mudanças políticas, econômicas e sociais embasadas na liberdade, igualdade e fraternidade (BAUMAN, 2008a, p.15).

O consumismo assumiu um papel muito importante na sociedade. As pessoas consomem além de suas necessidades. Tornou-se um arranjo social, uma reciclagem de vontades que diz respeito ao que se quer, deseja e almeja. A posse e a acumulação de bens, na sociedade de produtores, apostaram no desejo do ser humano, de confiança e ordem, que foi orientada pela segurança, na fase sólida da modernidade. A satisfação estava na segurança a longo prazo, não desfrutar de prazeres agora. Dessa forma, eram os bens duráveis que davam a sensação de segurança. A permanência e a indestrutibilidade

eram evidentes nos bens que não se destruíam facilmente com o tempo (BAUMAN, 2008b, p.41-44).

O que se observa com relação aos medos espalhados através dos meios de comunicação, é que para eles encontra-se também a forma de prevenção, como mencionado anteriormente no exemplo do *bug* do milênio. É uma forma praticamente padronizada de criar medos e prevenir-se dos mesmos. Funciona de maneira a sustentar a economia de consumo. As mesmas indústrias que espalharam o medo do *bug* do milênio, criaram uma forma de prevenir-se dele. A esperada forma de vida desejada pelos Iluministas para as nossas vidas, não aconteceu. Desejaram que tivéssemos condições de dominar os medos e não eles a nós. Estamos constantemente expostos aos medos e seduzidos por muitas estratégias que prometem romper os medos existentes ou criados com o intuito de fazer com que o mercado de destruição de medos sobreviva dando-nos uma vida mais segura. A criatividade do ser humano é ilimitada, as ideias de nossos antepassados era criar um mundo sem medos, e que isso seria possível, o ambiente líquido-moderno, transformou as esperanças em algo impossível (BAUMAN, 2008a, p.15).

No mercado de consumo, os produtores têm bastante imaginação que o alimenta em vários aspectos do nosso cotidiano para atrair os consumidores. Por exemplo, o chamado mundo da moda, é promovido e incentivado por visuais-chave criados, como um manual influente que oferece tendências de estilos que irão colocar você na frente das pessoas, dando-lhe segurança e aceitação de sua imagem. Isso ocorre de forma calculada e com certa habilidade para influenciar a todos, ou quase todos, promovendo uma sensação de segurança pelo sentimento de pertencimento. Render-se ao consumo da moda, é uma maneira de fugir do sentimento de medo da exclusão, o que se reforça cada vez mais que a pessoa consuma e tente constantemente estar por dentro daquilo que está na moda e quais são as suas tendências. A moda, para garantir o constante consumo, também muda constantemente, tornou-se uma das características do mundo líquido, que não foi feito para durar (BAUMAN, 2008b, p.107-108).

2.4 Prazeres Antecipados pelo Medo

A vida a crédito é também uma das características desta liquidez. A preocupação em consumir agora, não deixar o consumo para outra oportunidade, sobrepõe a esperança de que o futuro possa ser promissor. A ideia de não deixar nada para se fazer depois é uma prova de que o ser humano não confia no futuro e também tem medo de que ele não aconteça. São também uma estratégia do mundo líquido as formas ilusórias de nos distanciar do medo da exclusão, se não nos tornarmos consumidores contumazes.

As incertezas, o medo de esperar e nunca conquistar algo que se deseja fazer ou usufruir, provocam a antecipação de planos e medo do futuro. Por que deixar para amanhã o que se pode fazer hoje? A antiga expressão *carpe diem*, fez de nossa geração a mais endividada de todas, pois foram criadas facilidades para isso. Nunca tivemos tanto crédito, tanto dinheiro virtual nos assediando: compre hoje, usufrua hoje, pague depois. Propagandas seduzem e incentivam o consumo agora, na promessa de desconto imediato. A data de validade não é somente da durabilidade do produto, mas também do seu preço. São incentivados medos de que coisas aconteçam e impeçam consumir mesmo que para usufruir depois; todos nós estamos expostos às doenças graves, ou à morte, que podem impedir de alcançar desejos ofertados pelo mercado de consumo e que parecem estar tão fáceis de adquirir.

As propagandas através de diversas mídias que nos atropelam, onde quer que estejamos, estão constantemente nos assediando e oferecendo algo melhor do que já possuímos. Ora é o carro que ficou ultrapassado, ou uma viagem que parece que todos já fizeram e não podemos deixar de fazer, ou então, o último modelo do Iphone que foi lançado recentemente com alguma função que não podemos mais viver sem, e que passamos a acreditar que o aparelho antigo não corresponde mais às nossas necessidades. Seduzir os consumidores se tornou mais fácil devido ao conhecimento dos desejos da população consumidora, devido ao conhecimento também dos medos que essa população tem.

Dessa forma, as pessoas se tornam capazes de adquirir coisas ou serviços que lhes dão prazeres à vida, prazeres imediatos que as fazem se sentirem inseridas no plano social, o contrário disso é o medo da exclusão. Os não consumidores são banidos da sociedade, não interessam a ninguém, porque não contribuem para essa engrenagem em

que uns produzem e outros consomem, e que quem produz também é consumidor, e os que nada produzem, nada consomem, não interessam para a sociedade, não fazem parte da engrenagem e conseqüentemente nada contribuem (BAUMAN, 2008a, p.16).

Viver a crédito é crer que nossos valores como indivíduos estejam ligados aos valores financeiros, o que gera o medo de não manter no futuro as mesmas possibilidades de consumo que possamos ter hoje. Há o medo de perder o status, perder poderes de consumo, de não conquistar os desejos influenciados pelos desejos alheios, como também, a ambição de se ter mais e conseqüentemente ser mais reconhecido. É menor o medo de viver a crédito do que viver endividado; a promessa de uma vida satisfeita pelas vontades provoca o consumo imediato e por isso torna-se melhor consumir agora do que deixar para depois. Os bancos tiveram uma perspicácia de conhecimento dos medos que assombram os seres humanos na sociedade, e com isso criam garantias a quaisquer tempos. Afinal todos nós queremos uma vida segura e desfrutar logo dos prazeres que ela nos propõe, bem como alimentar a esperança de que o futuro seja mais promissor do que hoje, mesmo que ele seja incerto e possa surpreender sendo bem diferente do que se imagina, não queremos arriscar. Tudo pode se transformar, o que é benévolo hoje pode de repente não ser mais. A liquidez descrita por Bauman, que o fez chamar de sociedade líquida moderna, permitiu aprender a viver o incognoscível. Desviar a atenção dos perigos pode ser uma maneira de fugir deles, mas que não os afasta ou os neutraliza. Calculá-los pode ser arriscado, às vezes útil, porém nunca dá a certeza de imunidade (BAUMAN, 2008a, p.17).

Mesmo com os medos previsíveis, ainda há situações que somos colocados em riscos. Nem todos os perigos são possíveis de serem descartados, nem mesmo aqueles causados pela imaginação provocada ou aumentada pela falta do hábito. Ações arriscadas são possibilidades de não conseguirmos o que desejamos, são situações ou coisas a se evitar. Mas, a “calculabilidade” dos riscos pode trazer tomadas de decisão que se justificam, mesmo que arriscadas, quando se considera o risco baixo para não se tentar. Os perigos mesmo distantes de nossos olhos, prevemos que existam. Uma estrada com pouca visibilidade aparentemente retilínea, pode ter uma curva perigosa à frente. Se é previsível, pode-se controlar a velocidade do veículo para não ser surpreendido sem tempo de frear (BAUMAN, 2008a, p.18-19).

Preocupados com o que podemos fazer para evitar os medos e riscos, esquecemos ou deixamos de lado o que não encontramos ações para a defesa, e continuamos vulneráveis a elas. São icebergs como o que o Titanic atingiu, e que estão

expostos na sociedade, em quaisquer lugares. Este Titanic somos nós, nesta sociedade triunfalista, autoconfiante que chega à hipocrisia por não enxergar os mais pobres que estão mais vulneráveis do que outros, expostos aos riscos e medos constantemente. Uma sociedade que praticamente prevê tudo, mas não prevê formas de se evitar todos os riscos. Jacques Attali, escreveu alguns anos depois do grande sucesso de bilheteria do filme Titanic (BAUMAN, 2008a, p.20).

O Titanic somos nós, nossa sociedade triunfalista, autocongratatória, cega e hipócrita, sem misericórdia para com seus pobres – uma sociedade em que tudo está previsto, menos os meios de previsão... Todos nós imaginamos que existe um iceberg esperando por nós, oculto em algum lugar no futuro nebuloso, com o qual nos chocaremos para afundar ouvindo música... (ATTALI, 1998, apud BAUMAN, 2008, p.21).

Imaginamos sempre que há um iceberg esperando e que podemos nos chocar a qualquer hora. É uma metáfora do que pode nos atingir, em vários âmbitos, financeiro, nuclear, ecológico, social e que varia conforme a época ou mesmo o local, mas que estão sempre presentes. Um “colapso da ordem civilizada”, temor que vem dos nossos antepassados. Concluimos que os medos sempre existiram e não conseguimos minimizá-los, talvez eles possam até mesmo se tornarem maiores do que antes, talvez por serem substituídos (BAUMAN, 2008a, p.21).

Segundo Hobbes, no estado de natureza da humanidade, a guerra de todos contra todos, o ser humano é mau por natureza (o homem é o lobo do próprio homem). Haja vista que no Titanic não haviam botes para todos. Estavam, sem exceção, no mesmo barco, mas nem todos tiveram a chance de se salvar. Sobreviveram os escolhidos pelo “poder”, quanto mais ricos mais poder, houve disputa, mas acima de tudo, foram escolhidos para viverem pelo quanto “valiam”. Uma disputa de lobos, em que venceram os mais fortes e a força era de quem tinha mais dinheiro.

A ordem e a lei na vida cotidiana podem ser destruídas, podem perder seus valores, conforme o tamanho da tragédia, como exemplo o acontecimento do furacão Katrina - Nova Orleans, em agosto de 2005, que levou o temor horripilante, além de muitas mortes por onde passou. Como se nunca tivessem existido, os hábitos rotineiros da vida cotidiana desvaneceram como nunca haviam visto antes. A tragédia, o não esperado, não previsível, que perde a ordem, provoca a criação de novas leis ou novos hábitos e também valores (BAUMAN, 2008a, p.22).

Sem as leis, perde o sentido a defesa, não houve defesa para a tragédia maior. Perdeu-se o sentido a estratégia *carpe diem*, que só funciona para proteger dos medos menores, aqueles que podemos aniquilar, os medos derivados. Um repórter do New York Times, A Fema (*Federal Emergency Management Agency – N.E*), previu um período de seis a nove meses para que retornassem à rotina, em que as igrejas e os credores voltassem em busca do dinheiro (BAUMAN, 2008a, p.23). Porém, nada muda tão rapidamente nesta construção como foi na destruição. As pessoas que sobreviveram, os que restaram, não se sabe quando terão de novo os poderes que antes possuíam, ou talvez nunca mais os tenham de novo. Jean-Pierre Dupuy chamou do que estava a acontecer “a irrupção do possível e do impossível”, disse ainda que é preciso primeiro acreditar na possibilidade de uma catástrofe para depois tentar prevenir-se dela. Considerar quaisquer coisas improváveis, pode ser uma forma de não pensar nelas e não acreditar que ocorram, dessa forma, não há ações que possam preveni-las (BAUMAN, 2008a, p.24).

Não basta ter como história ou exemplo a tragédia acontecida em Nova Orleans, para que continuemos a não pensar e não fazer nada. O autor cita Corinne Lepage, ao dizer que a mente rejeita, e diz a si mesmo que não é possível. A incredibilidade é o pior impasse para a prevenção, ainda mais quando se mora em um país onde são mais improváveis o acontecimento de catástrofes como no Brasil. Vive-se com as certezas do passado mesmo que sejam incertezas para o futuro. Timothy Garton Ash chegou a dizer que “a casca de uma civilização sobre a qual caminhamos é sempre da espessura de uma hóstia. Um tremor e você fracassou por sua vida como um cão selvagem” (BAUMAN, 2008a, p.25).

A mensagem que Ash nos passa é que o ser humano sem suas bases elementares de vida social e sem a organização habitual, sem comida, sem casa e sem água potável e os elementos básicos para sua sobrevivência, tornar-se-á o “lobo do homem” voltando ao estado de natureza de Hobbes, o que seria uma guerra de todos contra todos. O seu estado natural o levaria à sua defesa, independentemente de ter que lutar contra seu semelhante para defender suas necessidades. Isso levaria ao fim do “processo civilizador” no qual as pessoas são criadas e se adaptam à “vida civilizada” e dependem dela e a desejam para evitar o retrocesso. A sociedade está organizada de forma que todos tenham como defender suas necessidades e na hipótese que as necessidades para a sobrevivência possam faltar, muda-se toda a organização, e torna-se cada um por si, e cria-se uma nova maneira de viver, criam-se novas leis, novas regras e até mesmo novos valores (BAUMAN, 2008a, p.26).

A tragédia do furacão Katrina, em Nova Orleans, fez com que a população daquele local provasse essa mudança de hábitos, regras e valores, trazendo o sentimento de que a lei da selva tivesse ali se instaurado. Ruas cobertas de lama e total falta de infraestrutura e uma população em sua maioria pobres e negros. O estádio de futebol de Superdome abrigou parte dos moradores que não quiseram ou não puderam deixar a cidade antes do furacão atingir a cidade. O estádio estava preparado para abrigar somente a metade dos que ali se refugiaram. Em pouco tempo ficaram sem água, alimentos, sendo que a água encanada e a eletricidade já haviam sido cortadas pela passagem da tempestade. Helicópteros no resgate de pessoas eram a esperança dos refugiados, sair dali era a única estratégia. Em média uns 500 ônibus levariam para o estádio de Astrodome (Houston) – Texas, que já no dia 02 abrigava cerca de 11 mil pessoas. Testemunhas relataram casos que não puderam ser comprovados, de estupros e suicídios em Superdome. Fora dali, as ruas da cidade totalmente alagadas, pessoas se desesperavam em busca de comida enquanto outros saqueavam lojas, resgatando para si o que sobrou, a fim de realizar sonhos aproveitando o momento de confusão. Pequenos ladrões levavam mercadorias que não teriam condições de adquirir, aparelhos de som, celulares são alguns deles; enquanto outros, mais perigosos saquearam lojas de armas e saíram pela cidade implantando mais medo e terror nas pessoas que lutavam por sobrevivência (CAVALLARI; MANSUR, 2005).

O prefeito Ray Nagin, que estava em Baton Rouge, capital do Estado da Louisiana, tentava controlar e administrar a tragédia, porém, pedia recursos externos. O presidente, na época George W. Bush, prometeu ajuda. Foram utilizados cerca de 1.500 policiais da cidade, 4.200 soldados do exército e mais de 3.000 vindos de outros Estados, para controlar o caos instituído no local (CAVALLARI; MANSUR, 2005).

O desastre causado pelo Katrina, foi previsto pelos institutos de meteorologia, com avisos de furacões acima da média, naquele ano, na região. Seria este furacão uma das mais prováveis tragédias a ocorrer nos EUA, segundo um relatório da Fema de 2003. Lembrando Jean-Pierre Dupuy, é preciso primeiro acreditar na possibilidade de uma catástrofe para depois tentar prevenir-se dela. O orçamento do responsável pelos sistemas de proteção de Nova Orleans, o Corpo de Engenheiros do Exército da Costa do Golfo, teve um corte de US\$ 71 milhões (CAVALLARI; MANSUR, 2005).

Aquilo que é previsível e fácil de acreditar, torna-se rotina e quando se trata da sociedade, a faz previsível, organizada e com definições de comportamento pré-determinados, como se fosse um poder a controlar. Os seres humanos se acostumaram

com as regras já estabelecidas e dependem delas para viverem, sem a destruição de suas bases, se tornam “viciadas” em civilização e por isso, dependentes dela. O autor chama de “síndrome do Titanic” o horror de perder aquilo que já está estabelecido na sociedade como “bases elementares da vida civilizada, organizada” devido à previsibilidade e à rotina, que nos fazem não querer pensar em medos como as catástrofes. Porém, os medos, que podem não estar visíveis e muito menos esperados, são os piores ameaçadores de todos e de uma sociedade. Como no Titanic, aquele luxuoso navio não foi o iceberg que provocou todo medo, mas, o que aconteceu lá dentro, na contagem regressiva do tempo à medida que ele afundava naquelas águas geladas. Para os seres humanos, sempre haverá um iceberg para aterrorizar, lá fora, onde menos esperamos e de forma oculta que se possa encontrar sua vítima sem avisar, sem possibilidades de reagir, como também, as defesas podem não estar ao alcance de todos, assim como no Titanic, os que sabiam que morreriam eram os que não tinham acesso aos salva-vidas em número menor que os tripulantes (BAUMAN, 2008a, p.27). Há riscos que não distinguem ricos ou pobres, o que muda será a forma que o ser humano irá tratá-lo.

[...] a modernidade apresenta uma tendência a equalizar a relação entre apropriação da riqueza e a submissão a riscos e perigos, em países de modernidade periférica, como o Brasil, ainda podem ser observadas situações de vulnerabilidade diferenciada. Naturalmente, riscos ecológicos de natureza global afetam tanto ricos quanto pobres, não fazendo nenhuma distinção de classe, de gênero ou de etnia (SIMIONI; FERREIRA, 2019, p. 111).

Tornamo-nos cada vez mais dependentes dos sistemas que prometem nos proteger embora haja descontinuidades, nem sempre seguem as mesmas regras e podem ter grandes efeitos na vida social, econômica e ambiental, esta ideia foi lançada por Stephen Graham que escreveu “ficamos cada vez mais dependentes de sistemas complexos e distantes para sustentar a vida”. As descontinuidades são rupturas provocadas pelo meio externo, o medo de um colapso de infraestruturas urbanas, as quais já estamos acostumados e viver sem elas é algo não desejado, ou melhor, não esperado. O que mais o ser humano almeja é estabilidade quanto a estes aspectos da vida, embora as pequenas descontinuidades possam ter grandes efeitos em nossas vidas. Nas grandes cidades, os medos principais dos seus moradores são de uma desarticulação dos serviços urbanos, pois, espera-se que isso seja bem estruturado, acredita-se nisso. Uma ruptura ou má preparação desta estrutura já construída que sustenta a população, torna impossível viver. Diversos tipos de medos podem assustar pessoas isoladamente, coisas que podem atingi-las e não ao resto da comunidade. Poderia ser a falta de sorte de ocorrer um acidente

em que só uma pessoa é atingida, enquanto outros podem se sentir em segurança (BAUMAN, 2008a, p.28).

2.5 Medo da Rejeição, a Vida a Crédito e o Desafio da Bioética

O medo da rejeição é descrito por Bauman como exemplo dos *reality shows*. O medo da rejeição; os participantes que não agradarem os telespectadores, serão excluídos e com isso, todos esperam a exclusão, mesmo que não queiram. As vidas dessas pessoas ficam reduzidas ao medo, e só há uma forma de combater o medo, que é a tentativa de agradar a todos e usam de todas as formas que julgam necessárias para que isso não ocorra. Mas, irá acontecer, com apenas um click, por simples antipatia, praticamente apertam um botão de exclusão. Isso é atraente e faz com que muitas pessoas vão para as telas da TV para obterem esse prazer. Como são virtuais, é criada uma distância entre personagem e telespectador, não se sabe o que foi ou será dos excluídos, apenas são lançados a eles um sim ou um não. A tendência do ser humano é acreditar muito mais no que vê e menos no que ouve, e as imagens parecem ser reais (BAUMAN, 2008a, p.29). A intensificação da cor e da imagem, a torna real, reafirma mais verdades do que a própria fala. Assim como uma fotografia pode ser modificada e suas cores intensificadas através de recursos tecnológicos tão simples, e que fazem nossos olhos admirarem mais (SANTOS, 2004, p.12).

O ser humano é dominado pela imagem, pelos símbolos, que são signos que expressam a linguagem através de desenho, escrita ou mesmo uma foto. A tecnociência, através da informação e da comunicação, dominou o ambiente pós-moderno. Trouxe recursos para fazer com que a imagem pudesse representar ainda mais a realidade, vista pelo ser humano com mais atração e entendimento. Sem a linguagem e a sua representação não há pensamento e lógica, o que já havia sido definido pela linguística, a antropologia e a psicanálise. A pós modernidade se tornou um mundo de signos, que são representações das imagens que geram mensagens e que são exploradas através dos meios de comunicação existentes. Os signos são representações indiretas de uma referência que pode ser por palavra ou imagem. Para o nosso mundo, o que se refere ao objeto, e o pensamento que se refere ao sujeito, não teriam formas sem a linguagem dos meios de comunicação. Os símbolos representam a linguagem. Exemplo disso é o lançamento de

um belo carro, com um lindo design e se tiver também um nome nobre, os signos utilizados na publicidade podem definir as boas vendas, pois as pessoas que possuem este carro, terão maior sentimento de aprovação na sociedade (SANTOS, 2004, p.14-18).

Portanto, a exemplo dos *reality shows*, a imagem faz com que as pessoas busquem o pertencimento, ou seja, a aceitação delas no meio; o medo da exclusão, estranhamente as fazem agir de maneira a provocar com que os outros sejam excluídos, por não agradarem por simples antipatia. O que foi visto, a imagem criada, torna-se a realidade para quem deseja excluir ou não. O mesmo ocorre nas redes sociais. Virtualmente é mais fácil excluir ou bloquear pessoas.

John Dunn já mencionou que as pessoas criam uma “ordem de egoísmo” em que se aposta nos mais fortes e mais ricos, que por serem ricos possuem mais poderes. Supõe-se que em um barco afundando, a sorte o salve; mas, notoriamente o filme Titanic nos mostrou a preferência aos que iriam se salvar. O número dos botes era insuficiente para a população do navio, portanto, os privilegiados foram os mais ricos, os que ocupavam as áreas luxuosas dele foram as pessoas escolhidas para viver, os mais pobres estavam condenados a perderem suas vidas naquelas águas geladas. Isso mostra que não basta estar no mesmo barco, junto às pessoas que têm poder, o poder é inerente à riqueza (BAUMAN, 2008a, p.30). É possível, então, comparar, com os navios negreiros, que traziam os escravos presos nos porões; não basta estar no mesmo barco, os poderes são diferentes e se classificam conforme as riquezas. A condição de riqueza ou de pobreza, muitos descobrem quando se deparam com a possibilidade de perderem alguma coisa, como pode acontecer ao perder o emprego. A qualidade de vida fica ameaçada pela perda ou a redução das possibilidades de consumo. O mercado do consumo oferece tanto as necessidades para a sobrevivência, como também muitas relacionadas à proteção.

Os empregos não dão a segurança desejada pelos cidadãos, pois as fábricas geradoras dos empregos podem muitas vezes se tornarem estacionamentos e as demissões ocorrem como algo natural. Ou, mesmo que não ocorram demissões, as perdas salariais e de benefícios, rondam sempre os trabalhadores. Os medos na sociedade líquida moderna são ainda muitos e também variados. Todas as pessoas estão sujeitas aos medos, independentes de suas características e perfil na sociedade. Eles aterrorizam em escala maior de acordo com o sentimento de impotência que provoca nas pessoas que se sentem vulneráveis e que vivem na incerteza de como agir para evitar que algo ruim lhes aconteça. É um medo constante que os acompanha e vai além das possibilidades de ação, é impossível agir por falta de recursos (BAUMAN, 2008a, p.31).

O desemprego é uma realidade que, diante de pesquisas como esta, se mostram reais, porém há medos imaginários. A impotência que sentimos diante deles é maior do que o próprio medo, que enfrentados individualmente por cada um de nós, podem ser os mesmos enfrentados por multidões; mas, os recursos são individualizados, que são recursos que podem nem mesmo ser eficientes. Este ponto é definidor das desigualdades entre as pessoas, e que resultam em disputas ou concorrência. A união das nossas defesas poderia ser mais eficiente, mas não se tem certeza disso, é necessário levar em consideração que os medos podem ser iguais para todos. Se fosse possível que todos se aliassem com a mesma finalidade, afinal, todos desejam se proteger e terem as mesmas oportunidades de segurança, porém, a sociedade é individualizada e não dá condições para se reunirem e se manterem juntos de forma solidária para atingir o objetivo. Não há laços sociais que sustentem uma ação conjunta de forma durável e segura (BAUMAN, 2008a, p.32). É a característica da liquidez da nossa sociedade que pode ser comparada à famosa frase de Thomas Hobbes (1588-1679): “O homem é o lobo do homem”.

A obra de Bauman, Medo Líquido, não traz as respostas desejadas, mas, instiga o pensamento e age como provocador de perguntas e, da melhor forma, ações as quais se tornam necessárias. A intervenção bioética se faz necessária para encontrar ações que pelo menos minimizem as diferenças que fazem com que haja mais vulneráveis e vulnerados. Estes vivem com mais medos, pois além de estarem mais expostos aos riscos, têm menos condições de amenizarem os riscos a que estão sujeitos. Quem tem mais posses, tem mais “poder”. Tem mais possibilidades de pagar pelos recursos que minimizam ou neutralizam os riscos, conseqüentemente não sofrem tantos medos como os que têm menos recursos financeiros. Esta obra de Bauman tem como propósito alertar quanto à imensa tarefa que deparamos já no decorrer deste século, e que devemos nos preparar com intuito de que a humanidade venha a se sentir mais segura e com mais autoconfiança do que no seu início. O alerta é importante para cuidar das diferenças já citadas, para que se torne uma responsabilidade e que possamos, ao longo deste século, agir de forma que a humanidade tenha mais sentimento de segurança e confiança do que quando o mesmo se iniciou. Criam-se novas leis e valores na modernidade líquida. É uma preocupação da bioética que estes valores não sejam excludentes. Um dos maiores medos da sociedade é a exclusão dela. O não pertencimento, que faz com que pessoas vivam precariamente, sem poderes, porém subordinadas às regras gerais (BAUMAN, 2008a, p.33).

3 A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DO MEDO: O MEDO DA MORTE

Escrever sobre a morte é reflexivo e irrefutável, pode ser difuso devido a diversos paradoxos, mas o autor com sua perspicácia, buscou uma comparação imaginária do sentimento de pessoas em determinados programas de televisão, que atraem a atenção de muitos telespectadores. No Brasil há uma versão do programa usado na reflexão de Bauman, “*Big Brother*”, que é uma versão brasileira de *reality shows* que também outros países adotam. O programa consiste no confinamento de pessoas que são vigiadas vinte e quatro horas por dia por câmeras e sem nenhuma interação com o mundo exterior, dentro de uma casa. As imagens são transmitidas pela TV, para todos que quiserem acompanhar e as pessoas do lado de fora, podem participar dando seu palpite de quem deve sair. Isso quer dizer que todos podem dar seu voto de eliminação a algum integrante desta casa onde acontecem as gravações, e dura até restar apenas uma pessoa, que é quando o programa acaba. Os confinados da casa têm um único destino, a eliminação. Essa é a razão da comparação de tal programa com a morte. Tenta-se manter distância da morte, mas não é possível livrar-se dela, da mesma forma, os integrantes desta casa sabem que serão eliminados, embora nenhum queira isso. O autor compara, ainda, o momento da eliminação como uma sessão de psicanálise pública. As pessoas confinadas passam pelo julgamento de seus atos e sentimentos, por uma multidão que está assistindo, a fim de julgar. É fato, o poder de julgamento é propositalmente dado aos telespectadores, o poder de jogá-las fora e expulsá-las sem dó; da mesma forma, é o que acontece no mundo real (BAUMAN, 2008a, p.38-39).

Por um lado, confinados lutam desesperadamente a qualquer custo para não serem eliminados, de outro lado há o telespectador ansioso para decidir quem não o agrada e deve ser banido dali, de maneira tão fácil, tão simples. O que surpreende ainda, é como as pessoas se revelam amantes da obscenidade, atraídos para ver na tela de sua TV o que há de mais sexy, palavras em linguagem chamada de suja, conflitos os quais geram discussões, comentários que dão ênfase ao que há de mais polêmico, atrai o telespectador a fim de tomar partido e enfim decidir, quem fica e quem sai. O sentimento de poder e de julgamento é permitido aos telespectadores.

Além deste tipo de programa em que as pessoas ficam confinadas em uma casa, há outros modelos de programas de televisão, que se disfarçam com perguntas e respostas, como teste de conhecimento, mas na verdade, se tornam um espetáculo de

humilhação, expõe os participantes a um certo grau de constrangimento a todo público que assiste (BAUMAN, 2008a, p.40-41). Enquanto a exposição ao ridículo é encenada, do outro lado da tela, há os que se relaxam e se distraem, apenas assistindo e muitas vezes rindo de situações humilhantes que por vezes acontecem. Nestes tipos de programas de entretenimento, o resultado é sempre o mesmo, pessoas sendo desprezadas, humilhadas, declaradas como mais fracas que as outras à medida que são banidas dali. No final, resta apenas uma pessoa a gozar da vitória e também de um prêmio em dinheiro, pois elas são pagas para se sujeitarem a isso (BAUMAN, 2008a, p.42).

Zygmunt Bauman inicia a reflexão sobre a morte com esta comparação inédita. Observador do comportamento em sociedade ele compara o programa de televisão que nada mais é do que um caminhar para o fim que não se sabe exatamente quando, e que faz das pessoas personagens dessa brincadeira, atores de uma quase realidade, porque engajam no sistema e nas regras do programa de forma a terem muito medo de serem eliminadas do mesmo. A meta de todos é permanecerem ali, encaram a eliminação como a morte, o fim, mesmo que o fim seja apenas o término de uma brincadeira. A morte é uma eliminação da vida, ninguém quer morrer embora saiba que irá acontecer um dia. O que difere o programa da morte real é que restará um ganhador do prêmio, este será o único sobrevivente. Na vida real, não restará nenhum ser humano vivo para a eternidade, por mais que a prolongação da vida seja um objeto de estudo das ciências na busca de cura de doenças e na promoção da vida saudável.

3.1 A Morte como um acontecimento inevitável

O autor refere-se aos “contos morais” de nossa época, em que coisas ruins podem acontecer de forma não explicada e quase não se tem o que fazer para evitá-las, ou escapar delas, assim são as eliminações do Big Brother, como a morte, não há o que fazer. Há uma ameaça de eliminação do ser humano que o torna incapaz de fugir do destino, de evitar que algo ocorra e espalhe o medo entre as pessoas. O temor é disseminado pelos contos morais, que atuam espalhando o medo, muitas vezes sem antídotos, até mesmo possível que se tornem esquecidos por algum tempo, mas não se extinguem. Penetram na mente e corpo e podem nos derrotar se em algum momento os esquecermos (BAUMAN, 2008a, p.43).

Diz o autor, que os contos são ensaios para a morte usando como comparação, a exclusão social, a qual é temida por todos como a morte, incompreensível sentença final de perda das esperanças (BAUMAN, 2008a, p.44). Os próprios contos morais são os que tentam diariamente provocar as pessoas a não darem importância à morte e as fazem se habituar a isso. O afastamento de preocupação relacionadas à morte pode provocar o hábito, o costume de ser como é. Assim, as pessoas tendem a se afastar um pouco do medo da morte, distraíndo e esquecendo de que ela existe, embora seja sabido que não é possível fugir dela.

A morte é, e sempre foi algo desconhecido, e também inevitável. E é isso o que apavora as pessoas, não saber o que há depois do “fim” e também saber que não há como não ter um “fim”. Os humanos não são os únicos seres vivos a temerem a morte, mas são os únicos que têm a consciência de que ela é inevitável. O filósofo Epicuro, em seu materialismo radical, entendia que a morte não existe na nossa vivência. Para Epicuro, temos somente o pensamento da morte: “Quando estamos vivos, é a morte que está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos”. Sua reflexão faz sentido, ao observar que minuciosamente não temos e nem “vivemos” a morte, ela nos afasta de nós mesmos, os humanos não se encontram com ela, está sempre ausente quando ela existe. Porém, não é o bastante para acalmá-los, pois seu pensamento parece uma fuga do medo da morte, pois é a morte a responsável em pôr um fim à nossa existência. Mas, o ser humano existe e ela também existe, assim como ela define a nossa existência humana que se submete a ela. Um dia estamos, no outro não estamos mais e não sabemos que dia será este (BAUMAN, 2008a, p.45). Epicuro tentou ser objetivo em querer mostrar que não há o que temer da morte, quando ela vier haverá um desencontro entre vida e morte, quando uma existe a outra não existirá mais. Porém, é exatamente esse deixar de existir que amedronta.

Apesar das pessoas sempre buscarem formas de absterem-se do medo da morte, é preciso conviver com a ideia de que ela é inevitável, o ser humano é mortal. A insatisfação de ser mortal fez surgir a crença de que a morte não traz um fim para o mundo, acredita-se que há algum tipo de vida após a morte e que o fim é apenas corpóreo (BAUMAN, 2008a, p.46).

O *memento mori*, é o significado de viver a vida terrena de maneira a ganhar a felicidade na vida que espera após a morte. É uma imposição para a forma de viver, ou seja, as ações e atitudes da vida terrena determinam como será a vida após a morte. É acreditar que a existência aqui tem o poder de definir a vida póstuma e que não há outra

chance, outra oportunidade que defina a vida eterna, a vida após a morte (BAUMAN, 2008a, p.47). Portanto, a crença é que a vida terrena, mesmo demasiadamente curta se comparada à eternidade, tem o poder que define o *memento mori*. A vida terrena é transitória, rápida demais perante a eternidade, com a ideia implantada de que é tão pequena, mas mesmo assim pode definir um tempo tão grande. É a influência do medo do “fogo do inferno”, que ameaça nos fritar eternamente, e com isso, passa a ter o poder sobre nossas ações. Devemos, portanto, trabalhar duro, quando sofrer não nos revoltarmos, agradecer por tudo e até mesmo pelo sofrimento; seguir regras e padrões de bondade para então nos prepararmos para a vida eterna e conquistar a felicidade prometida (BAUMAN, 2008a, p.49).

Os humanos são impotentes diante da morte, mas tentam se refugiar nesta ideia de vida após a morte, e que essa vida é eterna. Lotam igrejas, sustentam suas crenças na esperança de salvação final, quando a felicidade reinará para todos que se salvarem. A crença em um Deus repleto de bondade que permitirá a felicidade plena, na ausência do medo, repleta de confiança de que nada atingirá a vida plena que virá. A promessa é que haverá harmonia entre os seres humanos e ausência das ameaças que tanto afligem a humanidade terrestre. É belo o divino, por isso acreditável de que vale a pena seguir as regras de bondade pra conquistar a vida eterna como recompensa.

Quanto à vida humana, é demasiada curta em comparação à eternidade, a vida do ser humano pode atingir em torno de cem anos de idade, a eternidade representa um número indefinido. Comparemos a eternidade com cem anos, para que possamos enxergar melhor o que representa vamos supor que cem anos passem a ser um minuto e que a eternidade seja cem anos. Encontraríamos lógica ao dizer que um minuto definiria cem anos? É uma reflexão que talvez seja melhor não pensar e acreditar que a vida terrena deve definir a vida eterna, para acalmar o pavor da morte.

3.2 O Desejo da Imortalidade

Destacar-se em meio a uma multidão é uma preocupação do ser humano na intenção de deixar benfeitorias aos descendentes; fazer coisas que marquem a existência terrena de forma a não serem esquecidas pelos descendentes e sucessores na intenção de criar a imortalidade e manter a memória para a posteridade. Há uma categoria de pessoas

que se destacam pela fama, obtida por estadistas e alguns que revolucionaram em épocas, por méritos, ou mesmo por escândalos e rebeldia. São nomes encontrados em livros de história, cuja existência nesta vida passou a ser lembrada indefinidamente. Muito comum a artistas, cientistas, inventores de coisas que provocaram certa mudança, que convém ser lembrada (BAUMAN, 2008a, p.50-51).

Assim, o medo da morte, encontra na imortalidade a lembrança eterna na memória dos seus sucessores e isso se torna uma maneira de não desaparecer do mundo. No caso da fama, pode acontecer que pessoas sejam lembradas por muitas gerações, mas há o risco da infâmia, não há garantia do que é certo para a glória, isso é, portanto, algo bastante indefinido. A perda do prestígio, pode transformar esse sentimento glorificado em um sentimento de fracasso (BAUMAN, 2008a, p.52).

À proposta de expandir a vida deixando uma marca e feitos que ficarão na memória, o autor chama de imortalidade personalizada e, a imortalidade despersonalizada é o contrário. Aos humanos que não têm, ou não tiveram chance de realização de alguma obra, alguma benfeitoria que fosse consideravelmente destacável para simbolizar no tempo, resta-lhes a imortalidade impessoal, compensatória à impotência pessoal. Vidas que mesmo esquecidas, porque são vidas de pessoas comuns, sem feitos que tenham tido destaque, podem deixar marcas no infinito pela forma que morrem. Suas mortes podem ser vistas como uma oferenda por uma causa eterna, o que pode ser chamado de “mortalidade compensatória”. Bom exemplo disso, são as causas tomadas pela nação, que se pode chamar também de “imortalidade compensatória”.

Na era moderna, as nações ainda jovens, careciam de patriotismo nacional. Adotou-se a “imortalidade-por-precaução”. Chamado por George L. Mousse “a nacionalização da morte”. Mas, o que vem a ser isso? O Estado necessitava dos patriotas, de seus súditos que poderiam sacrificar suas próprias vidas por ele, e assim ganhar a imortalidade que, embora impessoal, teriam seu nome na história, como heróis, foi o que ocorreu na República Francesa após a Revolução (BAUMAN, 2008a, p.53). Na Europa, monumentos de mortos pelas causas do Estado, eram postos em vários lugares, sem a devida preocupação com a perda sentida pela família do ente que faleceu; ele se tornara um herói, histórico e venerado e a Nação agradece. Valia o sacrifício pela dignidade da morte na defesa do bem comum, o Estado era o bem comum, a recompensa, os memoriais e cerimônias comemorativas e a elevação do ser como um imortal (BAUMAN, 2008a, p.54).

O fim proposto pela morte, comum a todos conscientes de suas vidas, e com o horror e o temor que ela causa, faz com que as pessoas aceitem uma negociação para diminuir o impacto de seu desaparecimento. Uma espécie de acordo para afastar um pouco o medo que a morte causa e que tem um grande poder de sedução, de atração, adquiriu grande força durante a era moderna. O autor está falando da sociedade líquida-moderna de consumidores. Perde-se o valor de tudo que é durável, permanente e que tenha longo prazo. Surge um novo estratagema que consiste na marginalização de tudo que é preocupação com o fim e com o que é eterno e, conseqüentemente, com a imortalidade. É o que traz à tona a preocupação com o agora e não com o depois, mudança do que é durável pelo que é transitório. Muda, portanto, o valor e a preocupação com a mortalidade. É uma mudança de pensamento muito brusca, porque o horror à morte ainda habita nos seres humanos. Muda-se a forma de encará-la e a forma de lidar com ela. A ideia da morte passa a ser desconstruída, ou banalizada (BAUMAN, 2008a, p.55-56).

Bauman ressalta que os humanos têm uma tendência de querer esquecer a morte, deixá-la de lado, mesmo sabendo que sua existência, não pode ser exatamente eliminada. É apenas uma forma encontrada de lidar com ela, afastando de si o sofrimento que ela pode causar pela dor da própria morte, ou pela dor da perda de alguém amado. Lembra a explicação de Freud, que o ser humano tenta encontrar uma causalidade para a morte, que comumente pode ser doença, idade avançada, acidente, ou quaisquer outros fatos, pois acostumaram a perguntar a causa, sempre ao saber de alguém falecido. Manifesta assim, a necessidade de uma “oportunidade” para a morte se manifestar. Isso vem ao encontro da modernidade, sendo que Freud escreveu sua ideia em um momento em que o espírito moderno estava no seu auge de implantação nas mentes humanas. Uma ótima observação do autor, que reafirma a importância dada ao imediatismo, ao aproveitamento do agora, não deixar coisas que se deseja fazer para depois, porque o depois poderá não existir. O autor reafirma assim, sua teoria a respeito do mundo líquido que se formou até os dias atuais (BAUMAN, 2008a, p.57).

A desconstrução da morte, oculta as suas realidades obscuras, não se morre apenas de morte, não se dá um diagnóstico de morte por causas naturais, sempre se procura uma justificativa pelo fato, mesmo sabendo que a morte em si já é a justificativa. Afinal, todos irão morrer por quaisquer razões, as pessoas sentem necessidade de motivo para a morte, o que é uma razão legítima e inevitável, o que se faz é a necessidade em saber o quando e por que ela ocorre. O ser humano é mortal e sabe que o é, embora sabendo, ele procura uma razão para morrer (BAUMAN, 2008a, p.58).

Assim, a preocupação com a morte, está no cotidiano, na mente do ser humanos, sem se esquecer dela um dia sequer, mesmo que tente não pensar. As inúmeras causas da morte são vigiadas desde o nascimento, as preocupações com as ameaças podem ser incontestáveis porque estão além da autonomia humana e, por isso, segue-se a vigília. O medo da morte faz com que as pessoas fiquem alertas e tentem pelo menos adiá-la, quando possível. Pode-se morrer a qualquer momento, ou então morrer alguém que amamos. Naturalmente não se sabe quando será a última vez, o último momento de vida, o último abraço, ou o último apertar de mãos. Não se sabe quando é ou será a última vez de ver quem se ama, ou mesmo quando não se ama tanto, perdendo a oportunidade de um perdão. A morte tem como significado o fim, a perda irreparável e também, o significado de eternidade individualizada. Sigmund Freud relatou que “nossas esperanças e prazeres, como os desejos jazem na tumba” quando morre alguém que amamos, alguém próximo, alguém da família e fica uma lacuna que nunca mais será preenchida (BAUMAN, 2008a, p.59-61).

Aos que vivem mais, permanecem mais tempo observando os mundos que partem, as pessoas desaparecem e resta-lhes o sentimento de solidão e de vazio. A perda de um ente próximo, que se ama muito, os desejos e esperanças também morrem, mesmo que não seja na sua totalidade, não podem ser igualmente substituídos. Porém, a morte própria é bem diferente da morte de outros; não é possível se imaginar ausente, fora deste mundo. A morte dos outros pode ser compreendida de outras maneiras, até mesmo como números estatísticos que podem ou não afetar outras pessoas, diferentemente dos entes próximos, pessoas cujas vidas estão interligadas. Os desejos e prazeres morrem junto quando se perde um companheiro ou uma companheira, o pai, a mãe, irmãos, ou quaisquer outras pessoas queridas que fazem parte do convívio (BAUMAN, 2008a, p.61).

A condição humana é relatada pelo autor como universal e atemporal, sendo que em todas as culturas, a interligação com as vidas de outros seres humanos, seus relacionamentos, familiares ou não, são relações que se ligam e fazem parte do viver. Quando a morte acomete alguém dessa relação interligada, desaparecem deste mundo e levam consigo sua existência e pode-se dizer que há uma incapacidade de ver esse mundo sem tal existência, dando então, o significado à “singularidade” e à “terminalidade” (BAUMAN, 2008a, p.62).

3.3 A Fragilidade das Relações, as Perdas e o Sentimento de Morte

Semelhante à perda pela morte, é a perda de pessoas que se afastam. A perda de vivos, pessoas próximas, que fazem parte das vidas, mas que por algum motivo ocorre o distanciamento; são os casos de separações, divórcios, por exemplo. É chamado pelo autor como “morte de terceiro grau”, sendo que a morte de “segundo grau”, é a morte física. A morte de terceiro grau pode ser passageira devido a alguma tentativa de reconciliação, mas que se for negada, representa o sentimento de viuvez, perda da pessoa, cujos mundos se desfazem. Mundos desfeitos não têm volta, não existe retorno, são mundos enterrados em uma tumba e o sentimento e dor e de perda pode ser semelhante a dor e à perda pela morte. São vínculos humanos fracos e que não se mantêm de forma duradoura. São fáceis de dissolver, característica líquido-moderna, que torna a vida um constante ensaio de morte, um constante viver após as perdas e as pessoas se tornam obrigadas a viver em luto e a lidar com ele por muitas vezes (BAUMAN, 2008a, p.62-63).

Essa característica da liquidez moderna é fruto da fragilidade dos vínculos humanos, que nos lembram constantemente que somos mortais. Tanto nas relações que se dissolvem, na perda pelo rompimento de laços, como também perda física, a morte que leva ao sepulcro, perdas e rompimentos que não se constituem novamente. A morte é uma das principais características da vida líquido-moderna e é dela que os recomeços acontecem. Após a perda de um mundo, outro deverá se construir, porque o ser humano busca novos começos, para suportar o fim. A morte natural é, nada mais que a ação de agentes que dão uma desculpa para a ruptura dos vínculos humanos, já esperados pelo saber de que somos mortais (BAUMAN, 2008a, p.64-65).

O autor ousa na comparação da morte de “segundo grau” de forma metafórica como um assassinato ou homicídio e que por trás de cada morte encontram-se escondidos agentes que respondem pelo fato doloroso e cruel de ser, e que se convencem mediante os questionamentos humanos. O medo dela é corriqueiramente o pavor humano da exclusão, o não mais pertencimento a este mundo. Medo de sair dele sem saber que mundo há de se esperar depois da morte, seja qual for o tipo de morte (BAUMAN, 2008a, p.66).

O rompimento de relações caracterizadas como a morte de “terceiro grau”, raramente ocorre por consentimento mútuo, dificilmente é o desejo de todos os envolvidos os fins de mundos que irão acontecer. O cansaço dos vínculos que podem se tornar estressantes ou entediantes, o desgaste das promessas de lealdade, daí não se sabe de que lado virá a coragem de romper, por um fim a este mundo, como um aparente simples fechar de portas. Uma das partes pode ter o sentimento de libertação e alívio, mas o outro lado, normalmente ocorre um sentimento de rejeição, de exclusão daquele mundo e que não há como se tornar imune e nem como evitar. Não pode ser reivindicado o não merecimento da exclusão, não há como contestar direitos, não há como contestar o não merecimento da perda, da mudança de mundo, então indesejada; é fato que a relação quando se torna indesejada por uma das partes será, em algum momento, rompida (BAUMAN, 2008a, p.66).

A crítica do autor quanto aos laços humanos que se rompem com mais facilidades, pode ser percebida através da permissão legal do divórcio, em lei aprovada em 1977 e mais tarde, com a Constituição de 1988, passou a ser permitido às pessoas o divórcio e o recasamento quantas vezes queiram. Não se pode dar à lei a responsabilidade da liquidez das relações, mas percebe-se que a tendência de relações menos duradouras já estava instituída na vontade das pessoas culturalmente, de forma que se tornou legalmente. A separação de corpos de pessoas que se unem por algum tempo e depois se separam dá-se àquela parte que não quer a separação, o sentimento de perda de mundo, de morte e de viuvez e luto.

Os traços da individualidade ou do convívio entre os humanos são os parentescos e as afinidades. No tempo humano, o amor e a morte têm história própria e, portanto, são eventos que não são conectados entre si, por isso, não se pode aprender a amar da mesma forma que é impossível aprender a morrer. O autor compara que em um determinado momento, amor e morte atacam de forma imprevisível, *ab nihilo* – a partir do nada (BAUMAN, 2004c, p.16).

Amor e morte são comparadas pelo autor como acontecimentos que fogem do nosso poder. “Nem no amor e nem morte pode-se penetrar duas vezes – menos ainda no rio Heráclito. Eles são na verdade, suas próprias cabeças e seus próprios rabos, dispensando e descartando todos os outros” (BAUMAN, 2004c, p.15).

Os seres humanos se acostumaram com as relações que podem se dissolver mais facilmente, embora religiões possam não conceder tal permissão; o convívio entre duas pessoas passou a ter predominância na felicidade, não sendo primordiais as

obrigações. Outros fatores sociais como a entrada da mulher no mercado de trabalho, reduziram a sua dependência financeira do marido, também contribuiu para a dissolução do casamento.

Há outra relação que também se destaca pela tendência de duração curta e que teve amparo legal e conseqüentemente cultural, que é a relação de trabalho. A Consolidação das Leis do Trabalho previa até o ano de 1966 ao funcionário uma indenização de um mês de salário a cada ano de trabalho após completar dez anos na mesma empresa, em caso de demissão imotivada. Pois bem, o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço entrou em vigor em 1º de janeiro de 1967, porém, para que o trabalhador tivesse o direito ao FGTS, seria necessário abrir mão da tal indenização em caso de demissão. Logo, foi adotada pelos empregadores a contratação somente dos trabalhadores que abriam mão da estabilidade, com a intenção de afastar este “fantasma” que assustava empregador e protegia empregados. Isso contribuiu para facilitar a demissão a qualquer momento, sem a preocupação de desembolsar um valor que poderia ser inviável ao empregador, afetando o planejamento financeiro do mesmo. Logo isso se perdeu no tempo, por parecer algo tão antigo, mas foi um fator contribuinte da liquidez de relações de trabalho (FONTENELLE, 2017).

Na época foram adotadas campanhas para motivar o trabalhador a abrir mão da estabilidade e optar pelo FGTS, que até hoje corresponde a um valor de 8% do salário base mensal que o empregador deposita em conta vinculada do empregado e que não fica permanentemente disponível para o saque, somente será sacado em alguns casos específicos, como demissão por opção do empregador sem justa causa, compra de casa própria e aposentadoria. A ideia principal do FGTS era ser um recurso ao trabalhador no momento de desemprego. Porém, vive-se em tempos de mudanças, onde nada foi feito para durar, fazendo jus às palavras de Bauman, em tempos atuais têm ocorrido outros motivos para saques do FGTS, através do apoio do governo, com intuito de aquecer a economia. Aquela ideia de garantia do empregado em situação de desemprego, deu lugar à preocupação com a aceleração da economia.

As empresas e os profissionais da área de Recursos Humanos podem perceber também uma tendência e mudança de cultura dos trabalhadores mais jovens em permanecer menos tempo nos empregos com relação aos mais velhos. Atualmente é muito difícil encontrar um trabalhador que queira permanecer por muitos anos na mesma empresa. Os mais jovens buscam crescimento profissional e claro, financeiro; e se não ocorrer rápido em uma empresa ele procura outra. Esse desejo de mudança pode ser

freado em momentos de crise financeira em que os empregos podem ficar mais escassos, porém não há mais a tendência que vimos dos nossos antepassados de permanecer por muito tempo fazendo a mesma coisa, os jovens tem pressa e arriscam mais que os mais velhos e por isso estão mais adaptados ao mundo líquido.

Convém destacar que a perda de um emprego indesejada pelo trabalhador, pode também causar sofrimento e sentimento de perda e luto, pois essa perda pode ser comparada à morte, pois faz a pessoa sofrer e não há como mudar. Trabalhadores criam vínculos em seu ambiente de trabalho que vai desde a amizade à felicidade e satisfação profissional, trazendo o sofrimento no momento de perda.

3.4 A Busca da Sobrevivência e da Felicidade

Na vida líquido-moderna, a busca da felicidade é um fator que faz com que as pessoas busquem suas formas de viver, mas que passam pelo julgamento da sociedade; o que é pessoal e privado, torna-se, portanto, político no âmbito de política de vida, forma em que somos designados a acreditar, assim como na sociedade dos consumidores, o que antes era privado, individual, passa a ser coletivo. São regras criadas pela sociedade que são totalmente aceitas e que compõem uma política universal, mesmo que possam ser contestadas por outrem. Há várias leis criadas e que podem ser aceitas ou rejeitadas e que dão origem aos conflitos entre sentenças de cada júri, mesmo que seja de cunho individual. Os vencedores são os dotados de maior poder de resistência e os perdedores tendem a não aceitar a derrota.

É essa política julgada pelos seus membros – sociedade, que cria os júris, formados pelos mais fortes – os vencedores, que por sua vez, ditam as regras que devem ser seguidas por homens e mulheres que são destinados a acreditar que é a melhor e mais aceitável maneira de viver. Rejeições criam instabilidades e conseqüentemente disputas de júris em sentenças individuais em que uns ganham e outros perdem conforme suas forças. Embora não haja aceitação da perda, podem se conformar por algum tempo, mas retornarão mais tarde a contestar sua política (BAUMAN, 2008a, p.67). Porém, aprendem que o poder dos mais fortes sempre há de vencer a batalha, criar crenças populares do que é correto e que inibe a moral de seus perdedores, e que a vitória é inerente aos mais poderosos e não exatamente aos mais sábios.

Esta importante observação do autor, faz referência à busca da felicidade como originária do espírito moderno e que os esforços individuais são para encontrar formas de provocar o sentimento próprio de felicidade cada vez mais e mais. Essa busca constante se caracteriza essencialmente na individualidade, e na preocupação consigo mesmo. O individualismo que é provocado, gera o egoísmo, porque o que é mais importante para o indivíduo, é a própria felicidade. Caracteriza-se como vida líquido-moderna, um campo de batalha, lutas pela sobrevivência, o não à morte e, ainda, ser feliz a qualquer preço. De seus resultados, pouco ou nada importam quais pessoas são vulneradas em consequência de ações para a busca da felicidade individual. Não importa a injustiça consequente, podem ser elefantes em areias movediças, ou crianças que foram abandonadas por pais separados, que deram um fim aos seus mundos, inconsequentemente atingindo-os. Sentir-se feliz acima de tudo, mesmo que tenha que ser acima de todos, são “vítimas colaterais”, ou seja, vítimas resultantes dos que dirigem a batalha, no seu eu e individualidade que permite decidir pelo seu juízo, sua política de vida e sua sentença.

Bauman considera que as vitórias do mundo líquido-moderno, são temporárias, isso porque não sobrevivem ao equilíbrio do poder, por ser o mesmo mutável. O sentimento de segurança, é testado todos os dias e precisa ser identificado em tempo de se tomar providências para reverter. É o sentimento de medo da perda da vitória e também a tentativa de prolongar o sentimento vitorioso. Ninguém quer sentir-se perdedor, é um sentimento ruim que provoca a não aceitação e com isso a tentativa de reverter ou não deixar acontecer a perda que ainda, gera conflitos e lutas. A liquidez da chamada sociedade líquido moderna, é uma crítica do autor que parece durar ao longo dos tempos, pelo fato do renascimento de mundos após mundos, mortes após mortes, de segundos ou terceiros graus (BAUMAN, 2008a, p.68).

O sentimento de segurança é mutável em razão do poder que altera o equilíbrio da pessoa, que é testado todos os dias, portanto há a necessidade de renovação. A vida líquido-moderna precisa ser vigiada e, portanto, testada a segurança constantemente, porque qualquer um, pode ser vencido pela exclusão, pela morte metafórica. Os seres humanos encontraram estratégias para suportar a iminência da morte, sendo uma delas, promover uma ligação entre a vida e a morte, construindo pontes para a sua aceitação, de recomeço de uma vida eterna; acreditar na imortalidade, ao invés de se esperar apenas pelo fim. Outra estratégia é o desvio da atenção e a preocupação com a morte, ou seja, a mudar o foco, substituindo pela explicação de suas causas e a

neutralização das mesmas. Enfim, promover o que o autor chama de “ensaio metafórico” – encarado como o poder de tornar o irreversível como reversível e revogável, diante da constante vigília das ameaças que rondam a agir a qualquer momento. Apesar destes subterfúgios criados pelos seres humanos para encarar a morte, nenhum é verdadeiramente eficaz para afastar o medo dela. São apenas formas de viver com o sentimento de “alteridade absoluta”, de maneiras encontradas para suportar a ideia de que somos finitos (BAUMAN, 2008a, p.69).

“As pessoas nunca se apaixonariam se nunca tivessem ouvido falar de amor” – Jean Starobinski cita a observação de La Roche-foucauld, e que pelas histórias das doenças, há as que se espalham simplesmente porque se falam sobre elas. A verbalização dá força à palavra e um poder capaz de contaminar. É observado pelo que ocorreu na primeira onda da globalização o impacto na sociedade americana, a respeito da direita religiosa (BAUMAN, 2008a, p.70). Homens, arrimos de família, que perderam seus empregos com inúmeras garantias, passaram a ter suas mulheres com salários maiores que os deles, que passaram a ver o sentido da vida desmoronando de acordo com seus princípios. Então, os republicanos usaram o poder da propaganda, como uma guerra cultural a fim de combater a ameaça aos “valores familiares” tradicionais, sentidos pelos tais arrimos de família do passado, acostumados com uma estabilidade de vida financeira, e que passaram a serem submetidos às mulheres. Foram expostos ao mercado de trabalho nem tanto seguro, com salários mais baixos, e com instabilidade e insegurança da permanência deles.

O significante pode sobrepor ao seu significado, uma vez que é embutido no imaginário das pessoas. Dessa forma, podem-se obter vários significados criados pelo mesmo significante que é estabelecido pelo imaginário público. No contexto da morte como significante, criam-se vários significados que enchem as mentes de medos, ilusões metafóricas ou não, crenças e desvios do pensamento à realidade não totalmente definida; apenas a definição de que a morte existe para todos nós e o morrer é a ausência do ser. Pelo conhecimento deste poder é que se criou o mito etiológico do pecado original, de Adão e Eva. A verbalização, disseminação e propagação das palavras é que trazem como significados o medo e a noção de pecado original, que reina e perdura nas mentes de muitas pessoas ao longo dos tempos. Este poder de propagar a palavra a fim de que seu significado seja soberano ao seu significante, ainda que manipulado conforme os interesses, é atraente e sedutor, à medida que é usado para quaisquer interesses (BAUMAN, 2008a, p.71).

O conhecimento da manipulação verbal, acontece em todas as culturas. Buscam interesses como o lucro principalmente, e por isso são instauradas na política e na economia. Contam com o apoio dos seres humanos a ficarem parados diante de ameaças ou tendências que confrontam, mas que os seres humanos nada fazem. E, não fazem pelo fato de ser tão desprezível o que se venha a fazer, pois, ainda que façam, existe a preferência dos seres humanos em quererem coisas simples, e que sejam feitas de forma clara e com seus resultados imediatos e entendidos facilmente por todos que estiverem dispostos a fazer algo. Os seres humanos, não dão preferência ao que é complexo, cujos objetos ou resultados estejam distantes, complexos e obscuros. O arquétipo desse fenômeno que amedronta e provoca o pavor, é a morte. O medo da morte é manipulado e se torna um gerador de lucro na tentativa de prorrogá-la, como se fosse possível fugir dela, mas é um medo que não pode ser banido da vida humana (BAUMAN, 2008a, p.72).

O autor relata que o medo é primo da morte, pode ser o protótipo, ou mesmo o arquétipo de todos os outros medos. É um medo que leva a todos os outros medos extraírem dele o seu significado. Todos os outros medos são ameaças que surgem a partir do medo de morrer, pois a morte em si amedronta o ser humano, que é o único ser vivo que tem a consciência da morte e que a mesma provoca em si o pânico durante toda a sua existência. Os demais medos, apesar de originários do medo da morte, podem ser evitados, mesmo que de forma frustrada.

Segundo Freud, as ameaças vêm de três direções: do nosso próprio corpo, em razão do medo de sua degradação e decomposição que sabemos que irá acontecer e que normalmente é provocante de dor; do mundo externo, cujas ameaças são diversas mas que podem ter forças destrutivas imensas e sem piedade; e também podem vir de nossa própria relação humana. Este último parece ser o menos compreensível e, portanto, o mais doloroso por ser aparentemente evitável, mas não é, não se pode controlar as ações e reações de outros seres humanos.

As três direções apontadas por Freud e lembrada por Bauman, provocam o mesmo sentimento de dor, tristeza e angústia. Medo do conhecido, do que já foi marcado pelas experiências de coisas que afligem como um trauma de algo que não queira que se repita mais. O corpo humano pelo simples fato de ser mortal, não resiste às ameaças e consolida assim a guerra humana constante contra o medo, na busca de vencê-lo por mais que pareça impossível (BAUMAN, 2008a, p.73).

4 BIOÉTICA E O MEDO DO MAL

O medo e o mal são dois substantivos que estão sempre juntos e não podem ser encontrados separadamente. Um tem o sentido no que se sente e o outro no que se vê e ouve, ou seja, ouvir e ver provocam o sentir. Um tem a ver com o que está fora de si, está no mundo e o outro, dentro de si mesmo. Eu sinto e vejo, o medo e o mal; tememos o mal, essa é a relação entre ambos. O mal é algo que não tem resposta, é ininteligível, inefável e inexplicável. Temos ciência das ações pecaminosas devido à lista de mandamentos que definem como pecado; Bauman relata que para os nossos ancestrais o mal teria origem no ato de pecar. Recorremos à justificativa do mal quando não podemos apontar qual foi a regra infringida e, portanto, chamamos de mal aquilo que não temos a capacidade de classificar em uma lista de regras que possam ter sido violadas. Fatos que tentamos decifrar e classificar, perante suas histórias e, na tentativa de tornar compreensível, se fragmentam devido à nossa incapacidade de compreender que regras as maldades tenham violadas. Situação observada por Bauman, que filósofos deixam as tentativas de explicar o que é inexplicável, pois, segundo o autor, está além da razão do ser humano e que só podemos aceitar o que é percebido por ela. Deixar onde pertence, de onde nossa razão se torna incapaz de tirá-lo. É, portanto, a razão um atributo definitivo e inerente aos seres humanos. Mas, o que ela pode ou não abordar, depende da prática de sua utilização, é como se devesse ser testada, mas podem mudar com o tempo, mudam conforme mudam as práticas de suas culturas (BAUMAN, 2008a, p.74-75).

Aprendemos com nossos antepassados os significados do bem e do mal conforme nossas atitudes. Do pecado nascia o mal e o mal retornaria ao pecador e por isso a pregação da bondade e dos mandamentos divinos e, dessa forma, o bem não permitiria o mal sair, ele não teria como emergir e então não teria como nos atingir. Quaisquer formas do mal, tanto os males que atingem individualmente quanto os que atingem de forma coletiva, como os males da natureza, que se manifestam nas catástrofes ou pragas, eram resultados de atitudes e pensamentos pecaminosos, seriam como resíduos do ser humano, que se manifestavam de maneira ruim para fazer mal a todos. A existência do mal era vista como um problema moral, seria a moral que devia resolvê-lo, e fazê-lo desaparecer. A razão trouxe o pecado e a punição como instrumentos que tinham como segurança à imunidade do mal, a contrição e a expiação. O medo de ser punido e se queimar no fogo do inferno eternamente, faz com que as pessoas evitem o pecado.

O autor compara a conclusiva de Freud que toda aflição física tem origem na infância, nas experiências sofridas que se tornariam os complexos dos adultos. Os psicanalistas acreditam que estas experiências sofridas foram reprimidas e caídas no esquecimento. Mesmo que esquecidas, não importa o quanto podem ser tornar ineficazes as sessões, independente de quanto tempo elas durem. Sabendo que havia o entendimento de que todo mal seria uma punição merecida devido aos pecados praticados, essa argumentação se tornou uma arguição usada para fazer com que seus fiéis continuassem indo ao confessionário, como uma forma de livrarem-se do mal que poderia retornar com outros sofrimentos (BAUMAN, 2008a, p.76). Não foi possível apontar que o pecado estaria por trás de todo mal. Mas, o entendimento do mal como punição dos pecados foi complementada por doutrinas como a da hereditariedade, de Santo Agostinho, para toda a espécie de pecado original, a pessoa já nasce com ele, mesmo sem a explicação de justiça ou não. Há ainda o ensinamento de Calvino, em que a alocação da graça ou condenação divinas teria a ver com os esforços despendidos pelos humanos em busca da salvação.

Toda essa doutrinação pode ter sido suficiente para influenciar a humanidade. Haja vista que o Livro de Jó colocou os mistérios do mal como uma sequência de pecado e punição, ao longo dos séculos, passando por várias gerações e continuaram a desafiar a teologia e a filosofia na sua explicação. Essa disseminação ao longo dos séculos, contribui para funcionar como citado anteriormente, a palavra difundida se propaga e se torna o significado manipulado conforme os interesses. A história do Livro de Jó, desafiou a ordem presumida das coisas. Seu conteúdo instrumental das práticas então disponíveis à razão, uma vez que a prática define a razão, mesmo que a prática seja mutável (BAUMAN, 2008a, p.77).

Os teólogos eruditos defendiam o livro de Jó, os vínculos entre o pecado e a punição, assim como a recompensa na virtude. Eis que as falhas de provas convincentes da punição ao mal, não foram suficientes para obter as respostas desejadas, uma vez que não lhes era permitido perguntar, pois Deus teria negado a resposta. Não seria Deus quem deveria responder, mas sim os que deviam explicações a Deus (BAUMAN, 2008a, p.78).

4.1 A Culpa é dos Humanos ou de Deus?

O autor destaca o que a filósofa estadunidense Susan Neiman e o francês Jean-Pierre Dupuy, sugeriram que o terremoto e o maremoto, em 1755, que destruiu Lisboa foram marcos para o início da moderna filosofia do mal. Os filósofos da modernidade separaram os males da natureza dos males morais, pois acreditava-se que um tinha sua razão no outro. Portanto, a encenação da história, o despertar filosófico mediante o mal e a sua relação com a moral, teve sua encenação em Lisboa, não permitiu que Deus participasse dessa disputa, ficando de fora do evento, nos pensamentos e justificativas dos filósofos modernos (NEIMAN, 2002; DUPUY, 2005; BAUMAN, 2008a, p.79).

O autor conta que Dupuy reconheceu em Jean Jacques Rousseau o precursor da ideia de modernismo. Em carta aberta a Voltaire, Rousseau insistiu em dizer que as consequências da catástrofe ocorrida em Lisboa, teriam sido resultados das “falhas humanas”, observe que ele fala em “falhas” e não “pecados”. Se os moradores daquela cidade tivessem construído suas casas de formas mais seguras, resistentes às catástrofes, a tragédia não teria causado tanta destruição e que muitos não perderiam suas vidas se não tivessem insistido em buscar seus pertences e, por isso, morreram, por não haver tempo de escapar. A filosofia moderna seguiu o padrão inserido por Pombal – primeiro ministro português à época da catástrofe em Lisboa – suas preocupações “se concentravam na erradicação dos males que podiam ser alcançados por mãos humanas” (BAUMAN, 2008b, p.230). Os filósofos modernos acreditavam e confiavam que os seres humanos através da ciência e tecnologia seriam capazes de reduzir os números de males até então ameaçadores (BAUMAN, 2008a, p.80).

Trazendo à tona acontecimentos contemporâneos, percebemos a influência humana em tragédias evitáveis e impossíveis de culpar Deus ou os pecados do mundo por terem acontecido. A catástrofe ocorrida em Mariana – MG – em 05/11/2015, em que a barragem operada pela mineradora brasileira Samarco Mineração S.A., rompeu causando diversos danos ambientais, sociais e econômicos, vidas perdidas de forma devastadora. Desolou o Rio Doce daquele ponto da barragem até sua foz e contaminou 80 mil metros quadrados mar adentro, deixou mais de 1.200 pessoas desabrigadas, destruiu 1.469 hectares de vegetação e, ainda, provocou a morte de 19 pessoas.

A catástrofe se repete em Brumadinho – MG – em 25/01/2019 –, também pelo motivo do rompimento de uma barragem de rejeitos, operada pela Companhia Vale do Rio Doce – mineradora multinacional brasileira, responsável pelo desastre ambiental e também a perda de muitas vidas, superior a 300 se contabilizados os desaparecidos. A própria Vale admitiu que o sistema de sirenes que deveriam ser utilizados em caso de perigo, não houve tempo de ser acionado, devido à rapidez do acontecimento, porém uma justificativa inaceitável diante do sistema automático de comunicação (REZENDE; SILVA, 2019, p. 172)

Percebe-se que nos dois casos, de rompimentos das barragens, tiveram falhas humanas na gestão dos riscos e também na comunicação de evacuação das pessoas que foram submetidas à tragédia. Em ambos os casos, a responsabilidade da Vale é intrínseca.

Isto porque as controladoras da Samarco à época do ocorrido eram a Anglo-Australiana BHP Billiton e, exatamente, a brasileira Vale S/A, que no ano de 2019 vê novamente uma de suas barragens romper. Nesse sentido, não há como alegar a irresponsabilidade da Vale, pois seu papel não era de uma mera acionista, em realidade a Samarco se caracteriza por ser uma *joint venture*, um empreendimento conjunto entre as duas empresas, que dessa forma detém o controle comercial e de gestão da subordinada (REZENDE; SILVA, 2019, p. 170).

Portanto, reconhecer a irresponsabilidade em ambas catástrofes e que há três anos após o primeiro desastre, não houve por parte da empresa preocupação em mudar a segurança de suas barragens, atenção à proteção ambiental e à vida. Deixa aqui também uma lacuna para o pensamento dos filósofos modernos que esperavam da tecnologia e ciência, um mundo menos perigoso (REZENDE; SILVA, 2019, p. 171)

O início da modernidade foi marcado em 1º de novembro de 1775, com o acontecimento do fenômeno natural, de grande repercussão e que foi com certeza um marco de mudanças na humanidade em termos científicos e filosóficos, o terremoto de Lisboa. Na obra de Susan Neiman - filósofa estadunidense, publicada em 2001. Ela compara o acontecimento do terremoto com Auschwitz, pois o terremoto teria sua influência na distinção entre o mal natural e o mal moral, marcando o início da modernidade. Por sua vez, Auschwitz teria marcado o fim da era moderna. Nas décadas subsequentes ao terremoto vários textos foram escritos com ênfase ao acontecimento, tendo ocorrido um grande interesse neste cataclismo natural.

Autores, como por exemplo Tavares (2005), propuseram a análise das repercussões do terremoto de Lisboa, comparando à outras catástrofes tanto naturais quanto humanas como o ataque às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, e ainda o tsunami ocorrido em 26 de dezembro de 2004, que tiveram grande repercussão no momento em que ocorreram, como também se tornaram fatalidades que jamais serão esquecidas (AMADOR, 2007, p. 39).

4.2 A Banalidade do Mal

Bauman observou que, dois séculos e meio depois, o que os filósofos da modernidade e também os não filósofos esperavam, não ocorreu. Depois do desastre de Lisboa, o horror do que foi Auschwitz, fizeram com que as ambições desmoronassem. Como resume Neiman, Lisboa mostrou o quanto o mundo ainda estava distante dos seres humanos e que o campo de concentração de Auschwitz – símbolo do holocausto da Alemanha nazista, mostrou a distância dos seres humanos de si mesmos (BAUMAN, 2008a, p.80). A ideia do moderno teria tentado entender o ser humano, porém, tais tragédias mostraram que mundo e seres humanos são difíceis de serem separados. Se por um lado a teodiceia tradicional se mostrou inútil no acontecimento de Lisboa, em Auschwitz não poderia ter se saído melhor. A mente moderna rejeitou a teologia do livro de Jó, mas também, as teorias modernas não se saíram melhores, no que diz respeito a desvendar os mistérios do mal.

O desespero e choque que ficamos a primeira vez que ouvimos falar de Auschwitz, explicado por Hannah Arendt, é de grande dificuldade a absorção da verdade em relação ao mundo que vivemos. A intenção de agir errado, é um pressuposto de todos os sistemas jurídicos modernos, para que então, se cometa um crime. No julgamento de Eichmann – um dos principais organizadores do Holocausto Alemão, esse pressuposto não se tornou visível para o réu. Durante seu julgamento, com a ajuda de seus advogados, tentou o tempo todo se mostrar apenas bem-mandado, com a intenção somente de cumprir ordens que lhe eram dadas. Quis mostrar que não tinha nenhum rancor ou ódio pelos judeus. Ora, então haveria de estar implícito que a morte de seis milhões de pessoas tenha sido apenas um “dano colateral” causado pelo cumprimento de um serviço que devia sempre ser executado com lealdade, baseado no “pressuposto corrente em todos os

sistemas jurídicos modernos de que a intenção de agir errado é necessária para que se cometa um crime” (ARENDR, apud BAUMAN, 1963, p.277). Num pressuposto não visível no julgamento de Eichmann em Jerusalém, ele e os seus advogados alegaram o tempo todo que Eichmann não teria nenhum rancor ou ódio aos judeus, agiu apenas para cumprir ordens superiores. Deixaram implícito que a morte de seis milhões de humanos teria sido apenas um efeito colateral de um serviço bem feito, no cumprimento das ordens de seus superiores (BAUMAN, 2008a, p.81).

Hannah Arendt, em um de seus livros mais polêmicos, *Eichmann em Jerusalém* – um relato sobre a banalidade do mal – evidenciou como elemento principal de sua obra, o comportamento de Eichmann, a ausência da capacidade de pensar. Arendt acompanhou o julgamento do oficial nazista como também o entrevistou pessoalmente, tendo descrito o acusado como um ser “humano irreflexível” e, ainda, “o executante era ordinário, comum, nem demoníaco, nem monstruoso”.

Ao observar o abismo que havia entre as atrocidades que Eichmann cometeu e a forma tão superficial reflexiva, a autora criou a expressão “banalidade do mal”. Disse que “por traz da expressão (banalidade do mal) não procurei sustentar nenhuma tese ou doutrina, muito embora eu estivesse consciente de que ela se opunha à nossa tradição de pensamento literário, teológico ou filosófico, sobre o fenômeno do mal” (SIQUEIRA, 2011, p.9).

A intenção de agir errado estaria, portanto, para Eichmann, ausente e que nada haveria de errado em cumprir ordens, o errado seria desobedecê-la, dizia entender como um desafio da ética no trabalho. Bauman analisa o episódio na crítica de que se alguém sofrer em decorrência de outra estar cumprindo seu dever, não há ali imoralidade. O direito moderno não entende como crime, a não ser que seja encontrado um motivo para o crime. Se há um motivo para o assassinato, o réu não é classificado como criminoso, e se não há o motivo, pode-se entender que o réu possa ser alguém doente psicologicamente falando, um psicopata ou sociopata. Entende-se então que este deve ser submetido a um tratamento psiquiátrico. O mundo moderno reafirma isso com frequência e apresenta às pessoas em programas de TV, ou outros meios, que por fim, se tornam propagadores de tal ideia. É fazer o mal, sem a intenção maldosa. Essa ideia ainda propaga muito tempo depois do julgamento de Eichmann (BAUMAN, 2008a, p.82).

As intenções e convicções não podem ser reféns da tarefa, daquilo que deve ser feito, para que não firam, ou desvirtuem a obediência. Se os operários em uma linha de montagem produzissem somente os produtos que lhes agradassem, como a empresa

atingiria as suas metas de produção? Uma bela reflexão que o autor nos instiga. Ele ainda conclui que as emoções são nervosas e também volúveis e por isso, perdem a energia e podem desviar o foco. Reafirma que, neste contexto, cumprir ordens, não é exatamente fazer o que há a intenção de fazer. Cumprir ordens é obedecer a vontade de outrem, mesmo que não se queira fazê-lo (BAUMAN, 2008a, p.83).

Hannah Arendt investigou, através do julgamento de Eichmann, a banalidade do mal moderno. Ele se mostrou com imensa capacidade de pensar e se colocava como uma pessoa de ideal íntegro e puro, comparado à filosofia de Max Weber, da integridade cujas manipulações terrenas não pudessem tirar a razão que tinha como embasamento o seu propósito. O destino final, a meta, deveriam seguir a razão de caminhar por uma estrada mais curta, da forma mais fácil possível que leve até o alvo. Verificar com cuidado quais as possibilidades de cada caminho a percorrer para então escolher de forma mais racional.

As habilidades dos democratas modernos, vistas pelas suas realizações atingidas faz com que a razão moderna seja apreciada, por nós que somos seus usuários. O que não deve haver é a concentração na meta, no objetivo de forma que afaste da racionalidade e do caminho reto pela responsabilidade das consequências que seus atos possam provocar (BAUMAN, 2008a, p.84).

Só existe uma razão e não há como distorcê-la, ou enganar com outras razões, pois elas não existem. Não é a banalidade do mal que assombra e põe medo na sociedade, mas sim a sua racionalidade, devida à forma que ela pode ser administrada e ainda, realizada. Sua administração, pode depender da tarefa a ser feita, importando-se pela forma de chegar até o seu objetivo. Assim como Eichmann, gostava de suas promoções, sua posição política, ele banalizou o mal e o que lhe importou foi a maneira de chegar até o seu estado desejado. Ver as coisas em retrospecto, é olhar para trás, olhar e ver o que o desastre de Lisboa nos mostra, por exemplo, é ver a incalculabilidade da natureza. Um percurso em que não progredimos, mas retornamos ao início e vemos que existem coisas que são incalculáveis e nos põe horrores, apesar da experiência adquirida que nos fazem mais inteligentes e preparados que nossos ancestrais. A humanidade enfrenta tanto os males produzidos por si mesmos quanto os males da natureza. Os males produzidos pelos seres humanos são compreendidos ao olharmos para trás, ao tentar identificá-los (BAUMAN, 2008a, p.85). E, ao serem identificados, percebe-se que foram infiltrados de forma aparentemente inofensiva. Não são imediatamente identificados, pois não são logo vistos como um mal. Assim como nas catástrofes, que nas promessas do modernismo era

de controlar ou eliminar, talvez devido a uma vontade imensa que realmente isso acontecesse.

Os escrúpulos morais, a compaixão, a dor na consciência e a não aceitação de produzir o mal aos seus semelhantes precisam estar enraizados nos seres humanos, senão de nada adiantará querer um mundo melhor se os próprios humanos produzirem o mal uns aos outros. Bauman cita novamente Hannah Arendt:

Já que a sociedade respeitável como um todo, de forma ou de outra, sucumbiu a Hitler a máxima moral que determina o comportamento humano e os mandamentos religiosos – ‘Não matarás’ – que guiam a consciência virtualmente desapareceram (NEIMAN, apud BAUMAN, 2002, p.287)
Agora sabemos que as “sociedades como um todo” podem sucumbir, “de uma forma ou de outra” aos Hitler. E também sabemos que só tomaremos conhecimento de que sucumbiram se vivermos o bastante para descobrir; se, em outras palavras, sobrevivermos à sua capitulação. Não notaremos “a dilatação e ampliação da corrente” tal como não notamos a dilatação das ondas do tsunami – porque fomos treinados com sucesso a fechar os olhos e tapar os ouvidos. Ou talvez nos tenham ensinado que “coisas como essa” não acontecem em nossa sociedade moderna, confortável e tranquila, civilizada e racional (BAUMAN, 2008a, p.86).

4.3 A Esperança na Razão e na Moral

Bauman se refere ao imperativo categórico de Immanuel Kant, quando se trata da esperança que ainda deve existir e que os seres humanos podem agir melhor quando se trata da luta contra o mal, melhor mesmo do que pode ter feito a própria natureza inanimada. A razão é a máxima até que se torne lei universal. Porém, os caminhos ao longo dos séculos da Era Moderna, não nos levaram às máximas universais que, mesmo de formas diferentes, almejamos e lutamos para aplicar a nós mesmos. Dentre os mandamentos da universalidade das máximas de Kant, *deux poids, deux mesures* – dois pesos, duas medidas, se tornou lei universal. A Era Moderna, ao longo dos séculos, conduzida pelo Imperativo Categórico, caminho da razão, nos aproximou da universalização das máximas. A razão Moderna não se limitou a assegurar privilégios, gerando monopólios e exclusividades. A aplicação da mesma máxima poderia ser ou não recusada a uns ou outros, os quais não se percebesse merecedores. A razão Moderna aparentava não se importar com isso. A razão também não se comoveu com o sofrimento de certas pessoas a pagarem pelo alívio do sofrimento de outras (BAUMAN, 2008a, p.87).

Os privilégios oferecidos pelo Imperativo Categórico de Kant, teve como opositor pela racionalidade moderna, a liberdade, aliada à felicidade e à segurança, sem preocupação de como isso se daria, sem questionamentos das formas necessárias para acontecer. A razão moderna que permitia os privilégios e impedia a universalidade que teve, então o seu substituto aceitável (BAUMAN, 2008a, p.88).

Ao se tratar de velhos e novos imperativos, vemos que o imperativo categórico de Kant dizia: “Aja de modo que tu também possas querer que tua máxima se torne lei geral.” Aqui, o “que tu possas” invocado é aquele da razão e de sua concordância consigo mesma: a partir da suposição da existência de uma sociedade de atores humanos (seres racionais em ação), a ação deve existir de modo que possa ser concebida, sem contradição, como exercício geral da comunidade. Chame-se atenção aqui para o fato de que a reflexão básica da moral não é propriamente moral, mas lógica: o “poder” ou “não poder” expressa autocompatibilidade, e não aprovação moral ou desaprovação (JONAS, 2006, p.47).

Um imperativo adequado ao novo tipo de agir humano e voltado para o novo tipo de sujeito atuante deveria ser mais ou menos assim: “Aja de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra”; ou, expresso negativamente: “Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida”; ou, simplesmente: “Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida de humanidade sobre a Terra”; ou, em um uso novamente positivo: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer” (JONAS, 2006, p.47-48).

O novo imperativo diz que nossa vida podemos arriscar, mas não a humanidade, não temos o direito de escolher a não existência das próximas gerações. O imperativo se volta muito mais à política pública do que à conduta privada. O imperativo categórico de Kant se voltava para o indivíduo. As ações coletivas assumem características universais quando se tornam eficazes e que se estendem em direção a um futuro concreto de uma dimensão da nossa responsabilidade ainda não acabada (JONAS, 2006, p.47-48).

Marcaram a história dos seres humanos, de sua capacidade para o mal, as tragédias de Auschwitz, Hiroshima e Gulag. Marcos sangrentos na história da humanidade que nos apavora quando vemos a capacidade do ser humano em produzir o mal ao seu semelhante. A ciência e a tecnologia moderna, idealizadas para um mundo em que os medos seriam banidos; tiveram um papel incentivador de um mal moral,

transformado em natural quando tiradas vantagens de armas e equipamentos, então modernos, com capacidades malfeitoras jamais vistas. O ser humano cria meios de sua própria destruição (BAUMAN, 2008a, p.88).

A pior lição tirada dessas tragédias, que Bauman chama a atenção, é do ponto de vista moral, de um lado o ser humano que pode ser atingido por uma bomba atômica, ou outra forma com mal de tamanho grau, os quais ocorreram nestes locais e épocas. Os pensamentos querem refutar, mas podem se desvencilhar e nem percebe quando isso acontece, de forma a descartar a ideia do terrível mal, permitindo e dando forças a ele. O que Hannah Arendt relatou em sua descoberta através dos relatórios de vários analistas, psicanalistas que foram chamados para testemunhar no julgamento de Eichmann, foi ele ter sido considerado normal, de vida comum em família, tão comum ao ponto de não ser percebido em meio a uma multidão, poderia se misturar entre as pessoas comuns. Até mesmo o sacerdote em suas várias visitas na prisão, após a Suprema Corte encerrar a audiência, o teria considerado “um homem de ideias positivas” (BAUMAN, 2008a, p.89-90).

Os judeus enviados para os campos de concentração, vítimas da “Solução Final”, ordenada por Hitler, também eram pessoas como nós. Eichmann poderia passar sem ser notado, poderia ser alguém da convivência comum, um homem de família, pai, marido, como outro homem qualquer. O que ele queria, ou preferia, era o seu conforto, primordial, sendo que os comuns também podem querer o conforto próprio. Este é o vilão, o motivo de fazer do diabo o culpado, talvez sem precisar dele para suas buscas (BAUMAN, 2008a, p.90).

Bauman destaca que a “crise de confiança” é a pior consequência desta descoberta. O mal reside em qualquer lugar, em quaisquer pessoas, como nós. Em meio às multidões sem se destacar, nenhum rótulo a marcar pelo seu grau de bem ou mal. Assustador este relato, que o autor ameniza que quando diz assim é um exagero. Nem todas as pessoas estão aptas a se tornarem servis às ordens do mal. Mas, da mesma forma que não se distingue quem são as pessoas do mal, também não se distingue as pessoas do bem, que estão no meio das mesmas multidões como nós. O autor defende que, se descobre e identifica quando as condições se tornam adequadas, qual será a resistência que se tem ao mal (BAUMAN, 2008a, p.91). Nem todas as pessoas irão se render ao mal diante de circunstâncias que possam seduzi-las. Porém, não há como confiar, as condições dadas à segurança são as mesmas, independente da opinião que se tenha das qualidades morais das pessoas que estão à sua volta, em quaisquer lugares, em multidões ou não. A lição de “não confie em ninguém”, é o subtítulo de um *reality show* norte-americano. A

comparação deve ser motivo de reflexão, medir o tamanho da confiança de acordo com o tamanho dos interesses às mesmas coisas. Seus concorrentes irão se esforçar para tê-las. E, como dito anteriormente, o conforto é o que as pessoas querem. Cada pessoa encontra o conforto à sua maneira, que esbarra nos desejos e vontades de outros, gerando assim o egoísmo, e a falta de amor ao próximo.

4.4 Tempos Líquidos Modernos

A “liberação de emoções” diante de oportunidades direcionadas, em que as pessoas compartilham os mesmos desejos e interesses, o que se vê em torneios, copas do mundo, morte de um ídolo, entre outros acontecimentos que mutuamente comovem, são fontes de ameaças vagas e difusas, destaca o autor. Situar-se à distância de tais acontecimentos, pode ser a melhor maneira de se proceder, evitando o envolvimento partidário ou mesmo contrário. Onde devia ser um elo de proteção, pode se tornar uma fonte de ameaça e violência, que são as cidades (BAUMAN, 2008a, p.92). O autor compara aos tipos de “arquitetura de *bunker*”, como opção de residência para quem tem recursos para isso e garantir a segurança e privação dos medos que as cidades podem provocar. Viver em tal estrutura, sem entrada visível, sem aberturas para a rua, com ligações às construções semelhantes por pontes suspensas e dão fundos para o centro da cidade, é viver em um monumento alheio à ideia de compartilhar a vida com as multidões e uma maneira de refugiar-se dos medos e perigos existentes (BAUMAN, 2008a, p.92-93).

Bauman relata as relações humanas como uma fonte prolífera de ansiedade. Os vínculos humanos estão em crise de confiança, vivendo em territórios de fronteiras travados a cada dia. Os seres humanos vestem-se de uma armadura com máscaras a se esconderem da sociedade. Os vínculos são competitivos devido à busca do conforto para si, o olhar para o desejo de dentro e as ameaças de fora. As pessoas escondem o que são, por medo e autoproteção, mas podem se mostrar exatamente como não são, uma bela contribuição para a crise de confiança! Deveres, obrigações, normas do convívio, são diluídos, não se mantêm. A inspiração, ou a ostentação de um futuro seguro, de uma vida confortável que se garanta por muito tempo, não tem espaço nas relações humanas, se dilui e precisa ser renovada constantemente em busca de garantias. A então ansiedade, se alimenta de uma ambição de futuro, na inquietação e vida em estado de alerta constante (BAUMAN, 2008a, p.93-94).

A obra de Bauman relata a vida nos tempos líquido-modernos. Mesmo que nesses tempos precisemos de mais vínculos sólidos e fidedignos, é o tempo em que as relações mais se dissolvem, desfazem em um tempo muito rápido. Vivemos em estado de alerta, farejando traições. As “redes” são numerosas, quanto mais pudermos ter nas telas dos aparelhos celulares, teremos, e assim cresce cada vez mais a quantidade que parece substituir a qualidade. As “redes” substituem as parcerias. As esperanças são destruídas à medida que os relacionamentos ficam mais frágeis e os caminhos menos sólidos, a percorrer por chãos inseguros e a provocar a pressa, a corrida para se chegar em algum lugar que ao alcançar pode não ser mais o mesmo que se espera.

A todo momento há a sensação de que um mal irá atacar e de que há males adormecidos apenas esperando o momento de vir. Por isso, há pressa para fugir deles, para fugir do problema e não enfrentá-lo, ou então, fazer de conta que não existem para facilitar a fuga. Torna-se um tempo sombrio, ofuscado. Esconde os amigos que antes eram chamados de verdadeiros, eternos, assim como os inimigos. Já não são mais claras as formas de se relacionar como antes. Esconde-se o mal nesse tempo sombrio, nessa neblina que ofusca o futuro, o qual flui e escapa das mãos, de tão líquidos (BAUMAN, 2008a, p.95).

As pessoas mais vulneráveis às situações do medo e aos males propostos pela vida devem ser protegidas. Os seres humanos são responsáveis por suas ações e decisões que venham atingir outras pessoas e não somente a si próprio. A bioética da intervenção precisa ser aplicada quando os princípios adotados já não atendam mais às necessidades humanas, sejam em ações ou leis que então precisam de adequação para suportar as mudanças do mundo contemporâneo.

A partir do momento que o ser humano aceita que sente medo, ele está admitindo que há males que podem atingi-lo e são vulneráveis a eles. Aceitar a separação feita pelos filósofos modernos entre os males da natureza e os males morais, provoca um alerta para entender de onde vêm os males, para conseqüentemente tentar criar suas defesas. A experiência humana surpreende com sua história ao ver registrados fatos que relatam desastrosos acontecimentos de males provocados pelos humanos a si mesmos, haja vista os registros dos acontecimentos em Auschwitz e Hiroshima; são atrocidades que a humanidade não deverá jamais esquecer para que nunca se repita.

A humanidade esperançosa em sua evolução, inteligência e capacidade de descobertas, que deram mais significado e mais sentido para a vida em função da ciência, permitiu muitos benefícios capazes de prolongar e facilitar a existência humana. A tecnologia permitiu descobertas como o tratamento de doenças, facilitou o trabalho, melhorou a

educação e até mesmo o convívio social; mas mesmo assim, a humanidade ainda não é capaz de produzir defesas para os males da natureza e os males criados por si mesma.

O mal oculto, que se esconde na neblina, pode ser um mal que está sendo banalizado, que não é questionado e aparentemente incólume pelo fato de ocorrer sob o efeito de alguma coisa determinada. Assim é o mal que se descobre tempos mais tarde e percebe-se que supostamente não foi provocado com intenção. O risco de deturpação do significado de bem pode fazer com que o mal se pareça correto. Para analisar e encontrar formas de esclarecer situações como esta, há necessidade que os bioeticistas estejam sempre alertas às constantes mudanças que tornam os medos líquidos, em constante mudança. A incompreensão dos fatos pode causar falsos entendimentos pela simples questão de seguir um hábito, um costume, ou uma lei.

Em dezembro de 1955, Rosa Loiuise McCauley – conhecida como Rosa Parks – cometeu desobediência civil quando se negou a ceder seu lugar em um ônibus para um homem branco, nos EUA. A desobediência a quaisquer ordens superiores, às leis, é normalmente entendida como algo errado, é uma atitude má. Porém a atitude de Rosa Parks resultou na organização de movimentos sociais pelos direitos civis dos negros. A Suprema Corte estadunidense encerrou o caso quando decretou inconstitucional a segregação entre brancos e negros nos ônibus. Uma ação não correta determinou a mudança de uma lei não correta (FERREIRA, 2018). Isso deve ser um alerta à humanidade para observar, questionar e nunca se deixar levar pelo comodismo que permite a aceitação de coisas que possam expor os seres humanos às situações imorais ou antiéticas. Muitas lutas e conquistas por direitos humanos são alcançadas quando a inquietação e o não conformismo levam a resultados para o bem, para a proteção de pessoas vulneráveis a algum mal e que necessitam de proteção e justiça.

Em sua crítica sobre o depoimento de Eichmann, Hannah Arendt observou que ele era uma pessoa que não pensava, suas respostas estavam sempre prontas e já formuladas da maneira como ele havia acatado. Uma sociedade que não produz pessoas pensantes corre o risco de se tornar uma sociedade apta ao aceite do mal banal, o mal rotineiro. A inquietação gera a crítica que gera perguntas que procuram respostas, que é o caminho para a consciência, a liberdade e a responsabilidade. O ser humano é livre para decidir seus atos, porém a responsabilidade deve guiá-los. As decisões costumam seguir os acontecimentos passados, porém quando não há referência, o que é comum acontecer em tempos líquidos, deve-se buscar proteção aos seres humanos contra os males que os podem afetar. A defesa da vida e da dignidade é um dever da bioética em todo momento.

5 O MEDO DO INCONTROLÁVEL

Segundo Jean Pierre Dupuy, importante filósofo moderno, no último século, a humanidade evoluiu também para a autodestruição. O suicídio coletivo é potencial pois, a humanidade tem todos os recursos para isso, que podem ser usados por vontade própria ou mesmo por alguma falha, que pode extinguir também o restante do planeta (BAUMAN, 2008a, p.96). O ser humano, portanto, criou formas de destruição do planeta. Ogivas nucleares, mísseis, são apenas exemplos do que existe para a destruição do planeta. Esta é apenas uma das catástrofes que podem tornar o planeta inabitável aos humanos ou quaisquer outras espécies. Convém lembrar, que essa forma de destruição já foi usada e um dia já houve o lançamento de uma bomba atômica que deixou males causados por ela durante décadas afora e que a humanidade ainda não esqueceu. Seus traumas são lembrados, pela tragédia ocorrida em 06 de agosto de 1945. Esquecer seria apagar da história, lembrar é alertar os humanos que não deixe nunca de serem humanos a ponto de se autodestruir sem piedade à vida comunitária e o direito que a ela todos têm, com dignidade e respeito cabíveis a qualquer um.

Bauman acredita que o que torna pérfido o avanço das possibilidades de alguma destruição como esta, é o fato de sua iminência ser um paradoxo ao resultado. Os humanos aspiram por um planeta mais habitável, mais confortável para nossa moradia. Mas, é um imaginável, não esperado, não definido, arriscado e não controlado, embora possivelmente com recursos criados para isso. Embora não se tenha uma declaração explícita sobre a possibilidade de uma aplicação em nível universal, não há nenhuma conclusão prática de sua iminência, que poderia ter como resultado tornar o planeta inabitável aos humanos e aos outros seres vivos. É contraditório, quando percebemos que existem esforços humanos para que tenhamos melhores condições de vida no planeta, torná-lo um melhor habitat para todos nós (BAUMAN, 2008a, p.97).

Bauman relata sobre os confortos que são desigualmente distribuídos, cita Jacques Attali em *La voie humaine*:

(...) metade do comércio mundial e mais da metade do investimento global beneficiam apenas 22 países que abrigam só 14% da população mundial enquanto os 49 países mais pobres, habitados por 11% da população, recebem apenas metade de 1% do produto global – quase o mesmo que a renda combinada dos três homens mais ricos do planeta. Permitam-me acrescentar que a Tanzânia, por exemplo um dos países mais pobres, gera 2,2 bilhões de dólares por ano para 25 milhões de habitantes, enquanto a firma bancária Goldman Sachs produz uma

renda de 2,6 bilhões de dólares divididos entre 161 acionistas. Para completar o quadro: no momento em que escrevo estas palavras, não há quebra mares à vista capazes de deter a maré global da polarização da renda (BAUMAN, 2008a, p.98).

Realizações indesejadas, mal monitoradas e também irresponsáveis, são provocadoras do aumento da desigualdade, que provém do desejo de felicidade, de uma vida confortável e que fazem parte do sistema em que vivemos e que é impossível que seja atingido ou explorado por todos, são privilégios usufruídos por alguns. Torna-se praticamente impossível que seja universalizado, estendido a todos, não há recursos para toda a humanidade. Bauman relata que “para serem generalizadas, exigiriam os recursos de três planetas, não apenas um” (BAUMAN, 2008a, p.98).

Os recursos almejados provocam formas de vida mais confortáveis e por este motivo, desejadas. Assim, o desenvolvimento da modernidade deu formas de poder para satisfazer as ambições, geradas em um espaço global, assim como recursos globais, que sustentam desfrutes locais. As ambições humanas de cunho difuso, foram guiadas por uma lógica que infringiu as intenções dos modernizadores. Não teriam mesmo acontecido os desenvolvimentos modernos, os limites de sustentabilidade do planeta teriam sido reconhecidos, teriam sido considerados tal qual não se fez (BAUMAN, 2008a, p.99).

5.1 Seletividade, os Mais Vulneráveis às Catástrofes

Os objetivos se tornam cada vez mais fora de alcance, pois são colocados além da possibilidade de se obter. A estratégia consiste em substituir o que pode ser adquirido naturalmente, por algo que se conquista por outros caminhos ou outros artefatos. Pode ser exemplo, trocar um estilo de vida saudável por intervenções médicas ou recursos farmacêuticos (BAUMAN, 2008a, p.100).

A modernização trouxe atalhos para a vida, em que os obstáculos têm um poder temporário, que podem logo ser eliminados e são tolerados por pouco tempo e logo são tirados do caminho. Portanto, a civilização moderna se ocupa em resolver diversos problemas assim como desastres que podem surpreender as pessoas. O problema é enfrentar os desastres depois de ocorrido, sendo que deveria mesmo ter sido evitado. Portanto, nos encontramos em um estágio de evolução em que os esforços são utilizados para reparar danos de agora ou não, ao invés de preveni-los e que as tarefas se tornam

cada vez menos administráveis do que já foram e não é possível saber quais tarefas se tornarão inadministráveis, por motivo do futuro ser imprevisível, ainda mais em tempos líquidos (BAUMAN, 2008a, p.101).

Nossa incapacidade de conceber maneiras alternativas para solucionar ou melhor, atender as necessidades da diversidade que habita o mundo, estamos dentro de um sistema em que apontamos e tentamos resolver situações mutantes perto de nós, provocadoras de ação e reação, mas somos incapazes de enfrentar adversidades cujas tendências são rápidas, necessitamos que outra situação venha a ocorrer para resolver a anterior. Os limites da capacidade humana, foram afastados do nosso conhecimento, o que agora torna difícil entender sua dimensão, mesmo se tratando de catástrofes naturais. O autor cita como Duppy descreveu o acontecimento do tsunami - “A inocência do tsunami asiático durou apenas alguns dias” (DUPPUY, apud BAUMAN, 2005, p.43) Duppy cita Paul Taponnier (TAPONNIER, apud BAUMAN, 2005, p. 43) e assinala que:

A exaltação atingiu o auge quando se divulgou que as autoridades da Tailândia foram rapidamente informadas do terremoto e da probabilidade de um tsunami, mas preferiram não emitir o alarme com receio de prejudicar a indústria turística do país. Os pesquisadores foram os próximos a serem apontados entre as causas do desastre: a ignorância, a insuficiência de conhecimento científico e o corte de verbas de pesquisa por parte de certos governos foram os culpados apontados. A culpa moral cobriu definitivamente o espaço que deveria permanecer como domínio dos males naturais, sob o atrevido pressuposto de que a onda teria sido interrompida se houvesse obstáculos físicos para detê-la (BAUMAN, 2008a, p.102-103).

Porém, o autor faz uma crítica ao relato de Taponnier e Duppy, nem tudo está contido ali. Assim como no tsunami ocorrido, também o Katrina, catástrofes naturais. Todos sabiam da chegada do Katrina, mas nem todos podiam usufruir do tempo de aviso para as providências. Portanto, somente alguns puderam fugir em tempo e garantir sua existência, já que suas posses já estavam garantidas através de seguros. Mas, outros perderiam tudo que possuíam, economias, pertences e coisas construídas ao longo de uma vida e que poderiam jamais tê-las de volta, embora a soma de suas posses fosse em valor desprezível se comparadas às outras, mas era o que tinham. Não só a sua existência estava em risco, já que não tinham condições de pagarem passagens aéreas e se refugiarem em motéis, por tempo indefinido, afinal, tudo custa dinheiro, e nem todos o tinham para refugiar suas famílias. Dessa forma, o tempo de aviso até o acontecimento da catástrofe, para muitos, pouco adiantou, suas perdas não seriam ressarcidas.

Na ocorrência de catástrofes as pessoas mais pobres são as mais atingidas, negras e pobres. O autor cita David Gonzales, correspondente especial do *New York Times*:

[Nos] dias que se passaram desde que os bairros e cidades ao longo da costado Golfo foram varridos pelos ventos e pela água, tem havido um sentimento crescente de que raça e classe são os marcadores tácitos de quem saiu e quem foi atingido. Tal como nos países em desenvolvimento em que os fracassos dos programas de desenvolvimento rural se tornam ofuscantemente claros por ocasião dos desastres naturais como secas e inundações, declaram muitos líderes nacionais, algumas cidades mais pobres dos Estados Unidos foram abandonadas à vulnerabilidade pelas políticas federais. Ninguém teria se importado com grande parte dos negros dessas paróquias quando o sol estava brilhando”, disse o prefeito Milton D. Tutwiler de Winstonville, Mississippi. “Assim sendo, será que estou surpreso pelo fato de ninguém vir nos ajudar agora? Não. (BAUMAN, 2008a, p.104).

O autor destaca ainda a fala de Martin Espada, professor de inglês na Universidade de Massachussets:

Tendemos a pensar nos desastres naturais como algo, de certa forma, distribuído equitativamente, de um modo um tanto aleatório. No entanto, sempre foi assim: os pobres estão em perigo. É o que significa ser pobre. É perigoso ser pobre. É perigoso ser negro. É perigoso ser latino (BAUMAN, 2008a, p.104).

O autor relata que não se pode ter certeza das circunstâncias que fizeram que essa população mais pobre fosse excluída de verbas destinadas à defesa contra inundações da cidade e nem mesmo o fato de ocorrer uma demora da Guarda Nacional na intercessão da desordem que ocorria enquanto pessoas saqueavam incontrolavelmente. Quando chegaram, a ordem era “atirarem para matar”, antes mesmo de se preocuparem com a alimentação dos flagelados. Embora, tenha sido notável que bem antes do Katrina, já outras pessoas sofreram com a modernização, que gerou vítimas do progresso econômico e empreendimento humanos, mas que exilavam preocupações prioritárias de ordem social. O autor faz uma crítica à desigualdade social e às prioridades em função de questões econômicas que o mundo moderno provocou (BAUMAN, 2008a, p.105).

Nossas mentes podem fazer perguntas de respostas incertas para entender a demora da Guarda Nacional para interceder na desordem e perturbação social que ali se instaurou. Melhor não pensar que possa ser em função da indústria de remoção de dejetos humanos, mesmo incapaz de suportar certas consequências resultantes da globalização negativa, o que seria uma ideia assustadora, que deveríamos descartar, mas incomodam os fatos que instigam sua veracidade.

Bauman faz uma intrigante comparação em que os desastres naturais, passam a se assemelhar às calamidades morais, por encontrar uma aparente seletividade dos desastres naturais, derivada muitas vezes da ação humana, havendo ou não uma motivação moral. Há de se comparar que os mais atingidos são os mais pobres, sem recursos e sem o digno amparo (BAUMAN, 2008a, p.106).

O projeto da modernidade era proteger a humanidade das surpresas da natureza, uma promessa seletiva de proteção aos seus efeitos, que separa a humanidade em dignas e não dignas de proteção e conseqüentemente promovem diferentes medos. A população menos protegida sofrerá mais medos do que as mais protegidas. Quando o Titanic afundou, salvaram-se os mais ricos, morreram os mais pobres. Os ricos foram os que tiveram recursos – os botes, não foram disponibilizados aos pobres devido ao seu número insuficiente. A vida humana é exposta às catástrofes, calamidades e também à limitação biológica. A saúde ou a perda dela também é uma preocupação humana que pode ser mais ou menos incômoda conforme a classe social da pessoa. São bem mais acessíveis os remédios e recursos da medicina aos mais ricos do que aos mais pobres, independentes dos avanços na saúde de cada sociedade, há uma seletividade aos que terão acesso. Portanto, a guerra moderna contra os medos humanos tem uma classificação social pelo seu nível de poder aquisitivo (BAUMAN, 2008a, p.107).

5.2 Desastres Naturais, Falhas Morais

Misturam-se as ideias de desastre natural com desastre social/moral quando se fala das catástrofes e das conseqüências dos erros de cálculos ou da negligência humana, vistas pelo autor como um “divisor de águas” na história da humanidade. De um lado vê-se o desastre “natural” e de outro, aquele provocado pelo ser humano, por isso, social ou moral. Bauman destaca Susan Neiman, autora que chega a sugerir a separação dos conceitos de desastre natural e desastre social, que gerou grandes debates por ocasião do terremoto e incêndio de Lisboa em 1755, sugerindo, portanto, o início do “moderno”. Ela compara a coragem dos iluministas de pensarem por si mesmos e a responsabilidade pelo mundo e estabelece o que as eras anteriores chamaram de natural e os males morais. Sendo que as modernas concepções do mal tinham como ideia premissa, deixar de culpar

Deus pelos desastres e, assim, passar a assumir as responsabilidades humanas pelas mesmas (BAUMAN, 2008a, p.108).

É um desafio fazer os dois males, o natural e o social, se fundirem para serem vistos como falha moral, como também é difícil classificar qual dos dois seria moralmente uma falha. O mal natural, oposto à cultura, teria que deixar de ser natural, não representar a natureza. Entende-se o que é natural e o que é cultura, são opostos, sendo que a cultura não tentou mudar o significado do mal natural. Bauman, ao se referir à cultura no início da Era Moderna cita Voltaire, “O segredo das artes é corrigir a natureza”. Ora, se natureza e cultura são opostas, não houve sucesso ao descobrir o segredo das artes, ou a forma de corrigir a natureza, tornou-se, portanto, um “derivado negativo” da cultura. Esperava-se que em alguma ocasião, a área da natureza seria mais explorada e absorvida pela cultura, conseqüentemente seria submetida ao domínio do ser humano e com isso se tornaria indistinguível do que poderia passar por correções intencionais, o que tornam vulneráveis aos erros humanos, equivocados e negligentes (BAUMAN, 2008a, p.109).

Diante de catástrofes, difíceis de prever ou mesmo de evitar, a humanidade tem a tendência de procurar os culpados e que podem ainda afetar pessoas inocentes. Vejamos, com a busca de encontrar formas de interpretar os males sociais e morais conforme os desastres naturais, estes deviam possuir as mesmas características, ou seja, a busca dos culpados. Antes de se encontrar o mal moral, os desastres naturais têm um caminho de fácil compreensão para as pessoas modernas. As palavras, a linguagem, agem invasivamente como colonizadora, de maneira planejada desde o princípio. Fizeram com que o domínio humano sobre a natureza fosse conduzido pelo destino, mesmo que se esperasse uma evolução, mas, o mesmo a cegou. O autor, conclui que a humanidade foi surpreendida pela culpa moral, que não era esperada pela modernidade. As representações do moderno iam contra a natureza como expectativas e esperanças, como também as vontades comuns (BAUMAN, 2008a, p.110). A modernidade se deparou com um ponto fraco da humanidade que é a sua permanência no mundo, sua existência no planeta, sua razão de existir conforme as condições. Mas a natureza pode se revelar não favorável e ameaçadora e se opor às vontades humanas. Com isso, a ideia vinda do passado de natureza como Deus, foi rompida. Na Era Moderna, a crença da responsabilidade de Deus pela natureza se desfez. Assim, a natureza, diante do egoísmo da humanidade que deseja viver em um mundo que lhe sirva como um direito, se torna insensível e sem preocupações com o que a humanidade possa desejar.

Enquanto o ser humano não entendia a natureza por ser um mistério, entendia-se da maneira mais provável que era dizer que os desastres naturais se tratavam de punições aos pecadores morais, mesmo que supostamente inocentes e culpados sejam atingidos (BAUMAN, 2008a, p.111). Bauman traz à tona uma questão milenar de questionamento do bem e do mal, e punição, quando menciona o Livro de Jó. Por que a natureza, criada por Deus atingiu Jó, um ser temente a Deus, sem pecados, sem maldade, cumpridor dos mandamentos, permitiu-lhe tanto sofrimento? Portanto, um desafio da modernidade, entre filósofos e teólogos, a razão e a interpretação do mal como algo que não se pode associar ao Criador do bem e do mundo.

Max Weber é citado por descrever o “desencantamento do mundo/natureza” e marca com isso o espírito moderno. O ser humano é impotente, não tem poderes que possam mudar os desígnios da natureza que por si, também não pode escolher entre o bem e o mal, mas tenta através de Deus, com práticas religiosas, de oração, obediência e temor, negociar com Ele a “natureza desencantada”. A esperança no Divino, através da troca de favores contratados, os quais serão cobrados, assim como na história de Jó, esperava-se que ele o fizesse, quando perdeu todos os seus bens. Assim, abandonou-se a ideia de males da natureza, desassociando o Divino à natureza, também abandonou-se o desespero em função dos males mais assustadores, pela ausência de recursos que pudessem evitá-los (BAUMAN, 2008a, p.112; CAVALHO, 2019).

Agora, que as ameaças da natureza não estavam mais associadas ao poder Divino e as mesmas continuavam a ameaçar, apenas esperava-se que seus males fossem passageiros, retornando à ideia de associá-lo aos males sociais e assim, pudessem de alguma forma serem evitados, da mesma forma que as maldades humanas poderiam e deveriam ser evitadas. Haveria, portanto, uma forma de impedir que a natureza causasse algum desastre. O desejo é de que o poder da razão pudesse prevenir e evitar tanto os desastres naturais quanto os morais, em que Bauman cita o Imperativo Categórico de Kant, que define alguma necessidade, alguma ação necessária, que a razão pudesse definir (BAUMAN, 2008a, p.113).

Os seres humanos esperavam que na Era Moderna fosse possível resolver os problemas humanos, mas percebeu que não foi exatamente o que aconteceu. Os seus resultados não aconteceram por ações tomadas pela razão, mas de forma contrária e de natureza irracional. Os desastres provocados pelos próprios seres humanos, impossíveis de saber de onde vêm e também imprevisíveis, os quais não encontram explicações e se

tornam inadmissíveis, diferentemente de outros eventos que possam ter suas lógicas (BAUMAN, 2008a, p.113-114).

Catástrofes sociais e morais tornaram-se tão inadmissíveis quanto os desastres naturais, sendo que a luta moderna na intenção de tornar administrável o mundo, tornando-o mais previsível, não funcionou. Bauman considera um paradoxo a luta moderna em torná-lo como tal foi a intenção do mundo moderno, com as preocupações humanas de forma a resolverem os problemas tornando-o previsível e com menos preocupações com os medos. Um conflito entre os dois lados, sendo que este conflito tinha por um lado uma determinação a relevar as questões morais, e de outro lado, o ser humano eximido de sua responsabilidade moral, quando a transfere para Deus, como citado pelo autor, o preceito de Martinho Lutero, citado também por Max Weber de que “o cristão faz o que é certo e coloca o resultado nas mãos de Deus” (WEBER, apud BAUMAN, 1994).

5.3 Burocracia e a Defasagem Moral

Assim, os sentimentos e as emoções humanas, bem como os seus vínculos espirituais, deixaram os propósitos da mesma forma, mas criaram uma burocracia para a modernidade e junto com ela, um código de ética para regulamentá-la. Bauman cita que a “lealdade al *sprit de corps* - capacidade dos membros de um grupo para manter a crença em uma instituição – deve ser suficiente para sustentar o código de ética que regula a totalidade dos procedimentos burocráticos”. A burocracia criou uma “conformidade à norma” e era o que determinava a burocracia, o que tornou a ética mecanizada e dessa forma não havia como praticar a “avaliação moral”. A padronização e a mecanização logo fizeram existir um “tipo ideal de burocracia” o qual as organizações buscavam como padrão e reconhecimento desacoplado da “consciência moral” dos seus funcionários (BAUMAN, 2008a, p.115).

A burocracia padronizou os processos e conseqüentemente também as ações das pessoas, que por sua vez com seus procedimentos burocráticos proporcionaram a responsabilidade “perante” outra pessoa que por conseguinte teria a responsabilidade perante outra, formando ali uma cadeia hierárquica em que uns davam ordens aos outros

de maneira a seguirem mantendo os níveis e a padronização estabelecida. Essa forma de execução de tarefas deu origem à “autoridade”. O autor cita a expressão de Hannah Arendt de responsabilidade “flutuante” transformada em responsabilidade “de ninguém”, já que o trabalho, a tarefa a ser cumprida já estava determinada a forma de se fazer e com o resultado já conhecido caso se siga exatamente o padrão pré-estabelecido. Assim sendo, não havia mais como inserir neste contexto os “mandamentos divinos”, nem mesmo o sentimento e a moral, pois tudo já tinha definido as suas formas.

O poder, a autoridade e a obediência estavam instauradas e os objetivos financeiros definiam sua forma racional (BAUMAN, 2008a, p.116). Enquanto os meios se tornaram invariantes, os propósitos tornaram-se variáveis e ainda, o julgamento dos valores não tinham grande relevância, no pensamento moderno, assim como, o determinante “é” passou a ser determinante do que “deve”.

As avaliações morais foram enfraquecidas propositalmente, já que não eram vistas com tanto valor e fizeram com que as pessoas detentoras do poder de decisão usufríssem de liberdade de decisão, uma vez sem muito julgamento moral e ainda, reduziram a importância da própria ação. A queda da moral, conseqüentemente reduz a importância dos valores.

Importante destacar que Jean-Pierre Dupuy lembrou da previsão feita por John Von Neuman em 1948: “em breve nós, construtores de máquinas automáticas, seremos tão indefesos diante de nossa criação quanto o somos quando confrontados com fenômenos naturais complexos” (DUPUY, apud BAUMAN, 2002, p.767; BAUMAN, 2008a, p.117).

Bauman reforça a previsão de Neuman comparando que nos últimos cinquenta anos a nova tecnologia cresce tanto quanto a natureza. Há um certo receio de que os caminhos levados por ela possam traçar um abismo, pois a cada passo dos avanços tecnológicos aumenta o poder não humano sujeito a provocar em todos os seres humanos uma dependência assustadora dos seus próprios inventores. Pode roubar-lhes sua liberdade e sua autonomia, tornando-os reféns daquilo que eles mesmos criaram.

Em tempos líquidos modernos, a burocracia se fez ao contrário, tornando-se sólido moderno e isento de julgamento moral, permitindo que a tecnologia obtivesse liberdade em tempos líquidos para se ver livre dos efeitos éticos e morais, ficando isentos os responsáveis pelas ações. O mercado do consumo afetado pelo “fetichismo tecnológico” provoca em seus consumidores escolhas morais na seleção de produtos desejados, provocados também por uma “cegueira moral” que se justifica pelo impulso

da compra, da aquisição dos bens tecnológicos a fim de satisfazer necessidades ao adquirir a mercadoria supostamente certa (BAUMAN, 2008a, p.118).

O medo das condições morais e das escolhas torna-se um fator a ser reconhecido pelo chamado fetichismo tecnológico, que ocorre com a propagação e a comunicação através dos recursos eletrônicos, chamando de “revolucionários conectados”, na sugestão de que estariam mudando o mundo e que ao mesmo tempo nada mudaria. Portanto, torna-se um hábito acreditar que esteja sempre mudando o mundo com advento da tecnologia. O autor compara as frustrações de expectativas aos impactos dos desastres naturais. Pois, o que desejamos é propagar a utilização de uma nova tecnologia, mas a frustração vem se acaso não for bem aceita por não atender às expectativas (BAUMAN, 2008a, p.119).

Bauman cita o filósofo e sociólogo Jacques Ellul que sugere que “a tecnologia de acordo com as habilidades e instrumentos da ação, se desenvolve porque exatamente se desenvolve sem a necessidade de nenhum motivo ou causa”, destaca também que anos antes de Ellul, em 1958, Hannah Arendt “advertiu que nós, criaturas terrestres pleiteando a relevância cósmica, dentro em breve seremos incapazes de compreender e articular as coisas que somos aptos a fazer”. E poucos anos depois Hans Jonas “se queixou de que, embora possamos agora afetar com nossas ações espaços e tempos tão distantes a ponto de nos serem desconhecidos e incompreensíveis, nossa sensibilidade moral avançou muito pouco desde os tempos de Adão e Eva”.

Comprova-se com os três grandes pensadores que a “defasagem moral” da modernidade é um mal que sofremos. Nossas ações somente são pertinentes às reflexões, depois que elas acontecem, sendo que o motivo prevalece à intenção, o que permite a não relevância moral. Bauman cita também Alfred Schutz, seguidor do programa da “sociologia do entendimento” de Weber, que diz sobre “os seres humanos orientados pelo propósito, que tentou desmistificar a auto ilusão preocupada em explicações ao dizer “eu fiz isso porque” pois deveriam dizer “eu fiz isso a fim de” (BAUMAN, 2008a, p.120). Tal observação exemplifica o fato das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki terem sido lançadas no nebuloso agosto de 1945. Não havia justificativas, mas intenções de tê-las lançado. O ser humano costuma buscar uma justificativa que afaste sua culpa moral, embora tenham os historiadores norte-americanos contado fatos que em julho de 1945 o Japão estava prestes a se render e que havia interesses para a decisão, sendo que Harry S. Truman, presidente dos Estados Unidos na época teria relatado no New York Times em 07 de agosto de 1945: “Fizemos a aposta científica mais audaciosa da história, uma aposta

de mais de 2 bilhões de dólares, e ganhamos.” Não era possível perder 2 bilhões de dólares, mas um grande número de vidas foi perdido, e outras consequências desta tragédia humana se estendeu por muitos anos. Os 2 bilhões não foram perdidos (BAUMAN, 2008a, p.121).

Em 16 de março de 1945, os alemães já teriam perdido a guerra, porém, um comandante de RAF – Real Força Aérea Britânica – sigla inglesa, Arthur “bombardeiro” Harris, enviou 225 Lancasters e 11 Mosquitos para despejarem 289 toneladas de poderosos explosivos e 573 toneladas de bombas incendiárias sobre Wurzburg – cidade modesta alemã, com 107 mil habitantes, rica em arte e história e pobre no ponto de vista industrial. Entre 21h20 e 21h37, cerca de 5 mil moradores foram mortos (66% mulheres e 14% crianças), e 21 mil casas destruídas, de modo que apenas 6 mil sobreviventes puderam permanecer na cidade após o bombardeio. Hermann Knell, que pesquisou esses dados (KNELL, apud BAUMAN, 2003).

Apenas um alvo relevante, já que desprovidos de alvos para que em março de 1945, tal disparo tenha causado tanto estrago em uma cidade sem tanta importância estratégica, a única explicação sensata obtida por Knell. Um alvo conveniente fácil de se localizar por aparelhos eletrônicos. Estava, portanto, testado o recurso de destruição, de avanço científico da modernidade desprovida de questionamentos morais e subordinada aos avanços científicos e tecnológicos nem tanto questionáveis pelos seus malefícios à humanidade (BAUMAN, 2008a, p.122).

5.4 Individualismo, Ambição, Fracasso do Ser Humano

Na história da Era Moderna, comparando com suas intenções em seu início, não somos mais os mesmos, diante do que o ser humano se mostrou capaz de criar, nos tornamos mais, porém resultantes de um desvio que não deveria ter acontecido, com uma capacidade de autodestruição jamais vista na humanidade. O poder tecnológico que deveria ter sido criado para nos livrarmos dos medos parece que nos acomete com mais medos incessantes e incontroláveis. Um retrospecto humano que substitui os poderes da natureza e nossa soberana ignorância. Parece que esta força desumana não tem mais permissão para frear tornando-se muito tarde para qualquer ação na tentativa de controlar o que não se tem mais controle. Muito estranha é a mente humana que cria sua destruição sem dó, nem piedade, sem receios morais e espirituais.

Bauman se surpreende com a ironia que no final deste grande desvio da humanidade, nos deparamos de forma bem semelhante que iniciamos: “confusos, aturdidos, inseguros ao que deve ser feito”. O poder de destruição não nos abdicou dos temores emanados do sentimento de fragilidade e falta de recursos para autodefesa ou autoimunidade dos males que estamos expostos (BAUMAN, 2008a, p.123). Parece que de nada adiantou, apenas nos tornamos mais ainda reféns de nossa criação, o poder de destruição apegado à nossa capacidade mental de produzir recursos tecnológicos e científicos que parecem encher de desejos de serem testados com troféu final da sensação do momento da vitória, mesmo que ao custo da angústia carregada para uma eternidade marcados pela história.

O autor ainda cita Mikhail Bakhtin, filósofo e pensador russo, “o terror e o tremor causados pelo sublime e o terrível”; a produção humana e seus efeitos que abraçam o terror, uma causa sublime pela responsabilidade humana e terrível pelos seus resultados indesejados e provocadores de nossos medos.

Tendo sido o medo um acompanhante dos seres humanos ao longo dos tempos, nossos antepassados tinham a esperança de que ele seria apenas temporário e acreditavam em uma evolução humana que alcançasse o poder de suprimir nossos medos e que estaríamos adequados para isto, mas que apenas nos levou a um desvio, o qual nos conduziu a uma situação de tentativa de escapar dela. Estamos como no início da trajetória de pôr fim aos medos, mas com uma diferença que agora não temos mais ilusões que antes tínhamos que tudo daria certo e que viveríamos em um final feliz, ou seja, sem medos, pois teríamos a capacidade de aniquilá-los. Com um simples pedido de desculpas, agora reconhecemos que sendo humanos, fracassamos, mas sem questionar até que ponto temos o direito de fracassar nos tornando incapazes de minimizar a situação trazendo mais ainda a sensação do terror, impotentes perante as mesmas catástrofes que atormentavam antes e que podem nos atingir hoje (BAUMAN, 2008a, p.124).

Não sabemos lidar com nossas incapacidades, apenas refletimos depois de alguma tentativa de recurso para nos defender, pois não há instrumentos, apenas práticas a serem compreendidas diante de suas capacidades ou habilidades. Aquilo que não somos capazes de administrar é assustador, é desconhecido até mesmo nas suas consequências, não sabemos o quanto pode nos atacar, o quanto pode nos prejudicar e nos tirar de nosso conforto. “Medo é outro nome que damos à nossa indefensabilidade.”

Pode-se argumentar que, além dos fatores anteriormente descritos, houve um caminho que nos últimos anos suscitou em nossos lares o medo assombroso do que podemos/devemos descrever como esfera do desconhecido, do incompreensível, do incontrolável. Até agora esse caminho fatal tem sido referido com o nome de “globalização” (BAUMAN, 2008a, p.125).

O ser humano fracassou ao se envolver de forma tão abrupta no mundo que ele mesmo criou com recursos tecnológicos e com a globalização que misturou setores, pessoas e culturas como se houvesse igualdade que suportasse essa imensidão de desiguais. O ser humano tornou-se mais individualizado e em busca de defesas e recursos próprios que o fizeram perder a noção de comunidade e do bem comum. Assim como Eichmann tinha o foco no seu bem pessoal, pessoas se tornaram vítimas de suas próprias vontades que se tornaram individualizadas, não importando o que seria necessário para conquistá-las. A frase erroneamente atribuída a Maquiavel “os fins justificam os meios”, revelou que o ser humano pode adotar várias formas de chegar ao objetivo desejado, sendo que para isso, alguns seguirão ou não a ética e muitas vezes a moral que determinam o que deve ou não ser feito. A ambição, falta de amor ao seu semelhante e o egoísmo tornam pessoas capazes de quaisquer meios para se chegar ao fim desejado.

6 A GLOBALIZAÇÃO DO MEDO

A globalização tornou-se negativa por ser demasiadamente seletiva, na intenção de quebrar fronteiras. A “abertura”, termo criado pelo filósofo Karl Popper, tomando um destino inevitável para o momento, mas que criou uma globalização seletiva “do comércio e do capital, da vigilância e da coerção das armas, do crime e do terrorismo”, não esperada a falta de respeito entre as fronteiras (BAUMAN, 2008a, p.126).

De fato, tornou-se o planeta globalizado pelas sociedades “abertas” mas não por intenção, tornou-se obrigação para se manter dentro de uma estrutura criada para facilitar o comércio e a circulação do capital, uma vez que nasceu da ideia de orgulho de sociedade livre, mas que, segundo o autor, se tornaram “heterônomas” e “vulneráveis”, pois se tornaram disponíveis a leis e regras exteriores que não garantem a segurança de suas fronteiras e nem da população. Tornaram-se também indefensáveis e com isso, a grande preocupação em defender suas fronteiras mesmo que fora de alcance de conseguir, enquanto durar a globalização negativa.

Esta globalização tornou-se responsável pelo aumento das desigualdades, tornando os pobres cada vez com menos recursos e separando-os ainda mais de uma elite que mantém suas facilidades e possibilidades para viagens e luxos desejáveis. Essa abertura das sociedades, do mercado, tornou-se ainda mais injusta pela distribuição de renda, que por sua vez é causa de conflitos e violência. As desigualdades geram descontentamento e este provoca os conflitos como também os crimes. Arrastou-se pelo mundo um projeto neoliberal da globalização com intenções de intensificá-la e com a suposta ideia de melhorias, mas que favorecem apenas as classes mais altas.

Foram as ações dos Estados Unidos, juntamente com seus vários satélites como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio, que estimularam acontecimentos subsidiários subprodutos perigosos como o nacionalismo, o fanatismo religioso, o fascismo e, evidentemente o terrorismo, marchando lado a lado com o projeto neoliberal da globalização (BAUMAN, 2008a, p.127).

A crítica de Bauman trata-se de uma observação de que o mercado sem fronteiras é um provocador de injustiças responsáveis por uma desordem mundial, política da continuação da guerra, por outros meios.

A desordem global e a violência armada alimentam-se, reforçam-se e se animam mutuamente. Como adverte a sabedoria antiga: *inter arma silente leges* (quando as armas falam, as leis silenciam). A globalização dos danos e prejuízos resulta na globalização do ressentimento e da vingança (BAUMAN, 2008a, p.127-128).

Bauman ressalta que neste mundo líquido-moderno e globalizado, não há refúgio, pois, uma vez instaurada a globalização negativa, não há como remediar após o mal ter sido feito, não há como reverter tanto em termos materiais como intelectuais, pois de qualquer forma, todo tipo de dano foi causado com base no indulto da injustiça e chega a mencionar que os perigos e os medos do tipo líquido, seriam também gasosos? Pois, “flutuam, exsudam, vazam, evaporam...” Não se encontram formas de detê-los.

A globalização negativa provocou o espectro da vulnerabilidade pelo planeta deixando todos em perigo, sendo que também nos tornamos todos perigosos, somos ameaças uns com os outros. Os injustiçados buscam vingança, é o que acontece com os que estão na ponta dessa globalização negativa, que podem tentar fugir e na impossibilidade se revoltam, muitas vezes originando os conflitos. Os supostamente não atingidos, temem por isso.

A conectividade e interdependência humana instauradas, que transformaram nosso planeta, não permitem que nada nos deixe seguros. Nossas esperanças foram afetadas pelo medo e roubada a confiança de realização de nossos sonhos. Isso traz tanto a incerteza como a infelicidade, pois está ligada à realização de sonhos, que ora tiveram suas possibilidades ameaçadas (BAUMAN, 2008a, p.128).

Os seres humanos passam a conviver com a ideia de “risco”. Uma novidade inserida na condição humana dos sobreviventes da globalização negativa. Riscos, por tesse, imaginam-se calculáveis e, portanto, inseridos na vida, tratam de desafiar os cálculos e probabilidades diante de ações praticadas ou não, com a intenção de se prever algo desejável. Dessa forma, se desejável, supostamente calculável, deixa à margem de que um erro de cálculo pode provocar frustrações. Para que isso não tenha chances de acontecer, teríamos que tratar os cálculos em situações de rotinas e previsibilidade.

O mundo negativamente globalizado, tem seus erros que provocam nossa vulnerabilidade em questões tanto políticas como éticas, sendo que os países periféricos são os que mais sofrem. A previsibilidade é algo que inexistente e por isso não pode dar garantias de cálculos para o alcance de metas, realizações de sonhos e obriga o ser humano sempre a viver à margem dos riscos. É isso que tornou o mundo vulnerável aos

riscos não calculáveis, características de um ambiente irregular e com sequências de rotinas interrompíveis (BAUMAN, 2008a, p.129).

Segundo Nascimento e Garrafa (2011), nos países periféricos, importa dar destaque aos aspectos persistentes que têm como efeito intensas desigualdades sociais. Para os autores é necessário promover uma reflexão política sobre as questões morais decorrentes do contexto de vulnerabilidade que afetam a maioria da população, como ocorre no Brasil.

A vulnerabilidade não é apenas uma questão inerente à condição humana, mas também uma relação que se estabelece entre indivíduos, grupos e sociedades, com diferentes lugares de poder (NASCIMENTO; GARRAFA, 2011 apud PEREIRA; TRINDADE, 2018, p. 432).

6.1 A Responsabilidade na Sociedade Líquida Moderna

Jean-Paul Sartre sabiamente definiu que “o que quer que façamos, assumimos responsabilidade por alguma coisa, mas não sabemos que coisa é”. Hans Jonas, em sua obra “O Princípio Responsabilidade”, pode-se perceber essas mesmas preocupações. A obra retrata que a promessa da tecnologia moderna se tornou uma ameaça; tecnologia e ameaças tornaram-se indissolúveis, que vão além de ameaças aos corpos humanos, embora tenham sido criadas para a felicidade e satisfação dos seres humanos. Repleto de novidades em que nada se referencia no passado para que seja feito no presente, nem mesmo a ética tradicional pode instruir e, as avaliações do bem e do mal devem ser novamente submetidas às novas diretrizes. A nova práxis coletiva com a alta tecnologia está ainda em constituição para a teoria ética (JONAS, 2006, p.21).

Não se trata de um fenômeno novo para a moralidade, mas Hans Jonas diz que a responsabilidade nunca tratou do assunto, assim como a teoria ética também não, e se concentrou na qualidade moral do ato em si, mesmo que momentâneo. Por isso, com impactos a longo prazo de ações com projeção no futuro, leva a responsabilidade para junto da ética (JONAS, 2006, p.22)

Na obra de Hans Jonas, “O Princípio Responsabilidade”, a imaginação ética ainda não conseguiu domínio juntamente com as responsabilidades éticas, como uma interdependência entre o que se faz. Há muita miséria e há também muitos responsáveis por ela. Vivemos dentro de uma sociedade que a miséria existe independente de nossas vontades, queiramos ou não, aceitemos ou não, somos todos responsáveis pela sua existência. Porém, estamos moralmente acostumados e vemos somente aquilo que está

perto de nós, no meio que vivemos. Parece assustadora essa definição de Bauman, mas nossa imaginação moral foi moldada para lidarmos com as pessoas de nosso círculo de “intimidade espacial e temporal”, o que quer dizer que são pessoas que estão ao nosso alcance, tanto de tato como de visão, de uma “teleproximidade eletronicamente” mediada. Parece um provocador sistêmico da visão apenas do que está ao meu alcance e com isso supostamente imperceptível o que acontece aos que estão distantes. Uma mudança, parece longe de acontecer, prevalecendo a globalização negativa e longe de se esperar a globalização positiva, parece que estamos estagnados e uma mudança, é difícil de imaginar (BAUMAN, 2008a, p.130).

Aceitamos uma responsabilidade baseada na intenção e no motivo, talvez ocultos porque não queremos vê-los, e que se submetem a julgamentos que não se dão de forma moralmente solucionáveis aos problemas das desigualdades em nível planetário. Procuramos sempre os responsáveis pela situação atual do planeta. Bauman menciona a fala de Jean-Pierre Dupuy:

A distinção entre um assassinato por ação individual intencional” e um assassinato em resultado de “cidadãos egoístas de países ricos que concentram suas preocupações no seu próprio bem-estar enquanto outros morrem de fome”, se torna cada vez menos defensável as buscas (BAUMAN, 2008a, p.130).

É uma situação atual em que se busca encontrar os responsáveis, porém, impossível, pois não existe um responsável, são muitos os envolvidos que sequer se dão conta dos motivos das desigualdades onde uns passam fome e nas mãos de poucos se concentra a riqueza.

Os riscos e as incertezas do mundo globalizado, distinguem-se pelo entendimento de que os riscos próximos aos que os provocam ficam mais densos e são os que devem, portanto ser mais observados, enquanto que as incertezas ficam também mais densas quando se afastam de seus provocadores (BAUMAN, 2008a, p.131). Quanto mais distantes no tempo, mais obscuras ficam as incertezas, difíceis de diagnosticar. Bauman menciona Hans Jonas em sua tentativa de alertar quanto à responsabilidade de nossas ações para a humanidade agora e também para o futuro, que podem resultar na expansão dos seus resultados e não serem exatamente os esperados. Dessa forma, aumentam as incertezas, o que não intimida seus provocadores, responsáveis pelas ações que afetam a humanidade de se preocuparem com seus resultados, desde que objetivamente satisfatórios, voltados para o custo-benefício.

A busca de referências passadas para orientar as ações do presente está a cargo da ética. O problema não são isoladamente os riscos, o problema é não os ter sob controle. Seus planejadores e executores precisam de alguma forma se preocupar com seus resultados e então calcular os riscos. Se preciso for, devem remodelar e avaliar as consequências para não deixarem acontecer sem dar a devida importância ao que se possa provocar, ignorando se para o bem ou para o mal e nem mesmo sem saber quem serão os afetados caso o mal aconteça. É necessário fazer uso da ética baseada em experiências anteriores na tentativa de evitar erros e tomar como ação aquilo que já deu certo, ou fazer pequenos ajustes, na intenção de um mundo melhor para todos, desafiando as dúvidas presentes para se combater a globalização negativa.

Somos, portanto, uma sociedade líquido-moderna que se tornou a mais equipada por recursos tecnológicos. Mas, nos deparamos com o risco de que sejam aplicados de maneira inadequada causando males irreparáveis (BAUMAN, 2008a, p.132).

A insegurança que ronda, provoca uma busca de proteção incansável e que pode nos classificar como o povo que mais busca recursos de proteção para seus medos do que povos anteriores. Os recursos tecnológicos produzidos por nós mesmos através da ciência, trouxe facilidades e conforto para uma vida bem melhor e que os nossos antepassados não tiveram. Somos constantemente atraídos por estes mecanismos de proteção, porém, nossos medos aumentaram significativamente, porque junto às facilidades, vieram também novos riscos (BAUMAN, 2008a, p.133).

6.2 A Riqueza e as Crenças Influenciando a Liberdade e a Felicidade

Estamos nada mais, nada menos do que em busca de interesses próprios daquilo que definimos nosso por direito, e na busca incansável de mais e mais conquistas que nos julgamos merecedores. Vivemos em um planeta em processo de globalização e “religionização” das políticas em principal destaque, as políticas sociais, e em busca de uma identidade que se espera vencer por batalhas. Porém, não somos maduros o suficiente e talvez um tanto audaciosos por querer vencer, pois nos vemos sem rumo e sem direção. Ao mesmo tempo que buscamos a hegemonia de valores e princípios, ao mesmo tempo que buscamos a padronização e universalização dos mesmos, nos rendemos à sociedade

líquido-moderna, cujos prazos são bem mais curtos e nós mesmos os criamos para não durarem tanto. Vemo-nos nessa globalização negativa, sem saber a solução para transformá-la em globalização positiva, embora sempre pensamos estarmos corretos.

Temos pressa, queremos soluções rápidas para nos protegermos de perigos que também são imediatos. Não queremos soluções demoradas, nos indignamos quando julgamos quaisquer soluções lentas, as quais são mais difíceis e não conseguimos atender nossos anseios de forma imediata, assim como nos indignamos quando nos atentamos que nossas próprias falhas nos expõem aos perigos e que devemos corrigi-las para nos livrarmos dos medos e perigos, pois, o que menos queremos admitir é que são os nossos erros (BAUMAN, 2008a, p.149). Nesse sentido, têm importante papel em nossas vidas, as religiões cujas ideias querem trazer certa satisfação de uma melhor maneira do que quaisquer outras tentativas. São gestadas para satisfazer o que sustenta a globalização negativa e na esperança de que Deus venha corrigir todos os males criados pelos seres humanos. Embora tenha Deus como onipotente, também se espera que a humanidade venha a se autorrealizar e se tornar suficientemente capaz de resolver seus problemas, em destaque a miséria, a fome. Isso possibilita distinguir quem são seus responsáveis e supostamente encontrar uma forma de acabar com ela e também com seus culpados. Mas, por outro lado, os sentimentos de medo, os mais complexos e menos fáceis de serem classificados, produzem um certo rancor que atinge as pessoas criando um obstáculo que dificilmente contribui para o combate à miséria e a fome que ronda o mundo.

Os culpados não provam sua inocência, da mesma forma que os acusadores não têm como prová-la. Pessoas trazem consigo as culpas remanescentes como se estivessem em sua origem, como se fossem transmitidas em seu DNA, são vistas como obra do mal. Diz o autor, que uma visão dessecularizada das tentações totalitárias da história moderna foram testadas pelos movimentos fascista e comunista durante o século XX.

O século XX foi marcado pelo totalitarismo, destruição e mortes pela Grande Guerra e o horror que se instaurou na época pela desumanidade da sociedade totalmente dividida. As fileiras comunistas do início da década de 1920, compartilhavam ideias e pensamentos promissores que permitiam um pouco de fé e esperança, fazendo nas pessoas que as seguiam sentirem-se unidas por uma mesma causa. Bauman menciona Tzvetan Todorov que analisou estes acontecimentos na reflexão sobre as reminiscências de Margarete Buber-Neumann (TODOROV apud BAUMAN, 2012). Ao ingressar nas fileiras, sentiu-se “livre da angustiante solidão entre os solitários” e “fazia parte – a

palavra NÓS estava escrita por toda parte em letras muito grandes”. Ela ainda acrescenta que “De repente, tudo me parecia maravilhosamente fácil de entender.” Era, portanto, um sentimento de estar no caminho certo ao lado de pessoas que também estariam certas (BAUMAN, 2008a, p.151).

6.3 A Sociedade Moderna e o Crescimento da Globalização Negativa

“A unificação da totalidade da vida individual”, segundo Tzevtan Todorov, é o Estado Totalitário, em que o público e o privado, estão próximos e sem separação. Embora seja a principal característica e tendência do Estado líquido moderno, a terceirização, a transferência de suas responsabilidades para instituições privadas, ou da pior forma, esquecidas por sua própria administração; as iniciativas do Estado costumam ser totalitárias. Segundo Mikhail Bakhtin, o “momento constitutivo” de todos os poderes terrenos é “a violência, a repressão e a falsidade”, assim como o “tremor e o medo dos subjugados” (BAUMAN, 2008a, p.201-202; HIRSCHKOP, apud BAUMAN, 1997).

Os regimes comunista e nazista, se manifestaram como marcos totalitaristas no século XX, em que a submissão e a obediência foram suas formas de dominar o povo, através de ameaças de violência e, ainda, a provocação do medo em seus súditos. O “desconhecido e o imprevisível”, eram características desse Estado que não se incomodava em provocar a incerteza e o medo nos seus povos (BAUMAN, 2008a, p.202).

A “agitação e o medo dos subjugados” constroem o poder nas sociedades democráticas modernas, também capitalistas, da mesma forma que foi nas totalitárias. Porém nas sociedades democráticas modernas, o estado se preocupava em reduzir o medo ou eliminá-lo (BAUMAN, 2008a, p.203).

As condições de vida da sociedade democrática, produz o medo inato, causados pela insegurança de uma vida digna com a satisfação de suas necessidades básicas para a sobrevivência decente, o “desemprego, a invalidez, a doença e a velhice”. A sociedade moderna democrática não dá subsídios que possam combater as causas da insegurança, a ansiedade e o medo. As incertezas da sociedade causaram a transferência para o Estado de garantias para ao menos, a redução dos medos inatos.

“Franklin Delano Roosevelt, declarou no final da guerra em nome da aliança democrática, anunciou a chegada de um mundo em que o próprio medo seria a única calamidade restante do qual os seus habitantes teriam medo.” Posteriormente, quando o Estado passa a se afastar da obrigação de gerar segurança aos cidadãos, os medos ficam à tona, dando ênfase ao medo da “degradação social”, as condições de vida passam a não dar subsídios e o desemprego provoca mais o medo da pobreza e conseqüentemente a exclusão social (BAUMAN, 2008a, p.203).

Bauman destaca o “aburguesamento do proletariado” e a “proletarização da burguesia”, nos Estados Unidos, pós Regan. Segundo Richard Rorty:

Desde 1973, o pressuposto de que todo casal norte-americano que desse duro seria capaz de adquirir uma residência, e de que então a mulher poderia, se quisesse, ficar em casa e criar os filhos, começou a parecer um absurdo. A questão agora é se o casal médio, ambos trabalhando em tempo integral, será algum dia capaz de levar para casa mais de 30 mil dólares por ano. Se marido e mulher trabalharem 2 mil horas por ano cada um, pelo atual salário médio para trabalhadores da produção que não sejam supervisores (7,50 dólares por hora), eles chegarão a isso. Mas 30 mil dólares por ano não permitirão comprar a casa própria nem pagar uma creche decente. Em um país que não acredita em transporte público nem em seguro-saúde universal, essa renda garante apenas a uma família de quatro membros uma existência humilhante, ao nível da mera sobrevivência. Tal família, tentando se safar com essa renda, será constantemente atormentada pelo medo do corte de salário e da redução de pessoal, assim como das conseqüências desastrosas de uma doença, ainda que breve (RORTY, 1998).

O medo do desemprego é crescente e a sustentação da crença assustadora de que a falta de recursos e aumento da pobreza são uma ameaça causada pela falta de emprego, reforça a situação, mesmo porque, também não se percebem mudanças capazes de trazer a confiança aos cidadãos (BAUMAN, 2008a, p.205-206).

Os medos ocasionados pelo 11 de setembro, com relação aos terroristas, que são as ameaças à segurança pessoal de diversas formas, como o andar nas ruas e ficar exposto aos assaltantes e mendigos, os chamados de subclasse; medos dos alimentos não saudáveis que estão por toda parte, assim como as fumaças de cigarros, parecem propositalmente enfocados para esconder outros medos. Tal fenômeno ocorre devido ao fato da importância que é dada a eles, impulsionadas e incentivadas pela mídia. Como se observa sob a visão de Rorty: “se os proletários puderem ser distraídos de seu próprio desespero por pseudo eventos criados pela mídia, incluindo uma guerra ocasional, breve e sangrenta, os super-ricos pouco terão a temer” (RORTY, 1998, p.83-84). Bauman aproveita a ideia de Max Hastings para afirmar que os super-ricos não têm mesmo, muito a temer e ainda reforçar sua crítica à globalização negativa:

A arma mais poderosa dos ricos é o globalismo. Uma vez ultrapassado certo limiar corporativo, o pagamento de impostos se torna voluntário, como podem testemunhar os contadores de Rupert Murdoch. Em confronto com qualquer ameaça física ou mesmo fiscal, é fácil levar o dinheiro, ou mudar-se, para outro lugar. Reconhecendo isso, poucos governos nacionais têm estômago para correr o risco de alienar os criadores de riqueza atacando suas contas bancárias ... [somente] um colapso no sistema financeiro numa escala sem precedentes poderia ameaçar a segurança dos ricos (HASTINGS, 2005).

Os medos e as inseguranças “globais” são transformados em “locais”, pois é uma estratégia da elite global, dos super-ricos, assim como manter os proletários em seu local de origem, estimulando seus medos ao invés de aliviá-los, desviando sua atenção dos perigos. Mantê-los felizes, não é uma condição necessária à segurança. Portanto, a elite global estimula os medos e reforça a globalização negativa, são capazes de capitalizá-la e a faz crescer a cada dia. Pois, para os super-ricos, os medos locais não importam, eles podem se deslocar para quaisquer lugares, seus medos, como disse Max Hastings, são apenas da ocorrência de um colapso financeiro, cujos precedentes são em número não ameaçadores.

A globalização negativa, contestada por Bauman, cresce a cada dia, estimuladas pelo medo. Os que usam desta estratégia sabem disso, e tornam o futuro “*previsível*”. São detentores de um conhecimento favorável a eles, enquanto desfavoráveis aos proletários, sem esperança de seus medos aliviarem. “A previsibilidade é um daqueles atributos de que o mundo líquido-moderno, negativamente globalizado carece de maneira mais conspícua” (HASTINGS, 2005).

6.4 A Insegurança e o Medo, a Ética e a Moral

Se o futuro da democracia não for garantido para o mundo, não será possível ser isoladamente, ela não pode ser garantida para um só grupo, só alguns países. O mundo está saturado de injustiças que corrompem quaisquer intenções democráticas permitindo bilhões de pessoas à falta de dignidade de vida, tornando inevitável manter os valores que permitem proteção (BAUMAN, 2008a, p.166).

Parece que se instituiu o caos no mundo, porque vivemos com medo, incerteza, insegurança, perda do controle tanto sozinhos ou mesmo em grupos e não temos para onde fugir das sociedades que estão abertas tornando o medo algo sinistro do qual

tentamos fugir, mas seus demônios não nos permitem, não conseguimos recursos. Os que poderiam existir foram roubados de nossas mãos, estamos destituídos de liberdade de escolha e agimos conforme nossas inspirações de defesa (BAUMAN, 2008a, p.167).

Embora inevitável a globalização, pois o mundo evoluiu em tecnologia e recursos e a esperança era que as facilidades se tornassem benéficas para todos. Mas, a abertura das fronteiras favoreceu apenas o capital; o livre comércio provocou a disputa entre países nos setores da indústria, serviços e também do turismo. O consumo se tornou padronizado e ainda provocou uma queda na identidade dos povos e culturas. O mundo passou por uma grande mudança no setor industrial como também muitos setores de serviços reduziram ou praticamente desapareceram; costureiras e alfaiates são exemplos de trabalhadores que forneciam sua força de trabalho para atender as necessidades da população, porém outros produtos com preços mais acessíveis entraram no país e conseqüentemente atraíram os consumidores nem sempre pela qualidade, mas pelos preços.

No que concerne “a valorização do trabalho humano”, o sentido é que o trabalho deve fazer jus a uma contrapartida monetária que o torne materialmente digno. O trabalho prestado mediante pagamentos vis tangencia à servidão e não é compatível com o estágio socioeconômico dos dias atuais (BELTRÃO, 2009, p. 70).

Vivemos em um planeta negativamente globalizado, em que poucas pessoas acreditam que mudar a vida de outros possa ter alguma relevância com relação à sua própria vida. Os indivíduos são abandonados à própria sorte e os tornou cada vez mais solitários. Os vínculos humanos se tornaram de forma confortável, frouxos e por isso precários, com dificuldade de praticar solidariedade e entender seus benefícios, assim como entender suas virtudes morais.

Esse individualismo que provoca o enfraquecimento dos vínculos humanos mostra a nebulosidade da “globalização negativa”, como um processo parasitário e predatório, como mencionou Atali, sobre as nações organizadas em estados “perdem sua influência na direção geral das coisas e, no processo de globalização, sofrem o confisco dos meios de que precisariam para orientar seu destino e resistir às numerosas formas que o medo pode assumir” (BAUMAN, 2007d, p. 30).

Dessa forma, o planeta negativamente globalizado, tem seus principais metraproblemas que condicionam o enfrentamento de outros, e sendo globais, não há formas locais de se resolver. A união de poder e política talvez possam ser alcançados em

nível planetário, mas como Benjamin Barber afirmou: “Nenhuma criança norte-americana pode se sentir segura em sua cama se as crianças de Karachi ou Bagdá não se sentirem seguras nas suas.” (BAUMAN, 2007d, p. 31)

Este início de milênio tem feito a humanidade viver em uma sociedade capitalista, globalizada, com grandes avanços científicos e tecnológicos onde o compromisso de servir não é o essencial, mas sim o de competir e que pode mesmo trazer à ignorância as necessidades e os direitos de todos. A ética exercida em valores internos pode articular como esperança uma reflexão bastante necessária de como o nosso padrão de civilização está se perdendo em nosso exterior e no individualismo, o consumismo como também o imediatismo.

A ética tem grande importância sobre os valores morais como a compaixão, a solidariedade, a justiça e a compreensão, sem ela é impossível distinguir entre o certo e o errado. Importante ressaltar que a moral refere-se a uma conduta determinada por sua cultura social que se consolida conforme seus valores e tem a ver com a rotina de comportamentos determinados como bons ou maus, certos ou errados e que são valores que vem de fora para dentro. (SOUZA, 2010, p. 87).

A bioética é um neologismo com características transdisciplinares e combina conhecimentos biológicos com o conhecimento dos sistemas de valores humanos.

O termo bioética é um legado deixado por Van Renselaer Potter, na década de 70 por meio da obra “Bioethics: bridge to the future”, em que bio representaria os conhecimentos biológicos e a “ética” os conhecimentos dos valores humanos perante as descobertas da biologia molecular dentro da sociedade científica e tecnológica (SOUZA, 2010, p. 88).

Portanto, a bioética é um desdobramento da ética o qual se volta para questionamentos morais nos quais tem influência os avanços científicos e tecnológicos na sociedade em todos seus aspectos. (SOUZA, 2010, p. 87).

7 OS PRINCÍPIOS ÉTICOS E A PREOCUPAÇÃO BIOÉTICA

Bauman destaca o paradoxo de Robert Castel sobre os medos profusos que surgiram das inseguranças e que diz que nunca vivemos em tempos tão seguros como agora. Os medos e perigos mais ameaçadores já não nos ameaçam tanto quanto antes. Principalmente, as pessoas que vivem na parte mais rica do mundo, mais desenvolvida e conseqüentemente mais preparada e com mais recursos para combater aquilo que provoca o medo. Seja contra as forças da natureza ou contra os males que podem debilitar nossos corpos. Somos as pessoas mais providas de recursos para nossa sobrevivência e que dá sustentação à vida líquido-moderna, cujos medos são frutos da insegurança dos seres humanos (BAUMAN, 2008a, p.168).

A Europa é a região do planeta que mais oferece conforto e segurança e, no entanto, as pessoas que vivem lá são as que mais se sentem ameaçadas apesar das ofertas de mecanismos de segurança em vários aspectos de suas vidas. Elas são as que mais sentem medo e assim se tornam os povos que mais são seduzidos pelos mecanismos criados para gerar segurança.

Como já mencionado anteriormente, a modernidade trouxe uma promessa de segurança, uma esperança de que a ciência e a tecnologia fossem suficientes para nos proteger das ameaças diversas, tornando-nos totalmente seguros e, assim, pudéssemos viver melhor, com mais confiança de que não sofreríamos ameaças às nossas vidas, aos nossos corpos. Porém, a promessa foi cumprida parcialmente, pois muitos de nossos medos foram banidos por mecanismos produzidos para tal, mas, não na sua totalidade. Bauman menciona Castel, que sugere que o sentimento de insegurança é devido também à “falta de clareza de seu escopo” – (*ombre portée*); tornamo-nos uma sociedade que vive em busca de proteção e segurança de forma obsessiva, ao ponto de nos causarem ansiedade e intolerância a quaisquer mecanismos destinados à proteção, que possam nos deixar vulneráveis a algum perigo, com também uma vontade imensa de encontrar culpados e ainda nos vigarmos (BAUMAN, 2008a, p.169).

O autor classifica as inseguranças, os nossos medos em três áreas: Uma das inseguranças que nos acometem são das forças da natureza, as quais não se submetem aos poderes humanos, embora o desenvolvimento tecnológico tenha criado proteção contra caprichos da natureza e que trouxe uma certa tranquilidade homeostática. Mas, há especialistas que preveem a destruição da natureza devido às interferências tecnológicas

e que as mesmas são medidas provisórias, e que ao longo do tempo ocasionarão males irreversíveis.

Outra área que provoca a insegurança do ser humano, é a fragilidade que o corpo tem às agressões diversas, como doenças, ou outras formas de afetá-lo. No que tange à área corpórea, a longevidade parece ser uma expectativa cada vez mais bem sucedida. A ciência trouxe e vem trazendo cada vez mais recursos para curar enfermidades e também as anomalias congênitas (BAUMAN, 2008a, p.170).

A terceira área que nos provoca medo, são as relações inter-humanas, aquelas em que as pessoas dependem entre si, de feitos ou trabalhos alheios. São as necessidades inter-humanas que produzem serviços ou ofertam atividades ou trabalho coletivo, como os hospitais, fábricas de alimentos, indústrias farmacêuticas, supermercados, serviços de tratamento de água, ou outros que produzem primeiras necessidades as quais devem ser rigorosamente eficientes, uma falha pode ser fatal. Quando tratamos dessa área de risco, estamos falando de pessoas que podem intencionalmente ou não, mas de qualquer maneira, de forma egoísta, desumana, provocar danos às demais pessoas que podem ser atingidas pela sua falta de cuidado e preocupação com o outro. Percebemos que existem na mesma sociedade pessoas com bom ou mau caráter, o que deixa tanto as boas quanto as más expostas aos riscos (BAUMAN, 2008a, p.170-171).

A “maleficência humana” é causada por “malfeitores humanos”, pois são eles os responsáveis por existir tanta insegurança no mundo moderno. Como os próprios humanos causam motivos de insegurança entre si, cresce também a individualização e a falta de confiança, falta de parceria e dedicação, deixando as relações líquidas, não duráveis e pouco confiáveis (BAUMAN, 2008a, p.171).

Quando Bauman fala sobre a maleficência humana, nos lembra os três princípios éticos identificados pelo Relatório Belmont, primeiro princípio é o respeito às pessoas – envolve convicções éticas em que as pessoas devem ser tratadas com autonomia, e que as pessoas com autonomia diminuída precisam ser protegidas. Para identificar a pessoa autônoma, entendia-se tratar da pessoa com capacidade para administrar seus objetivos, agindo com essa finalidade (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2008, p.57).

A beneficência, conforme o Relatório Belmont trata da caridade como uma obrigação de forma a não causar danos como também aumentar benefícios e diminuir riscos. Por último, o princípio da justiça trata da “imparcialidade na distribuição de riscos

e benefícios” e, importante dizer que “os iguais devem ser tratados igualmente” (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2008, p.58).

O Relatório Belmont originou da constituição, em 1974 da National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research (Comissão nacional para a proteção dos seres humanos da pesquisa biomédica e comportamental), cujo objetivo era “levar a cabo uma pesquisa e um estudo completo que identificassem os princípios éticos básicos que deveriam nortear a experimentação em seres humanos nas ciências do comportamento e na biomedicina” (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2008, p.56).

Mais tarde, Beauchamp e Childress, com sua reconhecida obra “Principles of biomedical Ethics”, publicada em 1979 e em 1994 teve sua quarta edição que foi revisada e ampliada, um ano após o Relatório Belmont. Eles retrabalharam os três princípios em quatro, no qual fez a distinção entre beneficência e não maleficência (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2008, p.59).

A maleficência humana é a insegurança marcada pelo medo quando provocada por outros seres humanos, indivíduos ou grupos. É um mal consciente de malfeitores que agem sem se preocuparem com as consequências aos seus semelhantes. Dessa forma, a crítica de Bauman inclui o mal humano na variedade moderna dos medos, diz ele que segundo Castel é devida à individualização moderna. São oriundos da crueldade e egoísmo humanos que produzem pessoas insensíveis (BAUMAN, 2008a, p.171).

7.1 A Busca Incessante e Individualizada por Segurança

O mundo moderno é caracterizado pelo egoísmo, individualismo, de forma que não se pode confiar em ninguém, sendo que um, só se preocupa com o outro se acaso o motivo de sua preocupação se der por interferir nos seus interesses. Torna-se um “círculo vicioso” à medida que o medo intensifica, pois a desconfiança é o que rege suas vidas. Bauman destaca as palavras de David L. Altheide, não é o medo do perigo:

Que é o mais crucial, mas sim aquilo no qual esse medo pode se transformar, o que pode se tornar... A vida social muda quando as pessoas vivem atrás de muros, contratam guardas, dirigem veículos blindados... andam com porretes e revólveres e têm aulas de artes marciais. O problema é que essas atividades reafirmam e ajudam a produzir um senso de desordem que é perpetuado por nossas ações. David L. Atheide, "Mass media, crime, and the discourse of fear" (HEDGEHOG, apud BAUMAN, 2003).

O medo nos persegue e impregna em nós, tomando conta de nossas atitudes, fazendo-nos agir sempre com cautela e a preocupação em nos defendermos de alguma coisa. O medo tem seu ciclo, sua forma de nos afrontar e nos persegue constantemente e se alimenta de energias extraídas dos "tremores existenciais". Estes, se originam de situações que poderiam ser previstas ou mesmo evitadas, porém não passaram por esta etapa e a culpa é dada ao destino, representação da impotência humana ou mesmo de sua ignorância, o seu não conhecimento para que se possa precaver e impedir que algo aconteça (BAUMAN, 2008a, p.174).

Os "tremores existenciais", ou seja, os medos criados em nossas mentes simplesmente pela nossa forma de existir, independentemente de sua causa, como por exemplo, as questões sociais e diferenças de classes, e as ações que tomamos para imunizarmos de medos previstos, podem ser as únicas formas de distinção dos tipos de medo. As verdadeiras fontes do medo, em suas diversas áreas, não podem ser neutralizadas ou bloqueadas, podem ser tomadas apenas ações preventivas ou defensivas, muito menos podem ser findadas (BAUMAN, 2008a, p.174).

Em tempos atuais, o estado não é mais o responsável total pelo seu território, pois o mercado como instrumento da democracia e com o cidadão apostando nos serviços oferecidos para suprir os seus interesses, sobressai o individual e que se torna cada vez mais competitivo que é um reflexo do egoísmo das pessoas. Porém, a lei e a ordem continuam sendo responsabilidade do Estado em seu território, mesmo com a criação dos poderes globais, os quais também se submetem, mesmo que não estejam sob seu controle.

Ao liberar ainda mais o mercado e permitir que suas fronteiras penetrem no setor público, o governo tem de arcar com as contas do fracasso do mercado, de externalidades que este se recusa a reconhecer e agir como uma rede de proteção para os inevitáveis perdedores das forças do mercado (FRANK apud BAUMAN, 2005).

O Estado se encontra submisso à globalização negativa e aos resultados deste mercado derradeiro, pela globalização dos negócios financeiros como também pelo crime do terrorismo e que não dispõe de poderes capazes de controlar a ordem e a paz de seus povos. Estes, são atingidos pela própria fragilidade que possuem e por estarem

desprovidos do mais importante vínculo, que é o humano. Sobressai a falta de compromisso e de solidariedade, que deixa o ser humano vulnerável e desprovido de proteção social. Por sua vez, tais necessidades se tornam cargo, e nas palavras de Bauman, um “fardo que não é menor que o das tarefas relacionadas ao estabelecimento, à manutenção e à operação diária do Estado Social”.

Em tempos de modernidade e mundo negativamente globalizado, os direitos sociais estão cada vez mais enfraquecidos, não produzem proteção e segurança em tempo necessário ou que se espera em tempo suficiente para as necessidades que estão por vir. Desta forma, há a necessidade de buscar outros recursos, outros meios de proteção, que por sua vez, são encontrados no mercado, que prospera se beneficiando do medo e insegurança dos seres humanos, que apostam nele, lugar onde pode encontrar recursos.

Fica a cargo dos próprios indivíduos buscarem soluções para os problemas sociais que foram causados, praticando ações individuais e isoladas e por isso desprovida de recursos adequados, uma vez que a defesa do Estado já não dá conta de fazê-lo (BAUMAN, 2008a, p.176). Isso é responsável por um mundo imprevisível e de problemas privatizados e expõe os seres humanos a um convívio e uma vida com alto potencial de perigo.

Para Bauman, os cuidados que o Estado podia fornecer e que eram vistos como opressivos, agora em comparação com as variedades oferecidas pelo mercado de forma tentadora, não dão certamente a garantia esperada pelo fato de que muitas vezes nem foram ainda testados, podem se tornar desinteressantes por não oferecerem o mínimo desafio que a vida precisa e vê como sendo necessário. Dessa forma, é o que se tem agora, sendo que antes o Estado Social teria sido acusado de excessividade.

Margaret Thatcher contribuiu para o “não” às interferências do Estado nas escolhas dos cidadãos. Bauman menciona sua fala e que foi lema para esta contribuição “Quero um médico de minha escolha no momento que escolher.” É claro que ela provocou reações quando assim foi anunciada sua vontade. Obstáculos e armadilhas haviam por trás disso, uma incerteza que perturbava, um desconhecido que logo foi mostrando suas surpresas e desafios as quais a escolha trazia junto (BAUMAN, 2008a, p.177).

Jan Hoffman abordou o tema e descobriu uma grande mudança na conversa entre o médico e o paciente, entre o que o médico antes afirmava que deveria se fazer para opções ao paciente do que se fazer. Ele citou opiniões emitidas por pacientes que se viram confusos com tais escolhas:

É como estar num país estrangeiro. Você não fala a língua e está tentando encontrar o caminho...

Quando um médico diz “Aqui estão suas opções”, sem oferecer a ajuda e a avaliação de um especialista, essa é uma forma de abandono...

Quer saber quem administra o seu plano de saúde? Ninguém... (BAUMAN, 2008a, p.178)

7.2 A Liberdade Sem Segurança e os Medos Contemporâneos

Ver a “liberdade sem segurança”, é totalmente perturbador e provocador de medo, a pessoa se sente insegura e sem ninguém que possa ajudar. Da mesma forma, causa medo e pavor a “segurança sem liberdade”, são alternativas que separam opiniões e que são da mesma intensidade provocadores de terror e medo. No momento sabemos que as duas situações foram testadas cada uma em sua época, mas ambas não se mostraram eficientes, sendo que o sentimento de medo talvez seja agora ainda mais profundo (BAUMAN, 2008a, p.178).

Tal exemplo utilizado pelo autor retrata uma situação em que as pessoas se sentiram vulneráveis e não somente quer se referir à situação única e particular para os atendimentos médicos, mas sim, por situações em que a pessoa se vê em vias de fazer escolhas as quais a deixam em dúvidas por não encontrar a devida resposta, ou mesmo, por não ter condições de saber, de discernir entre o melhor e o não melhor, ou mesmo, o pior e o nem tanto pior... Escolhas difíceis diante da complexidade do mundo que fomos inseridos. O autor destaca o dilema de Wood Allen:

Mais que em qualquer momento da história, a humanidade está diante de uma encruzilhada. Um caminho leva ao desespero e à impotência absoluta. O outro, à total extinção. Rezemos para que tenhamos a sabedoria de escolher corretamente... (ALLEN, apud BAUMAN, 1980).

Como escreveram os editores da *Hedgehog Review* na introdução de um número especial dedicado ao medo, “na ausência do conforto existencial” as pessoas tendem a optar “pela proteção ou pela aparência de proteção (HEDGEHOG apud BAUMAN, 2003).

Todo o processo do medo e as preocupações que afetam as pessoas, são devidos ao que o autor chamou de “segurança existencial”. É a necessidade de segurança aos seus corpos como também a tudo aquilo que cerca, o seu habitat. Dessa forma, busca-se eliminar ou mesmo controlar o “destino”, pois ninguém quer ficar à mercê dele. Procura-se uma autonomia para definição do futuro e para isso, adquirir os recursos que

possam permitir. Mas, a individualidade é o provocador desse desejo não se tornar possível e ficar longe de ser controlado.

Para as reais causas da ansiedade não se encontram ações que sejam eficientes, pois os “tremores existenciais” são incertos e estão a uma margem inalcançável pelos indivíduos (BAUMAN, 2008a, p.180). Vivemos na incerteza quanto às nossas necessidades, como empregos, empresas, relacionamentos – de quaisquer formas, que direta ou indiretamente afetam nossa posição na sociedade, status, e com isso a nossa felicidade fica abalada.

Bauman relata que o progresso tem agora uma forma invertida de expectativa, o que antes era visto com otimismo de melhorias para nossas vidas, se tornou uma ameaça. O sentimento de competição para não se perder a posição ou algo conquistado se tornou cenário provocado pelo progresso, a qualquer momento pode ocorrer uma derrota de forma irreversível, não sendo possível novo jogo para se tentar reconquistar o título. A luta para não perder e por ganhar se tornou constante na vida moderna. Como visto anteriormente, o ser humano está exposto à “eliminação” constante, como nos *reality shows*. A diferença é que em tais programas há uma escolha de participação, mas na vida real não há escolha. “A exclusão é, afinal de contas, o dejetivo do progresso.”

Ao indivíduo se torna necessário buscar soluções provisórias - nada dura muito tempo, e fazer que sejam aceitas, mesmo que por pouco tempo e, renová-las constantemente e ainda, manter vigília, pois os envolvidos podem desistir ou tomar outros rumos. É preciso pressa para ficar no mesmo lugar – na mesma posição, ou seja, para não ser deixado para trás (BAUMAN, 2008a, p.181-182). Quando se pensa que já conseguiu tudo que planejou, pode já ter passado o tempo de replanejar, Bauman menciona Caroline Roux, especialista do *Guardian* e consultora em lar/design/imóveis:

Pode estar errado, mas os interiores estão se tornando tão propensos a reviravoltas em um piscar de olhos quanto o mundo da moda.
O último item a entrar nessa lista de aposentados, é o candelabro. Eu sei. Sinto muito. Especialmente depois de todo o trabalho que você teve...
Persianas de madeira, pisos de madeira: não espere que durem para sempre, pelo menos não em termos de credibilidade. Eles não são mais bens de consumo duráveis (ROUX, apud BAUMAN, 2005).

Os padrões sociais são inseridos nas crianças das famílias de classe trabalhadora. Às suas perguntas há sempre uma resposta afirmativa de como deve ser. Bauman menciona Mary Douglas que a criança “é controlada pelo desenvolvimento contínuo de um senso de padrão social” – porque você é assim, porque você é um menino, porque você é o mais velho. As respostas são padronizadas de acordo com o resultado

que se quer. O que se dá no auge da fase sólida da modernidade. Nas famílias de classe média “o controle é efetuado por meio de manipulação verbal de sentimentos ou pelo estabelecimento de razões que ligam a criança a seus atos” (DOUGLAS apud BAUMAN, 1970). A conclusão de Douglas é que o sistema de posições rígidas muda para um sistema que prende através de princípios abstratos que envolvem os sentimentos. Na década de 60 podia-se acreditar que a rigidez poderia trazer estabilidade, que no primeiro caso à estrutura social e no segundo caso aos princípios abstratos, de certa forma ambos agindo como mecanismo controlador e educador para se prever os resultados (BAUMAN, 2008a, p.183-184).

O autor observa a classe média como referência de manter sua estrutura social e por isso a coloca no meio do caminho de duas categorias sociais, dois polos indeterminados; sendo, de um lado o trabalho duro e árduo, a tentativa de manter sua posição e não deixar de ser o que é, por outro lado manter os princípios como regras ativas, diz como regras sólidas, criadas para manter o controle, mas que na verdade já não são mais tão sólidas como no passado (BAUMAN, 2008a, p.184). Na contemporaneidade, é entendida como uma “coerção ilegítima” e crescente, resultante da violência gerada por ações de reivindicações para saciar desejos, vontades não permitidas pelos princípios já estabelecidos e costumeiros. Ações que são entendidas como infratoras do que era costume e se entendia como “ordem das coisas”. Dessa forma, hoje, a sociedade se vê em uma guerra constante para adquirir permissões sociais para suas escolhas individuais, o que antes poderia seguir uma ordem imposta de forma autoritária e de difícil maneira de dominar ou alterar e que hoje se torna um desafio e de medos contemporâneos.

O não conhecimento da origem dos medos contemporâneos, os fazem difíceis de serem reconhecidos, o que aumenta o seu potencial e os fazem presentes em quaisquer áreas existenciais. São resistentes a não permitirem uma forma de concentrar nas suas causas, o que seria necessário para tratar de maneira mais fácil, porém, é praticamente impossível pelo fato de ser ambíguo. Embora sejamos impotentes para mudar essa situação, devemos ter foco nas coisas que nos são mais seguras e assim tentar calcular os medos e perigos para tentarmos nos livrar deles; na esperança que dessa forma sejam mais fáceis de aniquilar ou até mesmo manipular (BAUMAN, 2008a, p.185-186).

7.3 A Indústria do Medo e a Necessidade de Proteção Social

Ao mesmo tempo que devemos focar nas coisas mais seguras, temos a tendência de nos prevenirmos daquilo que nos assusta. Essa prevenção nos propõe ações que nos protejam de riscos, aqueles de ordem natural que nos cercam a todo momento, como a fumaça do cigarro; a gordura de certas comidas que pode nos provocar o colesterol ou outros males que prejudicam a saúde; sexo sem proteção, entre outras ações que nos expõem a riscos corriqueiramente. Sabendo disso, tentamos nos proteger, buscando agir de forma a não permitir que os perigos conhecidos nos acometam. Trancamo-nos em fortalezas fechadas de muros, câmeras de segurança e veículos blindados. Fortalecemos a ideia de que o mundo é assustador, talvez mais do que realmente o seja. Embora o medo existencial seja uma realidade, ao nos protegermos estamos fazendo com que o medo ganhe forças. Bauman cita David L. Altheide, “é que essas atividades reafirmam e ajudam a produzir o senso de desordem que nossas ações precipitam”. Cada vez, buscamos incessantemente ações defensivas contra os medos existenciais.

Para isso, é investido um grande potencial de capital para nos proteger do medo, movimentando a indústria do medo, nos dando a sensação de “poder” dominá-lo, superá-lo ou aniquilá-lo, em uma necessidade incessante desse sentimento, que nos propicia cada vez mais buscar recursos e, o mercado por seu lado, encontra uma gama de opções e ideias para investir nesse patamar, pois é altamente lucrativo. Carros blindados, altamente seguros para enfrentar as ameaças urbanas se tornam um desejo capaz de movimentar a indústria automobilística. Nos Estados Unidos, os SUVs – Sport Utility Vehicle - chegaram a representar 45% das vendas de seus veículos, puderam ser chamados de “cápsulas defensivas”. Reforça a ideia de que a cidade, o mundo urbano é um local onde há necessidade de se defender de diversos males e sem um equipamento recheado de proteção, estamos à mercê dos riscos ali existentes (BAUMAN, 2008a, p.187).

Dessa forma, a necessidade de proteção pessoal, deu caminhos para o comércio de vendas de mercadorias de consumo para a garantia da ordem e da lei, tanto políticas como campanhas eleitorais. Impulsionadas pela TV, permitiram uma guerra de audiência através dos veículos de comunicação. Pode, o comércio de mercadorias destinadas ao consumo pessoal, ter se tornado o maior e mais lucrativo de todos os outros existentes e que flui livremente, reforçando os mecanismos governamentais a fim de

combater o crime e ainda combater “distúrbios da ordem pública”. Bauman menciona o que Loïc Wacquant disse: “o carrossel da segurança é para a criminalidade o que a pornografia representa para as relações amorosas” (WACQUANT, apud BAUMAN, 2004). Não considera os motivos e as causas, e expõe ao público de forma a manter os interesses próprios, feita para todos de forma a atrair a atenção ou mesmo direcioná-la para uma população que não quer ser vista, mas que lhe é direcionada a atenção:

(...) os “mendigos reincidentes na impertinência, refugiados em deslocamento, imigrantes a serem expulsos, prostitutas nas calçadas e outros tipos de detritos sociais que povoam as ruas das metrópoles para o desgosto das ‘pessoas decentes’. Por esse motivo, a batalha contra o crime é apresentada como um ‘excitante espetáculo midiático-burocrático’ (BAUMAN, 2008a, p.188-189).

A necessidade de proteção pessoal é uma realidade motivada por outra realidade que é o crime. Assim como outras questões públicas precisam ser avaliadas, o crime enseja um cuidadoso desejo de proteção, desejo este que se torna alvo da publicidade que usufrui de seu encanto, esboçado para melhor atrair seus interesses. Bauman menciona a conclusão de Joseph Epstein: “Grande parte das celebridades flutuam num *‘hype’*, que é na verdade um combustível de publicista usado para abastecer e fazer flutuar algo que não chega sequer a existir” (EPSTEIN, apud BAUMAN, 2004). O autor oportunamente não deixa de ressaltar, conforme comentários de Ulrich Beck, tendo em vista que os medos contemporâneos são difíceis de serem identificados, ou seja, são “inacessíveis à fiscalização do público”, eles podem ser criados, inventados, manipulados de acordo com as crenças; e dessa forma “inseridos ou excluídos” da população alvo, o que acontece de acordo com interesses gerados pelas circunstâncias. Não obstante essa observação, tornam-se mais fáceis e também competitivas suas formas de manipulação, como arma a ser usada nesta guerra contra os medos, promovidas pela indústria de proteção (BAUMAN, 2008a, p.189).

Diariamente percebe-se que o crime e o medo mudaram a vida cotidiana, e percebe-se também que conversas com o discurso de medo e violência, prolifera e se torna contagiante toda a fala que enseja o crime mesmo que em brincadeiras, sendo inclusive fragmentada e repetitiva. A repetição reforça as sensações do medo, do perigo e da insegurança e faz com que as percepções sejam moldadas. O medo e a fala do crime moldam cenários provocando interpretações no âmbito social que dão um sentido às cidades que se cercam de muros (CALDEIRA, 2003, p.27).

As cidades e as pessoas se cercam de muros em busca de proteção, e com isso, a indústria do medo libera constantemente recursos para que as pessoas se sintam protegidas do crime. São muros, alarmes, câmeras e recursos criados à medida que surgem novas formas de aterrorizar as pessoas, como também utilizam-se novas formas para difundir o terror sendo que os que tem mais poder de difundi-lo são os que possivelmente irão vencer. Bauman se lembra do comentário de Ulrich Beck: “já que a maioria dos perigos atuais é inacessível à fiscalização do público e não pode ser confiavelmente confirmada ou negada com os meios ao alcance das pessoas, eles podem ser facilmente “inseridos” nas crenças públicas ou delas “excluídos” (BAUMAN, 2008a, p.190).

Se de um lado temos a efígie da globalização como processo parasitário e predatório, de outro lado há o que se entende como novo individualismo, dissolução dos vínculos humanos e de solidariedade. A situação econômica dos cidadãos dos Estados-nação não mais está sob o controle das leis do Estado. As decisões mais importantes economicamente ocorrem de formas independentes da legislação. A falta de uma organização política permite aos mais ricos agirem sob seus próprios interesses, o que aumenta a divisão de classes. Sob a ótica de Richard Rorty:

Estamos correndo o perigo de ficar com apenas dois grupos de sociais genuinamente globais e internacionais: os super-ricos e os intelectuais, ou seja, as pessoas que participam de conferências internacionais dedicadas a avaliar os danos causados por seus colegas cosmopolitas super-ricos (RORTY, apud BAUMAN, 1999).

Bauman acrescenta que poderia haver aí, mais uma classe, um terceiro grupo social que seria composto dos menos favorecidos e causadores de medo em toda a sociedade, que são os terroristas, traficantes e diversos outros criminosos, não deixando de excluir destes, ainda que menos favorecidos não sejam criminosos, os mais humildes, mas que não oferecem perigo. Quanto aos intelectuais cosmopolitas são os que participam das conferências internacionais e que não deixam de participarem da promoção da nova “superclasse global”, que são os chamados “super-ricos”, que detém o poder e comandam como podem a fim de defender apenas os seus interesses. Estes são chamados de “neoliberais” e difundem suas ideias e constantes práticas, conhecidas como “neoliberalismo”, uma forma política de administrar o mundo, sendo ainda, uma consequência da globalização negativa (BAUMAN, 2008a, p.190). Na expressão de John Dunn, “uma aposta no mais forte” – “uma aposta nos ricos, em certa medida forçosa

naqueles com boa sorte de já serem ricos, mas acima de tudo nos que têm capacidade, coragem e sorte para assim se tornarem” (DUNMJ apud BAUMAN, 2005). Sob o conceito dessa ideologia de Laurence Grossberg:

Tendem a acreditar que, já que o livre mercado é o sistema de escolha mais racional e democrático, cada domínio de vida humana deve se abrir às forças do mercado. No mínimo, isso significa que o governo deve parar de prover serviços que seriam mais bem fornecidos se fossem abertos ao mercado (incluindo, presumivelmente, vários serviços sociais e dispositivos previdenciários) ...

Finalmente os neoliberais são individualistas radicais. Qualquer apelo a grupos maiores... ou à própria sociedade não é apenas sem sentido, mas também um passo na direção do socialismo e do totalitarismo (GROSSBERG apud BAUMAN, 2005).

7.4 A Necessidade de Proteção e a Perda da Liberdade

Assim a globalização avança devagar, sem freios e constantemente, com poucas chances de mudança. Os políticos não têm coragem de resistir à pressão. Os que resistem são poucos que possam ter uma aliança entre os dois ramos da “superclasse global”. O que é difícil de acontecer, devido aos seus interesses próprios.

As pessoas são levadas a presumir que não há alternativa a algumas forças econômicas malignas que se encontram além do controle. A verdade é que a penúria e a ambição constituem escolhas políticas, e não um destino econômico; podemos ser nórdicos, e não norte-americanos, e podemos ser empregadores como John Lewis, e não como Gate Gourmet.” John Lewis é uma loja de departamentos britânica e a Gate Gourmet, empresa supranacional à qual a British Airways “terceirizou” recentemente seus serviços de fornecimento de alimentação, despediu de forma sumária 670 empregados depois de eles entrarem em greve contra a contratação de mão de obra mais barata oferecida pela agência Blue Arrow de serviços temporários. (N.E.) (BAUMAN, 2008a, p.191-192).

Os Governos dos Estados passam por ameaças de seus programas e políticas que são difíceis de promover, devido à política de terceirização. Mas, mesmo assim lutam para resistir, com vistas de permanecerem nas próximas eleições, mesmo que difícil devido estarem desprovidos de programas e também não possam promover uma visão de solução aos problemas instituídos pela globalização. Dessa forma, o Estado Nação perde grande parte do seu poder, e se transfere à política de vida individual, terceirizando aquilo que se esperava do Estado, que por sua vez, reduzido, aberto e indefeso, tem cada vez mais dificuldade em promover a defesa, proteção pessoal. Torna-se individualizada a

proteção, concorrente, em que os mais fortes sobressaem aos mais fracos (BAUMAN, 2008a, p.192).

No século passado, ou seja, não há muito tempo, o Estado social prometia garantir segurança aos seus cidadãos, porém esta função passou a ser retirada gradativamente do seu poder, abrindo então, uma questão de legitimação política do Estado. A necessidade de um consenso de cidadania e garantias de proteção contra o mercado, como “patriotismo constitucional”, nas palavras de Jüger Habermas. Tal sentimento de necessidade de proteção, provoca o medo nas pessoas de quaisquer classes sociais, pois trata-se de uma instabilidade constante, afeta a autoestima e ameaça seus direitos, trazendo à tona a necessidade de legitimar a autoridade do Estado, pois até então, era esperado pelos cidadãos como também esperam os benefícios da cidadania, ou mesmo outra forma de suprir tais necessidades (BAUMAN, 2008a, p.193).

“Numa época em que todas as grandes ideias perderam credibilidade, o medo de um inimigo fantasma é tudo que restou aos políticos para manterem seu poder.” Dessa forma, os políticos aproveitaram-se do medo do “terrorismo global” que tem sua parte de realidade, mas também outra parte que é fantasia, que é de certa forma distorcida propositalmente para se espalhar pelo mundo aproveitando-se da mídia internacional, como também dos serviços de segurança.

Mesmo antes dos atentados de 11 de setembro, queda das torres de Manhattan, ainda que as pessoas precisassem ter visto durante meses, as ansiedades existenciais da população, produziam “pânicos de segurança”. Desde o início da década de 1960 nos países menos desenvolvidos da Europa (como Espanha, Portugal e Grécia) e mesmo nos mais desenvolvidos como Estados Unidos e Grã-Bretanha, aumentou a população carcerária – “substituição do Estado social pelo Estado prisional” – nas palavras de Lagrange; este aumento carcerário revela maior rigidez da política penal.

De forma negativa, há uma relação entre “pressão do encarceramento” e “a proporção de previdência social independente do mercado e à parcela do PIB – Produto Interno Bruto – a ela destinada”. Os perigos que ameaçam a segurança corporal dos indivíduos são os que provocam o sentimento de “vulnerabilidade social” que está relacionado à ideia dos crimes e perigos ameaçadores da segurança corporal. Tal situação mostrou-se responsável pela “substituição da solidariedade social” pela “autoconfiança individual”. Reforçando a ideia de que o isolamento continua sendo fator característico moderno (BAUMAN, 2008a, p.194-195).

Segundo Deborah Orr, há a hipótese de que interesses comerciais influenciem o pavor e o medo do terrorismo. Um relatório da Oxfam e da Anistia Internacional mostrou que as armas leves são “as verdadeiras armas de destruição em massa”. Pois, a “guerra contra o terrorismo”, ao invés de combater o comércio de armas, provocou o seu aumento. O próprio medo tem sido o principal instigador da guerra contra os terroristas, que são os acusados de provocarem o medo. A fragilidade das pessoas que temem, as deixa vulneráveis aos riscos e conseqüentemente aumentam os medos.

Em tempos de crises e medos, a liberdade pessoal ficou afetada por leis que limitam a liberdade humana. É o caso da Grã Bretanha com medidas antiterroristas cujo judiciário concorda com poucas exceções de que “não há alternativa à repressão”. Segundo Gearty, “somente os idealistas liberais” e outros que concordam com a ideologia “têm a expectativa de que a justiça conduza a sociedade”. Parece viverem em uma cortina transparente que esconde em parte o que não se quer ver (BAUMAN, 2008a, p.196-197).

Além da liberdade afetada, é necessário viver com atenção, lembrando-se do que levou à morte o brasileiro Jean Charles de Menezes, inocentemente assassinado por ser confundido com um homem-bomba. Apenas lamentações, após o acontecimento, nenhuma medida para que não se repita, pois ainda continua a ordem de “atirar para matar” (BAUMAN, 2008a, p.197).

Estudiosos concluíram que as forças da lei e suas formas de violência contra o terrorismo deu maiores forças aos próprios terroristas, e que ao invés de diminuir o medo, o fez aumentar na sociedade alemã. É possível imaginar que as ações de combate ao terrorismo através de forças da lei, tenham intenções de agir também em outras áreas difíceis de controlar (BAUMAN, 2008a, p.199-200). Além disso, com relação aos terroristas, conseguiram algo desejado por eles, que seria abalar valores democráticos. O “estado de proteção pessoal”, tem como base o medo e a insegurança, sendo que o “estado social” baseia-se na “fé no futuro” e na “autoconfiança”, ou seja, no otimismo em um futuro promissor de suas ações e o sentimento de liberdade, premissa comum dos cidadãos. A democracia se torna, abalada, devido ao estado de proteção pessoal submetido ao mundo líquido moderno, fazendo com que a defesa da lei e da ordem seja um grande desafio para o Estado.

7.5 Bioética de Intervenção e Proteção

A proposta da bioética de intervenção se estrutura na importância do conhecimento dos conflitos morais e tem como orientação posicionar na defesa dos mais vulneráveis às ações do poder no âmbito social. A Bioética de Intervenção – BI – tem a intenção de combater problemas sociais e se posiciona de maneira laica. Vai além da clínica médica para se preocupar com os problemas sociais, os quais afetam mais a parte sul do planeta. A questão da justiça social, principalmente nos países periféricos se torna de fundamental importância para a bioética, que no plano social é um contexto da bioética que provoca reflexão sobre a justiça.

Há elementos de articulação teórica a fim de nos permitir a compreensão do conceito da bioética de Intervenção. O texto Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção, que foi apresentado no VI Congresso de Mundial de Bioética, o qual foi realizado em Brasília em 2002, teve como tema as relações entre bioética, poder e injustiça. Marca, portanto, a ética e a política da BI, com relação às injustiças enfrentadas em função da atuação de diversos poderes globais que cercam o mundo em função da economia de mercado, que privilegia o capital individual em vez do coletivo. Isso provoca a busca por justiça social que impacta diretamente na vida dos seres humanos (FULGÊNCIO; NASCIMENTO, 2012, p. 48)

As desigualdades econômicas e sociais entre indivíduos teve um quadro de transformação durante o século XX, delineadas pelo “desenvolvimento”, impulsionadas pela a sociedade de mercado que transformou a estrutura social em “contrato de compra e venda”. A tecnologia, por sua vez, dita as regras de mercado apropriando-se de riqueza criando uma hierarquia entre indivíduos na sua capacidade de consumo de tecnologia (PORTO; GARRAFA; 2005, p.111).

Os produtos da tecnologia além da promessa de prazer a quem utiliza, alimentando seus desejos e vontades, utiliza dos meios de comunicação para alimentar a cultura de massa pelo consumo dos artefatos tecnológicos, cuja promessa é de um “salvo-conduto” às atribulações da vida humana, mesmo que de maneira fictícia, anulando dores e alienando sofrimentos.

A transformação do cotidiano que a tecnologia provoca instiga no “desejo que se consome no consumo”, sendo que o objeto deste desejo tem como atração a sua forma e função, nem tanto percebida pois carrega consigo a ideologia que o sustenta com suas promessas (PORTO; GARRAFA, 2005, p.112).

O desenvolvimento tem seu conceito associado à tecnologia que implica em valoração positiva, sendo que nas sociedades ocidentais significa crescimento e aprimoramento, fazendo com que os artefatos do mercado tenham seu sentido na ideia de avanço, mesmo que sejam meramente para o atendimento de demandas fúteis do consumismo, que impede a avaliação clara e lógica de mercado (PORTO; GARRAFA, 2005, p.113).

O poder das grandes corporações e sua força sobre o mercado de consumo são evidentes também na proteção da saúde que se submete às relações de mercado, percebe-se pelo fato de as indústrias de medicamentos estarem entre as mais rentáveis.

Tal desigualdade acentuou com o processo da globalização da economia, que vem ocorrendo desde as últimas décadas, e aumentou exponencialmente a discrepância entre países ricos e pobres, sendo que a riqueza se concentra cada vez mais nas mãos de uma minoria que pode consumir, não se importando que outros fiquem à míngua e vitimizados pela exploração que vem não só da tecnologia, mas do uso perverso que dela é feito pelo mercado.

Os autores Dora Porto e Volnei Garrafa destacam uma importante análise das transformações que marcaram a nossa história com relação aos modos de produção:

A Revolução do Neolítico, com a introdução da técnica agrícola, a Revolução Industrial, que inaugurou a produção manufaturada em série. Em cada um desses períodos, o que se pôde verificar é que a acumulação do excedente, necessária à consolidação do processo produtivo, esteve relacionada à apropriação, direta ou indireta, do trabalho dos grupos socialmente mais vulneráveis.

No caso do Neolítico, o trabalho na esfera doméstica implicou na submissão das mulheres e na apropriação de sua força de trabalho para as atividades não remuneradas, voltadas à manutenção da moradia e ao cuidado com seus habitantes, situação que perdura em todo o mundo. Na Revolução Industrial, o processo de acumulação proporcionado pelo mercantilismo foi baseado na escravização – até o extermínio – das populações ameríndias e negras, circunstância que até hoje também se reflete na dinâmica das sociedades americanas (PORTO; GARRAFA, 2005, p.114).

Compara-se que as transformações no modo de produção que vivemos com a globalização, na difusão da economia de mercado, também ocorrem de forma semelhante e deixa clara a divisão do mundo entre pobres e ricos, centrais e periféricos, assim como os produtores de tecnologia e os seus apenas consumidores.

É clara a necessidade de desenvolver uma perspectiva bioética para a realidade dos países periféricos que se tornem instrumentos eficazes para mediar os conflitos ora trazidos pelas diferenças entre pobres e ricos. Estudos e pesquisas vêm sendo desenvolvidos, no sentido de definir parâmetros éticos e eficientes na interpretação desta realidade para intervir nos conflitos, pela Cátedra Unesco de Bioética da Universidade de Brasília. Dessa forma, a bioética de intervenção através de uma perspectiva de envolvimento dos aspectos sociais contribui para uma bioética crítica que possa ser aplicada nos países periféricos, e em especial, no Brasil e que deve ser legitimada no campo de estudo dos valores éticos, assim como das moralidades. Tomadas de decisões e políticas a fim de priorizar o maior número de pessoas e resultar em melhores consequências, tornando assim a bioética de intervenção moralmente justificável (PORTO; GARRAFA, 2005, p.115).

À escassez dos meios de sobrevivência física e social dá-se o conceito de pobreza, o qual se refere aos seres humanos os quais vivenciam a defasagem de necessidades em seu cotidiano. O prazer e a dor foram utilizados para definir as polaridades de tais necessidades básicas (PORTO; GARRAFA, 2005, p.117).

O uso do poder se condiciona ao comportamento, sendo que o “medo, a força e a dor marcam a relação entre exploradores e explorados”, faz com que “a possibilidade de provocar o prazer ou infligir a dor se torna base para as relações de poder.”

As pesquisas que consubstanciam a bioética de intervenção vêm buscando tornar o prazer e a dor como indicadores para mensurar a qualidade de vida, levantando sua frequência em diferentes segmentos da população nos níveis social, relacional e corporal. Dessa forma é possível avaliar a desigualdade social não apenas por parâmetros objetivos, que podem mensurar diferenças econômicas e sociais, mas também por critérios subjetivos, que indicam a correlação direta entre a percepção da pessoa e a realidade fenomenológica que a cerca (PORTO; GARRAFA, 2005, p.118).

A sobrevivência física e social dos seres humanos são direitos individuais e a intervenção deve ocorrer para preservar os direitos relacionados aos direitos de “primeira geração”, que são relacionados ao “reconhecimento da condição da pessoa como requisito único, universal e exclusivo, para a titularidade de direitos.” Os direitos econômicos e sociais, de “segunda geração”, se manifestam na dimensão material da existência humana.

A qualidade de vida das pessoas deve ser mantida como direitos coletivos, diferenciando o simples existir e o viver.

A bioética de intervenção salienta a importância de garantir os direitos específicos das camadas sociais chamadas de “minorias”, com seu “escopo teórico o reconhecimento das garantias universais e indivisíveis de todos os grupos humanos” (PORTO; GARRAFA, 2005, p.118).

Direitos difusos, de “terceira geração”, também norteiam a bioética de intervenção e tratados internacionais destacam a importância da manutenção dos recursos às futuras gerações. São tratados de direitos humanos que possuem o embasamento da bioética de intervenção, sendo que sua proposta parte do reconhecimento dos mesmos e traz como expressão consensual a moralidade coletiva na dimensão mundial. Dessa forma exigindo que o respeito absoluto aos seres humanos e às suas garantias fundamentais e inalienáveis como pessoa humana (PORTO; GARRAFA, 2005, p.118).

Portanto, a bioética de intervenção delinea-se com a ideia de saúde como qualidade de vida e que expande em um contexto social como campo legítimos de intervenção bioética e estudo. Tal definição é apontada pela Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos, que foi firmada em 2005, pelos países membros da ONU – Organização das Nações Unidas, no âmbito da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (PORTO; GARRAFA, 2005, p. 120).

Dora Porto e Volnei Garrafa, destacam como o individualismo exacerbado impossibilita dignificar o outro e agir de forma a lutar pelo bem comum e ainda quando portadores de doenças buscamos resolvê-las individualmente. Há uma engrenagem cega que não trata o ser humano como fim em si mesmo, sendo que este fim é o meio de obtenção de lucro, que mesmo cegos dessas vertentes, não estamos eximidos da responsabilidade e padrões éticos devem ser adotados para o bem estar o ser humano. A distribuição da riqueza, a emancipação pessoal e a libertação da consciência, tanto individual como coletivo, é o cerne da bioética de intervenção (PORTO; GARRAFA, 2005, p.121).

Em Bioética de Proteção os problemas morais que são envolvidos pela vulneração humana é conteúdo da bioética de proteção e é formulada inicialmente por pesquisadores latino-americanos. Surgiu a partir do corpo teórico-prático da bioética tradicional de forma a adaptar à aos conflitos da saúde pública na América Latina (SCHRAMM, 2008, p.12).

A situação do mundo globalizado de forma “catastrófica”, requer a aplicação da bioética de proteção. A pobreza extrema pode tornar as pessoas reféns e vítimas da perda de liberdades. Embora existam outros problemas globais, que afetam toda a humanidade do planeta na ordem ambiental e que devem nos fazer pensar não somente na ordem global, mas também de forma a agir localmente (SCHRAMM, 2008, p.12).

A Bioética da Proteção pode ser entendida como a parte da ética aplicada constituída por ferramentas teóricas e práticas que visam entender, descrever e resolver conflitos de interesses entre quem tem os meios que os “capacitam” (ou tornam competente) para realizar sua vida e quem ao contrário, não os tem (SCHRAMM, 2008, p.16).

A Bioética da Proteção pode servir para abordar a “moralidade” de certas práticas como as sanitárias que afeta a saúde dos indivíduos (SCHRAMM, 2017, p. 1.532). Deve proteger contra ameaças como também no autodesenvolvimento possibilitando o indivíduo de se assumir sua vida como de forma a se empoderar (SCHRAMM, 2017, p. 1.536).

A bioética de Proteção em princípio foi entendida como ética aplicada à saúde pública, porém, em seguida foi estendida à práxis humana e se aplica ao fenômeno da vida como um todo. Na esfera da saúde pública, remete aos problemas de justiça e ao acesso aos recursos (SCHRAMM, 2011, p. 713).

O conceito de proteção pode ser entendido como função social, elaborada a partir do Estado Moderno, cuja função essencial é proteger os cidadãos contra riscos naturais e sociais. A proteção ao cidadão remete a ele o mínimo de renda para garantir a sua alimentação, saúde, moradia, educação, que devem ser garantidas a todos como um direito político e não como caridade (SCHRAMM, 2011, p. 715).

8 O DESEJO DE NÃO SENTIR MEDO

Bauman menciona Jacques Derrida quando observou que “cada morte é o fim de um mundo, uma perda irreparável de alguém, ou de alguma coisa, de um mundo singular; um fim de inimaginável volta, que jamais poderá reaparecer ou ser ressuscitado. O autor menciona a morte de Ralph Miliband, teórico do marxismo, falecido em 1994, como um “choque cruel e doloroso” para quem não era aceita a ideia de que o mundo não poderia se tornar melhor para os seres humanos, com menos perigos e medos, pois acreditavam que tudo que poderia ter sido feito, já o tinha sido. Porém, na teoria de Miliband, como o planeta não se tornou assim, com a possibilidade de que quaisquer coisas poderiam ser feitas para melhorá-lo, haveria então a esperança de torná-lo mais hospitaleiro e menos ameaçador. Seu grande desafio foi como o de muitos intelectuais da época, fazer sempre do mundo, melhor que antes (BAUMAN, 2008a, p.208-209).

A esperança dos pensadores do Iluminismo em um mundo de “igualdade, liberdade e fraternidade”, de predominância antiga, mas de forma inexorável. Uma esperança que seguia as ideias de Antonio Gramsci – filósofo marxista e um grande crítico político da época. Aos intelectuais cabia apostar na “autoconfiança”, em uma filosofia de vida que foi deixada, dando lugar para “o juízo, a cautela e a ponderação” o que fez com que Ludwig Wittgenstein - filósofo austríaco, falecido em 1951 – dissesse: “a filosofia deixa tudo como estava” (BAUMAN, 2008a, p.209-210).

O que até então eram afirmações tornaram-se dúvidas, certeza de que não se poderia confiar nas palavras ditas pelos intelectuais, não que estivessem erradas, mas eles não tinham poderes para transformar o mundo. Entender a lição fez criar uma relação entre o poder e o conhecimento, necessários para se ter um planeta melhor e mais confiável para a vida humana, em que o poder e a sabedoria fizessem com que a razão se tornasse lei. Porém, uma vez que a lei se tornou poder e que, uma vez constituído, tinham por outro lado os seus conselheiros, inevitavelmente ocorreram divergências de ideias e opiniões causadoras da não confiança; o que demonstrou uma fragilidade nas relações entre leis e legisladores (BAUMAN, 2008a, p.210).

O autor cita que há pelo menos um século o determinante intelectual age historicamente na esperança da emancipação da classe trabalhadora que detém o conhecimento das habilidades e trabalho para fornecer para quem as compra a preços ínfimos, o que causa a “negação da dignidade humana”. Esperava-se que esta classe se

erguesse, tomasse consciência com a finalidade de acabar com o sofrimento e exploração, responsáveis pelas diferenças sociais, causadoras da miséria e da pobreza, de origens sistêmicas. Bauman cita ainda, Karl Marx cuja ideia era que a classe trabalhadora somente teria sua liberdade declarada e instituída com o fim da miséria, se assim o fizesse com o restante da humanidade que estivesse na mesma situação indigna de existência. Alcançar este lapso inesperado seria a única forma de instituir a tão desejada “esperança”, até então imaginada e cobiçada. Ainda usando as ideias de Marx, Bauman não deixa de criticar os autores do início da idade Moderna, que teriam colocado os detentores do poder, os então designados “déspotas”, como financiadores da felicidade de seus súditos. A intenção aí, era obter fidelidade intencional, na razão de acreditar que eram bons por promoverem suas necessidades. Ora, que necessidades - não perder o pouco de garantia para a tal felicidade.

8.1 As Estruturas Econômicas e o Papel dos Intelectuais

Contrariando Marx, o capitalismo provocou dentro das fábricas certa inquietação de medo da perda da segurança aparentemente conquistada, mais do que da perda da liberdade, fazendo que a subserviência levasse junto a esta classe de trabalhadores também os artesãos e arrendatários rurais. O que parecia ser um perturbador da ordem capitalista, a “luta de classes”, representadas pelas lutas trabalhistas, se tornaram estabelecadores do equilíbrio, que se trata das relações de capital-trabalho, não rompem as fronteiras e nem a ordem. Sua defesa é em relação aos diferenciais de salários, que são os seus objetivos dentro desta relação; ocorre de forma gradativa, porém constante e que previne certas deformidades que poderiam abalar a estrutura capitalista (BAUMAN, 2008a, p.212).

A sociedade industrial que apresenta uma solidez pouco variável, uma comparável estabilidade em relação ao desequilíbrio das estruturas econômicas pré-modernas, foi construída a partir da inquietação motivadora da época. Para sustentar esta sociedade aparentemente segura, é permissível a renegociação de regras que mantém a dependência mútua e indissolúvel da “reacomodação do capital e do trabalho”, que se fortalecem com o apoio dos Estados e o estímulo de seus resultados capitalistas em expansão. Mesmo assim, a existência de medos é constante, medo de uma depressão

econômica que pode desestabilizar o sistema, e por isso passa por manutenções de ordem tendencial e que permitem o sentimento de segurança e certa confiança no futuro (BAUMAN, 2008a, p.212-213).

Bauman relembra Lênin, chefe de governo da Rússia de 1917 a 1924, cujas ideias eram comunistas e defensoras da revolta proletária pela tomada do poder pelos chamados de “revolucionários profissionais”. Não satisfeito com sua visão de que o capitalismo seria responsável por implantar tão somente uma “mentalidade sindicalista” no pensamento dos trabalhadores, tornando-os com uma visão limitada de sua missão, Eduard Bernstein – 1850 – 1932 –, fundador do programa revisionista, que via falhas no pensamento marxista, concordava com Lênin em certo aspecto, pois seu entendimento era de perspectivas otimistas (BAUMAN, 2008a, p.213).

Por um lado, Bernstein defendia o papel dos intelectuais como um seguidor de padrões de obediência, por outro lado, Lênin defendia de maneira diversa, com “vigor, força e tenacidade”, por isso, segundo ele, a necessidade dos “revolucionários profissionais”.

Na descrição desse credo por Alain Finkielkraut: “os conceitos estão na rua, os argumentos nos eventos e a razão no drama em que os homens são atores antes de se tornarem pensadores” (KIELKRAULT, 2005, p.245).

O proletariado é que, em última instância, vai reformar a realidade segundo as regras da razão e os princípios da justiça – mas não o fará a menos que seja espicaçado, forçado e, de outras maneiras, coagido pelos que conhecem e/ou codificam tais regras e princípios. Os trabalhadores precisam ser obrigados a realizar o derradeiro ato de libertação, o qual – por um veredicto inapelável da história – tem sido uma missão desde o começo da guerra de classes, mas que eles foram demasiado indolentes, ou preguiçosos, ou então ingênuos e facilmente ludibriados, para cumprir – a não ser convocados a pegar em armas e forçados a agir... (BAUMAN, 2008a, p.214).

O movimento proposto por Lênin, embora tenha colocado os intelectuais como os conhecedores da história, não ocorreu como esperava. Suas intenções provocaram a troca da gerência com a então fraqueza dos intelectuais, que deviam ter se transformado nos próprios atores e criando seu próprio exército disciplinado para o combate. Lênin pode ter tido a intenção de fazê-los reconstituírem, mas deram lugar para o Partido que passou a ser real, havendo um chefe ao qual devia-se obrigatoriamente “obediência, renúncia e submissão”.

O Partido superou as “massas sofridas e humilhadas” que era o ponto de referência dos trabalhos intelectuais, diferente das massas proletárias, queria seus atores, como soldados, dentro de uma rígida disciplina. Mas, o mundo em que se sonhava era um mundo em que a “ordem total” seria o propósito do totalitarismo, os campos de concentração e as mortes decorrentes dele. Bauman instiga a pensar se o Partido não seria o reverso do pensamento dos intelectuais, tendo em vista que o trabalho escravizado pelo capitalismo nada mais é do que a alienação da própria força de trabalho (BAUMAN, 2008a, p.215).

Por um lado, as ideias de Lênin pareciam não se realizar, por outro as de Bernstein se mostravam bastante promissoras, o que então fez Geörge Lukács explicar o porquê da relutância das ideias originais de Marx criaram opositores durante a história. Comparou à alegoria da Caverna de Platão, num conceito de “falsa consciência”, o autor usando ainda o termo “totalidade fraudulenta” para exprimir a ideia da sociedade capitalista promovida pelo Partido, o qual tem a força de apoiar ou não. Dessa forma, retrata as realidades aparentes que podem enganar a verdade, indexando realidades criadas pela história que iludem os habitantes da caverna.

O autor destaca Antonio Gramsci – 1891-1937– filósofo marxista – do então Partido Intelectual Coletivo, que criou a expressão de “intelectuais orgânicos” cuja missão seria servir aos interesses de classes. Comparada à conclusão de Geörge Lukács com os acontecimentos da história pós Marx, provocaram, portanto, a responsabilidade dos intelectuais na ética e na política. Isso, resultou em vários descontentamentos devidos às traições e culpas responsáveis também por acusações. Dessa forma, o movimento trabalhista pode ter recuado de sua missão de derrubar o poder capitalista, por negligência ou mesmo por traição e foram chamados de culpados, os intelectuais orgânicos (BAUMAN, 2008a, p.216).

Os intelectuais assumiram esse papel que a eles foi imposto. Indícios de que as explicações estavam nos livros que então dariam as respostas, cujos estudantes dos mesmos teriam encontrado o descontentamento de não haver um fim ou um começo (BAUMAN, 2008a, p.217).

Não obstante a confusão ocorrida das últimas agitações intelectuais, perpetuava a ideia de “adeus ao proletariado” como se houvesse chegado o momento de uma ação revolucionária.

8.2 A Esperança de um Mundo Melhor

Os trinta anos gloriosos, ou seja, as três décadas do pós-guerra na construção do Estado social, porém somente após supostas condições, após superar palpites e suposições obviamente causaram grande confusão. Foi um tempo em que as ortodoxias se instauraram com raízes profundas, mas que não tinham como conter o outro lado com heresias que cultivaram a coragem e a impertinência para disputar um difícil consenso. Marcou uma época de construção e desconstrução da sociedade política organizacional de difíceis lutas em razão de mudanças clamadas por todas as partes. A desordem intelectual, diz o autor, que embora uns defendam a ideia e outros a escondam, foi responsável pela perda do “agente histórico” raiz ou centro ao qual as estratégias giram e acontecem como um mecanismo de base para a sua existência, o qual logo foi percebido pela esquerda intelectual, pelo rompimento da comunicação com “o movimento” (BAUMAN, 2008a, p.218).

À medida que fatos confirmavam o reconhecimento do que deveria acontecer, alguns se mantiveram resistentes, mas outros nem tanto. Michael Foucault com o advento de “intelectuais específicos” angariou adeptos aos interesses de atividades autorreferenciais, uma questão então discutível. Mas, se for para a defesa somente de interesses próprios em suas áreas de atuações, as variações de postura política assim como as lutas pelo poder, dessa forma centrada em setores determinados, o “agente histórico” então perdido, pode não fazer falta. Poderia então ser a razão da sua perda, do seu desaparecimento. Neste contexto, o autor questiona se as “esperanças e o trabalho de emancipação devem mesmo levar o tal agente histórico” para o abismo? (BAUMAN, 2008a, p.219).

Bauman destaca pelas palavras do filósofo Theodor W. Adorno que preveniu ao seu velho amigo Walter Benjamin:

A esperança de que os “verdadeiros trabalhadores” salvariam as artes da perda de sua aura ou seriam salvos pela “proximidade do efeito estético combinado” da arte revolucionária (ADORNO; BENJAMIN, apud BAUMAN, 1999). Os “verdadeiros trabalhadores”, insistiu ele, “na verdade não gozam de nenhuma vantagem sobre seus correlativos burgueses” a respeito – eles “portam todas as marcas de mutilação do típico caráter burguês”. E então vinha o tiro final: tenha cuidado para não “transformar nossa necessidade” (ou seja, a dos intelectuais que “precisam dos proletários para a revolução”) “numa virtude do proletariado, como constantemente somos tentados a fazer (BAUMAN, 2008a, p.220).

As ideias de Adorno diziam que mesmo que parecessem menos encorajadoras as perspectivas de emancipação humana, nos interesses de uma sociedade melhor, as propostas de Marx eram evidentes pelas suas acusações de um mundo contra a humanidade ainda permanecia e que não deveria haver desistência da emancipação e que deveria haver persistência a fim de perturbar os males sociais.

Bauman via as ideias de Adorno tão reais ainda no mundo de hoje, tanto quanto à época que ele escreveu:

A presença não atenuada do sofrimento, do medo e da ameaça faz com que o pensamento que não pode ser concretizado não deva ser descartado. Agora como então, a filosofia deve tomar conhecimento, sem atenuação, do motivo pelo qual o mundo – que poderia ser o paraíso aqui e agora – pode se tornar o inferno amanhã (BAUMAN, 2008a, p.220).

Bauman conclui que Adorno adiantou-se em dizer que se para Marx o mundo poderia passar por uma grande mudança para se tornar um paraíso, parecia que a possibilidade estava presente e que a teimosia poderia dar sustentação para isso. Mas, a possibilidade do mundo passar por tais transformações perdeu-se no tempo e tornaram-se mais irreais do que possam ter sido. Não existe um caminho possível de transitar para este mundo imaginável e desejável, mais hospitaleiro. Não há como saber a forma de se chegar a este mundo emancipado e digno de receber a humanidade, como um mundo habitável de forma mais confiável (BAUMAN, 2008a, p.221).

Há de saber se as pessoas querem seguir o caminho para este mundo melhor ou preferem se manter no engano. “O mundo quer ser enganado” – expressão dita por Adorno, que Bauman ressalta e ainda cita a “Fuga à Liberdade” de Erich Fromm. Os indivíduos deixam de serem eles mesmos para se adequarem aos padrões culturais da sociedade, numa tendência a se tornarem todos iguais ou ao menos da forma que esperam que sejam, de maneira previsível. O temor da solidão e de incapacidades, diminui quando a diferença entre mundo e pessoa desaparecem, tornando-se imperceptíveis e indistinguíveis ao meio quando elas se assemelham. É uma forma de defesa contra o medo, mas faz a pessoa abdicar do ego individual convertendo-se em autômato, identificando-se com muitos outros autômatos existentes e conseqüentemente, ocorre a perda da individualidade (FROMM, 1983, p.150-151).

A ideia citada é reforçada pelo autor ao apoiar a aprovação de Adorno ao ensaio de Sigmund Freud sobre psicologia de grupo. O grupo “deseja ser governado pela força irrestrita: tem uma paixão extrema pela autoridade; na expressão de Le Bon, tem sede de obediência. O pai primal é o ideal do grupo, que governa o ego no lugar do ideal de ego.” (ADORNO apud BAUMAN, 1991, p. 89).

8.3 Refletindo Sobre Possíveis Ações Para a Felicidade

A ideia de “emancipação”, de liberdade individual como um objetivo que sobressai à crítica social, confronta com o que o autor chama de “indústria cultural”, cujas expectativas são os desejos dos intelectuais em utilizarem estratégias e ações com a intenção de não perderem as esperanças do passado, e ainda não deixarem frustrados seus fracassos e não desistirem dos objetivos.

Adorno adverte ainda que “nenhum pensamento é imune à comunicação, e proferi-lo no lugar errado e por meio de um entendimento errado é suficiente para solapar sua verdade” (ADORNO apud BAUMAN, 1974, p.25). Assim, os atores da cena, fracassados e também os que não querem se juntar à cena no momento oportuno, isolam-se como se quisessem ser solidários, mantendo-se à distância, mas que ficam ao lado das esperanças frustradas. O aprendizado pode ou não ter acontecido, e pode ainda haver quem queira pôr em prática (BAUMAN, 2008a, p.224).

O autor diz que o cenário político dos atores que queiram entender e articular expectativas em favor das demandas dos seus eleitores, está fechando e não há tendência de mudar. É necessário que se abram novamente, que se tragam os problemas à tona para serem debatidos e cobrados de uma forma a terem sua devida relevância. Embora, por esta questão a prática não é fácil, os discursos políticos tomam um caminho já mencionado sobre a relevância da comunicação, que faz do discurso público um conhecimento deturpado da realidade, sob necessidades subjugadas (BAUMAN, 2008a, p.225).

A sociologia assume o desafio do seu propósito, começar é a parte mais decisiva quando se compara com outras áreas. Ter a consciência de tudo aquilo que traz o sofrimento à vida não significa que os problemas estão ou estarão resolvidos. É árduo o caminho entre o reconhecimento dos fatos e a ação para ao menos iniciar uma tarefa

para resolvê-los. Oportunamente, Bauman cita a importante frase de Pierre Bourdieu: “Aqueles que têm a chance de dedicar suas vidas ao estudo do mundo social, não podem recolher-se, neutros, indiferentes, diante da luta da qual a aposta é o futuro do mundo” (LANSMANN; REDEKER apud BAUMAN, 1998, p.14).

Diz, portanto, o autor que o dever dos sociólogos deve ser sempre a esperança e questiona em quem se deve lançar tal esperança? Lembrando ainda que as acusações de Marx contra o capital, há praticamente dois séculos passados, tiveram perdas em relação à atualidade. Cita que mudou apenas o alvo das injustiças e do desperdício, em dimensões mais amplas a atingirem o mundo, como também mudou a tarefa de emancipação, algo tão desejado que tomou outras dimensões (BAUMAN, 2008a, p.226).

Bauman observa que é a elite do conhecimento que se coloca à frente da globalização e que produz uma idealização de “cultura global”, desprendidos de apego territorial e de soberanias locais. Dessa forma aquele pacto que poderia haver entre os “intelectuais” e o “povo”, passou a não existir mais. O desejo de que o povo desse continuidade na busca da liberdade e da coragem, assim como suas expectativas, foram ocultadas. No entanto, para Adorno, o pensamento crítico deve manter as esperanças do passado e não se abster delas (BAUMAN, 2008a, p.227). Adorno diz ainda que é exatamente por ser atual cujas circunstâncias mudaram muito, que o pensamento crítico precisa ser renovado, assim como a tarefa mudou, necessário estarem juntos para serem compatíveis (ADORNO apud BAUMAN, 1974, p.25).

O pensamento crítico deve repensar suas tarefas devido às mudanças inevitáveis e acontecidas com o tempo, tanto a esperança quanto as oportunidades devem estar em equilíbrio adequado entre a liberdade e a segurança. Não há liberdade sem segurança e vice-versa, e as oportunidades devem ser buscadas, enxergadas em seu momento, pois é um alerta constante nas mãos da esperança que não deve acabar. Embora haja a necessidade de renovação, há de se observar que pode existir a esperança de algo maior e contínuo, cujos desejos se prolongam mesmo que os tempos mudem e que se tornam um ato de coragem em quaisquer formas de equilíbrio entre a liberdade e a segurança.

Importante menção de Jean-Pierre Duppuuy quando se referiu à “catástrofe inevitável”: Ao mesmo tempo em que assinalava que profetizar o advento dessa catástrofe de modo tão passional e tonitruante quanto possível é a única chance de tornar evitável o inevitável – e talvez até tornar o inevitável impossível de acontecer (DUPPUY apud BAUMAN, 2002, p. 167).

“Estamos condenados à perpétua vigilância”, uma advertência de Dupuy. A presença do ser humano na Terra, pode ser afetada por apenas um lapso de cuidado, de vigilância, que seria apenas uma condição suficiente que pode ser necessária para evitar uma catástrofe. A continuação da permanência da humanidade na Terra é uma negação da autodestruição, uma condição necessária para que não aconteça e não chegue este futuro inevitável (BAUMAN, 2008a, p.228).

Bauman cita os profetas, eles acreditavam no apocalipse, porém esperavam do futuro, provas de que estivessem errados por não encontrarem outra maneira de evitar a catástrofe, ameaça ainda atual. Seguiam seu senso de missão com determinação, sabendo de suas capacidades, e acreditavam nas ideias que Dupuy queria mesmo nos fazer acreditar. Diz ainda, que a globalização negativa priva os livres da segurança, pois oferece segurança sem liberdade, para ser diferente, a globalização deveria ser “controlada e domada”. Lutar contra o medo, é compreendê-lo, é necessário conhecê-lo para saber qual ameaça está lidando para buscar formas de impedi-lo avançar (BAUMAN, 2008a, p.229).

Bauman encerra sua crítica com importante observação:

O século vindouro pode muito bem ser a época da derradeira catástrofe. Ou pode ser o tempo em que um novo pacto entre os intelectuais e o povo – agora significando humanidade em seu conjunto – seja negociado e trazido à luz. Esperemos que a escolha entre esses dois futuros ainda nos pertença (BAUMAN, 2008a, p.229).

8.4 Preocupação Bioética, o Mal do Século – A Pandemia

O mundo se surpreendeu no início da segunda década do século 21, uma doença respiratória batizada de Covid-19, nasceu na China no final do ano de 2019 e promete se alastrar pelo mundo; há muitos casos já confirmados no início de 2020. O último ano da segunda década do século XXI parece nos mostrar que os medos da humanidade ainda persistem. Uma epidemia, um novo vírus surge a aterrorizar todas as pessoas do planeta. Um momento em que muitos já podiam ter se esquecido do vírus causador da doença Zika – transmitido pelo mosquito *Aedes Aegypti*, causador da gripe H1N1 – cujas mulheres grávidas infectadas tiveram seus bebês nascidos com microcefalia. Este vírus atingiu 653.075 pessoas e matou 18.449 pessoas entre os anos

2009 e 2010. O Covid-19 – novo Coronavírus – já infectou 82.588 pessoas e matou 2.814 pessoas entre dezembro de 2019 e fevereiro de 2020 (MARIM; DA COSTA, 2020 p. 33).

Até o dia 27 de fevereiro, somente na China foram diagnosticados 78.524 e 4.064 no restante do mundo. A epidemia é noticiada por várias mídias do mundo, e junto é espalhado medo, pavor e a grande dúvida se o Brasil tem de enfrentar o espriamento do vírus. O Infectologista Celso Granato, diretor clínico da rede de laboratórios do grupo Fleury acredita que sim. Ele disse que “para citar um exemplo emblemático no caso do surto do H1N1, por exemplo, ocorrido em 2009, o Brasil passou a ter teste próprio da doença depois dos primeiros casos. Agora, o primeiro caso já foi detectado com exame específico.”

Medidas são tomadas pelo governo federal como a distribuição de equipamentos de proteção individual, destaca-se também o governo de São Paulo que anunciou a “criação de um centro de contingência para coordenar ações contra a propagação do novo coronavírus. Uma das primeiras medidas será isolar leitos de hospitais públicos e privados para receber eventuais pacientes infectados” (MARIM; DA COSTA, 2020 p. 34). Porém, a preocupação e o medo das pessoas de contraírem o vírus, não se acalma com a tentativa de tranquilizar a população. O medo se espalha mais rápido que o vírus devido à facilidade da disseminação das informações virtuais que tem seu lado bom, pois é importante manter a população bem informada, para que tome também as suas precauções e não espere apenas do governo. É o que acontece quando eventos internacionais são cancelados ou adiados até que a situação se normalize, uma questão de bom senso.

A capacidade de transmissão é considerada de baixa para média, sendo que uma pessoa infectada pode contaminar 2,5 pessoas em média. Comparando-se com o sarampo, uma pessoa pode infectar até 18 pessoas. A situação do Brasil não é alarmante devido à alta temperatura, considerando que o Covid-19 possui uma membrana bastante sensível ao calor (MARIM; DA COSTA, 2020 p. 35). Mesmo com esta informação e com apenas 13 casos confirmados no Brasil, até o dia 06 de março, pelo Ministério da Saúde, as pessoas se mantêm em estado de alerta e medo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

O presidente americano Donald Trump, fechou suas fronteiras, proibindo a entrada de estrangeiros que tivessem estado na China nos 14 dias anteriores. A Rússia também fechou suas fronteiras e até mesmo o território autônomo Chinês de Hong Kong, adotou algumas restrições para o fluxo de pessoas pelo continente. Houve críticas de

discriminação e de estímulo à xenofobia ao presidente americano, porém, ele preferiu manter a decisão com receio de acusação de responsabilidade na proliferação do vírus. O acontecimento veio de encontro com o ano em que o presidente americano pretende disputar a reeleição. Mas, para conter o risco de espalhar mais ainda o vírus e ainda para acalmar a população, a Casa Branca requisitou ao Congresso a liberação de 2,5 bilhões de dólares para a criação e implantação de outras medidas e também, para a promoção de pesquisas para o desenvolvimento de uma vacina (MARIM; DA COSTA, 2020 p. 36).

Se por um lado as pessoas se assustam com a epidemia e temem por sua saúde e vidas, há um grande impacto econômico; lembrando que vivemos em um mundo contaminado não só por vírus, mas por uma globalização negativa frágil a quaisquer mudanças inesperadas.

O Fundo Monetário Internacional já advertiu que a epidemia custará ao mundo pelo menos 0,1 ponto porcentual do crescimento neste ano. A conta é mais grave quando se olha com lupa para o Brasil. Em janeiro, a expectativa era de crescimento de 2,3% neste ano. No mínimo 0,4 ponto porcentual pode ser extirpado da alta prevista para 2020. “Ninguém hoje está isento da engrenagem da globalização”, diz Ernesto Lozardo da Fundação Getúlio Vargas. “O transporte aéreo sofrerá com a queda (em número) de passageiros, assim como o turismo. Os investimentos internacionais ficarão travados. Ainda é cedo para prever o tamanho do impacto, mas o fato é que o fluxo de dinheiro que faz a roda girar diminuirá (MARIM; DA COSTA, 2020 p. 37).

O crescimento econômico no Brasil tem sido um fator preocupante nos últimos anos que vem dando muito trabalho aos economistas para apurar as razões de sua queda continuada. No 4º trimestre do ano de 2010 o PIB chegou ao seu ápice de 7,5%. A economia não havia crescido tanto desde o primeiro trimestre de 1996. Mas, a partir daí começou sua queda e teve sua maior baixa no segundo trimestre de 2016, chegando a -4,6% e, às duras penas conseguiu um pequeno crescimento chegando a 1,6% no terceiro trimestre do ano de 2018 e voltou a cair fechando o 4º trimestre de 2019 em míseros 1,1%. Para os esperançosos e confiantes na política econômica atual, a expectativa de crescimento de 2,3% para o ano de 2020, fica abalada em função da epidemia do Covid-19, que promete afetar diversas áreas que ajudam a movimentar a economia, como o turismo e empresas aéreas; lembrando que diversas outras ramificações ou áreas também serão afetadas em um efeito cascata.

O medo da morte, provocada por um vírus intruso na vida das pessoas cujas esperanças de vida melhor estavam em alta, promessas e realizações tecnológicas para um mundo dinâmico e ágil, parece ironia da vida ou gera questionamentos quanto à verdadeira evolução humana. Os acontecimentos ainda são os mesmos sob a ótica de

Bauman, a liquidez do mundo moderno não promove a segurança tão desejada pela humanidade imersa em uma globalização negativa que impossibilita ações individualizadas que possam resolver ou minimizar os impactos da epidemia.

A China é um país localizado no continente asiático, especificamente na Ásia Oriental, oficialmente chamada de República Popular da China, cujo governo é representado pela República Comunista. É a segunda maior economia do mundo e a economia com maior expansão do século, é também a maior economia de exportação do planeta. O governo chinês sabe bem o que pode representar para o país e para o mundo, economicamente a expansão do vírus. Portanto, utilizou de sua tecnologia e capacidade econômica, como também seu histórico de construir arranha-céus com rapidez, para que em dez dias, a contar de 23 de janeiro, pudesse anunciar a conclusão do hospital Huoshenshan, na cidade de Wuhan, onde a epidemia iniciou, e que até 03 de fevereiro de 2020 matou mais de 300 pessoas (EXAME, 2020).

O Covid-19 é uma variação da família coronavírus e teve os primeiros casos identificados no início da década de 1960, de acordo com informações do Ministério da Saúde. Na cidade de Wuhan – capital da província de Hubei – metrópole chinesa com 1 milhão de habitantes e sétima maior cidade da China, Liu Zhiming diretor do hospital Wuchang, foi o primeiro diretor de hospital que veio a falecer em função da doença, sua morte ocorreu em 31 de dezembro do ano passado. Foi neste dia que a Organização Mundial da Saúde – OMS, emitiu o primeiro alerta da doença que em princípio foi identificada apenas como uma misteriosa pneumonia. O medo do Covid-19 é intenso entre os profissionais da saúde. A população segue em estado de alerta, acompanhando as notícias, na esperança que a epidemia seja controlada. Ainda vivemos de medos os quais a ciência ainda não conseguiu aniquilar (FASAÚDE, 2020).

O mundo se curvou às notícias de morte em função da pandemia na Itália. A falta de recursos é uma realidade que percebemos que pode afetar todos, inclusive os países de primeiro mundo e este é o fato mais assustador, pois a descoberta de que o mundo não se preparou para uma pandemia é uma realidade que não dá para mudar de repente. Parecia que o mundo não acreditava que isso poderia acontecer e sempre adiou precauções e forma de se proteger.

8.5 O Medo da Pandemia e Suas Consequências

O medo neste início de século testa as reações das pessoas que podem se desesperar com desejo de fuga da realidade. Há pessoas que parecem não acreditar que a humanidade tão moderna e dotada de recursos tecnológicos jamais vistos, foi acometida por um mal capaz de matar tanta gente, fazendo com que o século XXI fique marcado na história pelo medo da morte. Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde – OMS – caracterizou o vírus denominado COVID-19 como uma pandemia. Vírus altamente contagioso que entre vários sintomas, ataca as vias respiratórias e provoca muitas vezes a morte. No dia 11 de abril de 2020, foram confirmadas no mundo 1.610.909 casos de COVID-19, sendo 89.657 novos em relação ao dia anterior; 99.690 mortes que retratam 6.892 novas em relação ao dia anterior. Até esta data, o Brasil confirmou 20.727 pessoas infectadas e ainda, 1.124 mortes, sendo que o Ministério da Saúde declarou que há transmissão comunitária do vírus em todo o território nacional (PAHO, 2020)

O medo de morrer ou perder alguém próximo fez com que vários países, inclusive o Brasil, adotassem medidas de prevenção para controlar a pandemia com o isolamento social. As pessoas foram para suas casas e a forma disso acontecer é que alguns deixaram seus trabalhos fechando as portas de suas empresas e comércios, enquanto outros adotaram o home-office aproveitando o que a tecnologia pode oferecer de mais segurança neste momento.

Acompanhado do medo da morte, o medo de uma economia desestabilizada sem a circulação de produtos, as vendas desaceleraram podendo provocar sérios problemas para todos. A morte de segundo e terceiro grau batem nas portas das pessoas que vivem neste início de século. Sem muitas alternativas, a sociedade segue com desejo unânime que a pandemia passe logo, que a ciência desenvolva uma vacina, que os corpos humanos deixem de ser tão frágeis a esse ser invisível, maligno, que desafia a humanidade de forma democrática, pois não escolhe entre ricos e pobres, todos podem ser infectados e não se sabe quem irá viver.

A história da humanidade um pouco previsível pelo desenvolvimento tecnológico e projetos futuros, de repente parece desacelerar e mudar o percurso em uma promessa de que o mundo jamais será o mesmo, pois muitas serão as consequências da tão temida pandemia. O mundo passa a viver de uma hora para outra, online, uma tendência que se concretizada de forma lenta, pedindo licença e aceitação dos mais

conservadores em adotar tanto as relações de trabalho como de educação; se veem agora forçosamente obrigados e aceitá-las.

É preocupante a desigualdade social que há dentro do país como também com relação a países ricos e pobres. Haja vista que a pandemia primeiramente atacou os países mais desenvolvidos como China, Europa e América do Norte. Há o medo de que o pior venha a acontecer quando atingir os países da América do Sul, África e também o Oriente Médio. O medo da morte é global e sabemos que o mundo pode entrar em colapso se não houver ações e providências de controle da pandemia em tempo e solidariedade entre os mais ricos para salvarem a humanidade e os mais carentes que podem morrer em massa.

Existe um mundo agora e poderá ser outro depois da pandemia de 2020. A humanidade está condenada a levar para seus descendentes um conjunto de medos e ameaças que mais pareciam filme de ficção e que agora são realidade. Se os humanos jamais esqueceram que são mortais, passaram a ter mais motivos para cuidarem de suas vidas como uma preciosidade frágil, e espera-se que a inteligência através da ciência encontre a arma para combater o inimigo. Espera-se que a humanidade se torne mais humana depois disso e entenda que não há mal que traga o bem, o que deve haver é a compaixão, a destruição do ódio, da inveja e da cobiça para que os humanos vençam essa guerra em defesa da vida.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos deixar que as experiências do passado, registradas em nossa história sejam banidas da sociedade e devem ser exemplos que devemos seguir ou não. É importante o registro dos fatos e a consideração de resultados como indicadores para o entendimento dos que deram ou não certo, como um facilitador de distinção de ideologias novas e velhas. Não que uma seja melhor que a outra, mas a crítica deve estar às mãos dos intelectuais, historiadores e responsáveis pela propagação das notícias, considerando que as facilidades trazidas pela mídia tecnológica em propagar ideias nunca foram tão eficazes em épocas passadas como no momento e são utilizadas tanto para o bem como para o mal.

As condições sociais da vida humana sempre estiveram subordinadas aos donos do poder, sejam eles políticos, religiosos, intelectuais, ou pessoas que se destacam e se tornam conhecidas por suas ações, em meio a uma multidão de pessoas consideradas iguais, que são as pessoas que nada fazem no sentido de mudar a vida, elas apenas vivem de acordo com a moral e costumes da época, sem a preocupação de se destacarem. Dessa forma constituem por um lado os idealizadores e de outro lado, seus seguidores.

Os medos da atualidade não são muito diferentes dos medos que tinham os nossos antepassados, eles apenas foram atualizados e podem ter se tornado maiores. Continuamos com medo das catástrofes, doenças, terrorismo e o maior de todos os medos que é o medo da morte. A ciência trouxe a tecnologia e nos transformou em pessoas um pouco mais confiantes de que somos capazes de produzir recursos para todo tipo de mal, embora saibamos que isso não é possível até mesmo pelo desconhecimento de quais são todos os tipos de mal e que os recursos são ainda muito limitados. Sabendo dessa limitação nos tornamos pessoas individualistas e egoístas pela preocupação das próprias defesas e jogadas em um mundo onde salva-se quem puder.

Quanto mais o mundo avança em descobertas, há cada vez mais uma distanciação entre os povos devido às divergências de cultura e poderes. A esperança de que a globalização e a facilidade que a abertura das fronteiras iria trazer, foi na verdade um grande distanciador das classes sociais que fez mais viva que nunca, as críticas de Marx quanto à distribuição do capital. Porém, seria necessária uma atualização de suas ideias, pois as lutas de classes não foram a solução em nenhum momento da história, pois não se fez vencer. É necessário encontrar outra forma de fazer com que o ser humano

tenha em seu ser a consciência do conceito de humano, e que não vivemos só, isolados da forma que estamos nos construindo. O “eu” – “ego” mais o sufixo “ísta”, vindos do latim, se tornou um vício e mal dos últimos tempos.

A consciência pode nos tornar pessoas mais sábias a lidar com os riscos que nos afligem e que nos afetam no mundo moderno. Não deixaremos de sermos frágeis a eles, como não nos tornaremos pessoas imunes, assim como também não encontraremos a solução para todos os medos. A necessidade é que os humanos precisam se ver como seres que dependem uns dos outros, pois não somos autossuficientes, e que nossas dependências não nos permitem conquistar um nível de segurança satisfatória que almejamos. Conhecer a nossa condição humana de seres que dependem de fatores de segurança e ter a humildade em aceitar que a natureza é soberana, são fatores que poderiam nos tornar pessoas melhores. A ignorância desses fatores que por vezes nos assola, contribui negativamente para o egoísmo que nos faz agir como se não houvesse uma resposta para isso, como se nada nos afetasse.

Os avanços tecnológico e científico foram inevitáveis para o desenvolvimento da sociedade moderna, capitalista e industrial e que em sua última versão caminha com fortes tendências ao neoliberalismo. O sociólogo alemão Ulrich Beck – 1944 – 2015 – em sua obra *Sociedade de Risco – rumo a uma outra modernidade* – relatou observações e críticas ao mundo moderno que vem se construindo de maneira a provocar riscos e perigos para os humanos. Portanto, deu ordem a uma divisão, uma ruptura que distanciou a então sociedade industrial clássica originária da revolução industrial, na sociedade industrial de risco. A tradição era a maior preocupação da sociedade e foi aos poucos sendo substituída pela modernização reflexiva. Tornou-se uma sociedade exposta a riscos sociais, industriais, políticos e econômicos, de forma que todas as áreas da vida humana podem ser afetadas de alguma forma, as quais foram criadas pelos próprios seres humanos. O que Bauman relatou em sua obra, é constatado também na obra de Beck, que da mesma forma explorou a questão dos riscos de danos causados pela natureza, e que nos afetam mais silenciosamente, cujas respostas podem ser mais lentas, mas que podem ser fatais para a existência da humanidade no planeta. Bauman relatou os desastres da natureza quando ocorrem de forma mais imediata, desabrigando ou matando pessoas, como enchentes, tsunamis, terremotos. Beck também coloca a natureza como um fator de risco para a humanidade, mas a longo prazo, devido à destruição ambiental que vem sendo alerta de muitos estudiosos e defensores do meio ambiente.

Os riscos que afetam a vida dos seres humanos que são relatados na obra de Bauman devem ser fatores de atenção e alerta para a bioética no sentido de proteção às pessoas vulneráveis a eles que se tornam vítimas quando algum mal de ordem social, política ou da natureza acontece; devendo também a bioética identificar o momento de intervenção diante dos acontecimentos inesperados neste mundo líquido no qual estamos todos inseridos. É exemplo, o momento de pandemia que o mundo está vivendo e que alguns países estão sendo mais atingidos que outros, mas que o despreparo é de todos. Não há recursos e leitos para todos os necessitados e muitas vezes os profissionais da saúde precisam decidir quem irá viver.

O advento da ciência e tecnologia trouxeram facilidades para nossa sobrevivência, mas não nos garantiu um mundo sem riscos. O autor contemporâneo Niklas Luhmann, em sua teoria dos sistemas sociais, procurou mostrar como a complexidade social aumenta a cada dia e destaca a confiança como uma forma de tentar reduzir esta complexidade. A totalidade dos acontecimentos possíveis não é um estado de ser, mas uma relação entre sistema e mundo. As pessoas estão em todo momento sendo cobradas por escolhas e para isso há a necessidade de um mecanismo que ajude a selecionar os melhores caminhos que possibilitem ações favoráveis a um todo. Nossas histórias, lembranças e relatos do passado nos ajudam a decidir e escolher a maneira de trazer para o presente aquilo que já vivemos e que tiveram resultados positivos.

Caminhamos tanto pela era moderna em busca de vivermos melhor que com isso nos tornamos reféns de nós mesmos na contemporaneidade, porque nos cobramos os melhores resultados. A realidade é que caminhamos em busca de liberdade e nos prendemos a ela, pois ao conquistar nossos anseios, tememos perdê-la. O autor contemporâneo Byung-Chul Han - em sua obra *Sociedade do Cansaço*, aponta que agimos diariamente na intenção de nos tornarmos melhores e mais capazes de desempenhar coisas do que éramos antes. Já não trabalhamos mais como os trabalhadores de antigamente pressionados pelos chefes ou patrões. Já não são mais eles que cobram os resultados como acontecia antes, somos nós mesmos que nos obrigamos a alcançar mais metas e a aceitar mais desafios em busca de melhores desempenhos e conquistas.

Essa corrida em busca de novas conquistas nos tornou pessoas cada vez mais apressadas a atarefadas. Já não dispomos de tempo muitas vezes nem mesmo para usufruir de coisas conquistadas, e a consequência é que nos tornamos pessoas cansadas física e mentalmente. Nossos corpos ficaram sujeitos às várias doenças físicas e psíquicas devido

a este cansaço que nos agride e que no seu pior grau, chegam a provocar até mesmo suicídios.

O consumismo se tornou característica deste mundo líquido moderno. O autor Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, contribui com sua crítica ao consumismo, pois segundo ele, é o que nos torna reféns de nós mesmos na sede de conquistas. Ao comparar suas ideias com as de Bauman é possível perceber que elas se complementam, pois os medos fizeram de nós pessoas que buscam cada vez mais consumir produtos ofertados no intuito de adquirir segurança, ou apenas para manter o sentimento de pertencimento a esta sociedade líquida.

A comunicação digital, também é um fator de destaque que se tornou muito comum como também um fator de grande influência pelas facilidades oferecidas pelo uso das redes sociais. Elas provocaram uma certa falta de respeito de pessoas consigo mesmas; não existe mais o privado, tudo que é feito se torna imediatamente um desejo de publicar e expor para o mundo. Na pior das hipóteses, o prazer de uma viagem com a família, ou um passeio com amigos, passou a estar mais nas fotos, nas postagens e nos likes do que no próprio evento. As redes sociais também têm outras formas de influenciar pessoas adeptas ao mundo virtual, que se tornou uma forma de encorajar as pessoas a protestarem contra ou a favor de fatos, ou de pessoas que podem cair nas graças de outras, da mesma forma que de um dia para o outro podem se tornar odiadas. As mobilizações ocorrem em redes sociais e atraem muitos adeptos ou os contrários a elas; porém são movimentos sem resultados, não atingem seus objetivos, e se tornam manifestações sem efeitos, como se não existissem. Byung-Chul Han, em sua obra *No Enxame* aborda esse tema e demonstra os perigos que as redes sociais nos oferecem.

O mundo virtual também se tornou mais fácil para criar relacionamentos, como também para destruí-los. Pessoas são incluídas ou excluídas com um simples apertar de teclas. Assemelha-se à morte simbólica das pessoas excluídas dos *reality shows* que Bauman relatou em sua obra. Dessa forma, as pessoas são excluídas sem que haja o sentimento de culpa e nem mesmo de luto por nenhuma das partes porque não há tempo para o luto, elas são rapidamente substituídas; as relações se tornaram mais solúveis do que se possa imaginar. O mundo líquido o qual Bauman quis nos alertar tem uma relação muito íntima com a tecnologia e as facilidades que o mundo moderno nos expôs e que parece cada vez mais se concretizar.

Se por um lado estamos vivendo o medo que nos afeta e nos provoca incertezas e inseguranças, por outro lado, como destacou Bauman, devemos manter sempre a esperança, pois, somos seres mutáveis e adaptáveis às imposições do mundo líquido moderno. A evolução da humanidade parece ter criado uma armadilha da qual nos tornamos presas fáceis e influenciáveis. Mas, a esperança é o que move as ideias e ações e que deve ser aliada ao conhecimento dos fatos, para então criarmos as nossas defesas e estarmos sempre agindo na busca do tão sonhado mundo melhor.

REFERÊNCIAS

AMADOR, F. O terremoto de Lisboa de 1755: coleções de textos do século XVIII. *História.Ciência.Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 39, janeiro/março 2007.

BAUMAN, Z. *Medo Líquido*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

BAUMAN, Z. *Vida Para Consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

BAUMAN, Z. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004c.

BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007d.

BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998e.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001f.

BELTRÃO, D. A. Da ordem econômica e social: uma abordagem histórica e principiológica. *Rev Fac Dir Sul de Minas, Pouso Alegre*, v. 25, n. 2:jul/dez 2009.

CALDEIRA, T. P. D. R. *Cidade de Muros - Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CARVALHO, E. R. *O Mundo Desencantado de Max*. Jusbrasil, 2019. Disponível em: <<https://elvisrodcarvalho.jusbrasil.com.br/artigos/662795005/o-mundo-desencantado-de-max-werber>>. Acesso em: 02 Mai. 2020.

CAVALLARI, M. M.; MANSUR, A. *Tragédia de Terceiro Mundo nos EUA - Lei da selva toma conta de Nova Orleans, submersa por causa da passagem do furacão Katrina*. *Época*, São Paulo, Ago. 2005.

CORDEIRO, M. V. M. et al. O superendividamento e vulnerabilidade dos aposentados e pensionistas: o uso do cartão de crédito e empréstimo consignado no estado de Goiás. *Revista Jurídica, Anápolis*, v. I, p. 15, Jun. 2015.

(COSTA, D. L. S; FILHO, E. V. S. Só é possível habitar o que se constrói: uma compreensão constitucionalmente adequada do direito fundamental à moradia no Brasil contemporâneo. *Revista do Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais da Unijuí – Ano XXIX – n.53 – jan./jun. 2020*, p. 125).

EXAME. Após 10 dias, China anuncia conclusão de hospital para tratar coronavírus. Mundo, 2020. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/apos-8-dias-china-anuncia-conclusao-de-hospital-para-tratar-coronavirus/>>. Acesso em: 03 Mai. 2020.

FABIO, A. C. 4 reflexões de Zygmunt Bauman, Das redes sociais o "mundo líquido". Nexo Jornal, 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/09/4-reflex%C3%B5es-de-Zygmunt-Bauman-das-redes-sociais-ao-%E2%80%98medo-1%C3%ADquido%E2%80%99>>. Acesso em: 02 Mai. 2020.

FERREIRA, R. A. Rosa Parks deflagrou luta pelos direitos civis dos negros nos EUA. Jornal USP, São Paulo, Maio 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/rosa-parks-deflagrou-luta-pelos-direitos-civis-dos-negros-nos-eua>>. Acesso em: 03 Mai. 2020.

DA SILVA FILHO, E. K; KALLAS FILHO, E. V. S. O constitucionalismo contemporâneo à brasileira: obstáculos e possibilidades em país de modernidade tardia. Contribuciones a las Ciencias Sociales. Outubro 2014. Disponível em: <www.eumed.net/rev/cccss/30/modernidade.html>. Acesso em: 30 Jun. 2020.

FONTENELLE, A. Em 1967, FGTS substituiu estabilidade no emprego. Agência Senado, Brasília, maio 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/05/05/em-1967-fgts-substituiu-estabilidade-no-emprego>>. Acesso em: 01 Mai. 2020.

FROMM, E. O Medo à Liberdade. 14^a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FULGÊNCIO, C. A; NASCIMENTO, W. F. Bioética de intervenção e justiça: olhares desde o sul. RBB. 2012; 8(1-4).

JONAS, H. O Princípio Responsabilidade-Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

LEÃO, I. Z. C; CASTRO, D. Sobre o “Medo Líquido”, de Zygmunt Bauman. UFPR; 2009; 5(18).

MARIM, D. C.; DA COSTA, M. Ele Está Entre Nós. Veja, São Paulo, v. 2676, Abr. 2020.

MARX, K. H; ENGELS, F. O Manifesto Comunista. Versão eBook Ed. Ridendo Castigat Mores (www.ebooksbrasil.com), fev. 2005.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, São Paulo, p. 22, Jan. 2008.

PAHO. COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). OPAS Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 02 Mai. 2020.

PEREIRA, C. C. Q; TRINDADE, R. Por uma bioética social, política e comprometida: contribuição da pesquisa social. *Amazôn., Rev. Antropol. (Online)* 10 (2): 2018.

PESSINI, L.; BARCHIVFONTAINE, C. D. P. Problemas atuais de Bioética. 7ª. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

PORTO, D; GARRAFA, V. Bioética de intervenção: considerações sobre a economia de mercado. *Rev Bioet.* 2005; 13(1).

REZENDE, E.; E SILVA, V. V. C. De Mariana a Brumadinho: a efetividade da responsabilidade civil ambiental para a adoção das medidas de evacuação. *Revista do Direito*, Santa Cruz do Sul, v. I, n. 57, p. 22, Jan. 2019.

SANTOS, J. F. D. O Que é Pós-Moderno. 1ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SAÚDE, A. Coronavírus: com 13 casos confirmados, Brasil monitora 768 suspeitos. *Saude*, 2020. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46501-coronavirus-com-13-casos-confirmados-brasil-monitora-768-suspeitos-2>>. Acesso em: 02 Mai. 2020.

SCHRAMM, F. R. Bioética da Proteção: ferramenta válida para enfrentar problemas morais na era da globalização (Artigos de Atualização). *Rev Bioet*, 16(1). 2008.

SCHRAMM, F. R. A bioética de proteção: uma ferramenta para a avaliação das práticas sanitárias? *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(5). 2017.

SCHRAMM, F. R. A bioética de proteção é pertinente e legítima? *Rev bioet (impr.)*. 19(3). 2011.

SIMIONI, R.; FERREIRA, M. Direito, risco e perigo: a decisão jurídica na perspectiva da sociedade do risco de Ulrich Beck. *Argumenta Journal Law*, Jacarezinho – PR, Brasil, n. 30, 2019, p. 109-130.

SIQUEIRA, J. E. D. Irreflexão e a banalidade do mal no pensamento de Hannah Arendt. *Bio&Thikos*, p. 9, 2011.

SOUZA, V. C. T. Bioética e espiritualidade na sociedade pós-moderna: desafios éticos para uma medicina mais humana [Artigo de revisão]. *Revista Bioethikos*. CUSC; 2010; 4(1).

SOUZA, W. “O Princípio responsabilidade” em Hans Jonas. Um desafio para a bioética numa contínua transcendência. *Rev Dpto Teologia PUC-Rio*. Ano XIV. Nº 35, maio/agosto. 2010.